Dr. D. Félix Sardá y Salvany

O LIBERALISMO É PECADO

Coleção Convivium

COLEÇÃO CONVIVIUM

1.ª SÉRIE — ESTUDOS POLÍTICOS, JURÍDICOS, ECONOMICOS E SOCIAIS. — VOL. 4

D. FELIX SARDÁ Y SALVANI

O LIBERALISMO É PECADO

1949

COMPANHIA EDITÔRA PANORAMA
RUA MARTINIANO DE CARVALHO, 187
CAIXA POSTAL, 4815 — SÃO PAULO

ÍNDICE

APROVAÇÃO DA SANTA SÉ 5
TRADUÇÃO PORTUGUÊSA 7
INTRODUÇÃO 9

O LIBERALSIMO É PECADO

I — Existe hoje algo que se chama Liberalismo? 15
II — Que é o Liberalismo? 17
III — Se é pecado o Liberalismo, e que pecado é 19
IV — Da especial gravidade do pecado Liberalismo 21
V — Dos diferentes gráus que pode haver e há dentro da unidade específica do Liberalismo 23
VI — Do chamado Liberalismo católico ou catolicismo liberal 27
VII — Em que consiste, principalmente a razão intrínseca do chamado Liberalismo católico 29
VIII — Sombra e penumbra, ou razão extrínseca desta mesma seita católico-liberal 32
IX — Outra distinção importante, isto é, do Liberalismo prático e do Liberalismo especulativo ou doutrinal 35
X — O Liberalismo de todo o matiz e carater tem sido formalmente condenado pela Igreja? 37
XI — Da última e mais solene condenação do Liberalismo pelo Syllabus 42
XII — De algo que, parecendo Liberalismo, não o é; — e de algo que o é, não o parecendo 44
XIII — Notas e comentários à doutrina exposta no capítulo anterior 48
XIV — Se em vista do que vai dito é ou não licito ao bom católico aceitar em bom sentido a palavra "Liberalismo" e em bom sentido gloriar-se de ser liberal 51

XXXII — Causas permanentes do Liberalismo na sociedade atual 127
XXXIII — Quais os remédios mais eficazes e oportunos que incumbe aplicar aos povos dominados pelo Liberalismo 129
XXXIV — Sinal claríssimo por onde se conhecerá fàcilmente o que procede de espírito puramente católico, e o que procede de espírito simplesmente afetado, ou radicalmente liberal 132
XXXV — Quais são os periódicos bons e quais os máus, e o que se há de julgar do bem que por ventura faça um periódico máu, e ao contrário do mal em que pode incorrer um periódico bom 136
XXXVI — Se algumas vêzes é recomendável a união entre católicos e liberais para um fim comum e em que condições 140
XXXVII — Se é ou não indispensável em cada caso particular recorrer ao veridicto concreto da Igreja e de seus Pastores para saber se um escrito ou pessoa devem repudiar-se e combater-se como liberais 145
XXXVIII — E que dizer da horrível seita do "Laicismo" que desde há pouco, no dizer de alguns, causa tão grave estragos no nosso país? 151
XXXIX — Se é mais conveniente defender em abstrato as doutrinas católicas contra o Liberalismo, ou defendê-las por meio de uma agrupação ou partido que as personifique 157
XL — Se é exagero não reconhecer como partido perfeitamente católico senão um partido radicalmente anti-liberal 160
XLI — Dá-se de passagem uma explicação muito clara e simples de um lema, por muitos mal compreendido, da "Revista Popular" 164
XLII — Uma observação muito prática e muito digna de tomar-se em conta sôbre o caráter aparentemente distinto que oferece o Liberalismo em distintos países e em diferentes períodos históricos de um mesmo país 167
XLIII — O que há sôbre a "tese" e a "hipótese" na questão do Liberalismo, de que tanto se tem falado nestes últimos tempos? 173

EPÍLOGO E CONCLUSÃO 178

Aprovação da Santa Sé

Ex Secr. Sac. Indices Congr. — Die 10 Januarii 1887.

Excelentissime Domine:

Sacra Indicis Congregatio accepet delationem Opuscoli cujus titulus *El Liberalismo es pecado* auctore D. Felice Sardá et Salvany, sacerdote hujus tuae diocesis, quae delatio repetita fuit una cum altero opusculo cui titulo *El proceso del intcgrismo,* id est, *refutacion de los errores contenidos en el opuscolo "El Liberalismo es pecado,* auctor hujus secundi opusculi est D. de Pazos canonicus dioecesis Vicensis. Quapropter eadem Sancta Congregatio maturo examine perpendit primum et alterum opusculum cum factis animadversionibus: sed in primo nil invenit contra sanam doctrinam, imo auctor ejusdem D. Félix Sardá laudem meretur eo quia solidis argumentis, ordine et claritate expositis, sanam doctrinam in materia subjecta proponat atque defendat absque cujus cumque personae offensione.

Verum non idem judicium fuit prolatum semper altero opusculo edito á D. de Pazos, non aliqua in re correctione indiget, et insuper approbari non potest modus lo quendi injuriosus quo auctor utitur magis contra personam D. Sardá, quam contra errores qui supponumtur in opusculo dicti scriptoris.

Hinc Sacra Congregatio mandavit ut D. de Pazos monitus a propio Ordinario, retrahat quantum fieri potest, dicti sui opusculi exemplaria, ac in posterum, si aliqua controversiarum quae oriri possunt fiat discussio, se abstineat á quibuscumque verbis injuriosis contra personas, sicuti vera Christi charitas docet: eo vel magis quod dum SSmus. D. N. P. P. Leo XIII valde commendat ut errores profligantur, tamen non amat neque approbat injurias in personas praesertim doctrina et pietate praestantes illatas.

Dum haec de mandato S. Indi. Congr. tibi communico ad hoc ut praeclaro tuo dioecesano D. Sardá ad animi sui quietem manifestare possis, omnia fausta ac felicia Domino adprecor et cum omni observantiae significatione subscribo.

Amplitudinis tuae.

Addictissimus famulus Fr. Hieronymus Pius Paccheri; O. P. S. Indi. Congr. a Secretis.

Ilmo. ac Revnd. Domino Jacobo Catalá et esposa, Episcopo Barcinonensi.

Tradução Portuguêsa

Da *Secretaria da S. C. do Index*, 10 *de Janeiro de* 1887.

Exmo. Sr.

A Sagrada Congregação do Índice recebeu a denúncia do opúsculo intitulado "*O liberalismo é pecado*", de D. Felix Sardá y Salvani, sacerdote dessa diocese; esta denúncia foi repetida juntamente com outro opúsculo intitulado *O processo do integrismo*, isto é, *refutação dos erros contidos no opúsculo "O liberalismo é pecado"*, sendo autor dêste segundo opúsculo D. de Pazos, cônego da diocese de Vich. Por isso a dita Congregação estudou com maduro exame um e outro opúsculo com as observações feitas; mas no primeiro nada encontrou contra a sã doutrina, antes o seu autor D. Felix Sardá y Salvani merece louvor, porque com argumentos sólidos, clara e ordenadamente expostos, propõe e defende a sã doutrina na matéria que trata, sem ofensa de nenhuma pessoa.

Não se formou porém o mesmo juízo acêrca do outro opúsculo publicado por D. de Pazos, porque necessita de correção em alguns pontos, e além disso não se pode aprovar o modo injurioso de falar usado pelo autor, mais contra a pessoa de Sardá que contra os erros que supõe no opúsculo dêste autor.

Em virtude disto a S. Congregação mandou que D. de Pazos seja *admoestado* pelo seu próprio Ordinário, para que retire quanto seja possível os exemplares do seu dito opúsculo; e para futuro, se se promover alguma discussão sôbre as controvérsias que se podem originar, abstenham-se de quaisquer palavras injuriosas contra as pessoas, segundo o ensina a verdadeira caridade de Cristo, tanto mais quanto o nosso SS.mo Padre Leão XIII, se recomenda muito que se combatam os erros, não quer nem aprova as injúrias feitas, principalmente a pessoas conspícuas em doutrinas e piedade.

Ao comunicar-vos isto por ordem da S. Congregação do Índice, a fim de que o possais comunicar ao vosso preclaro diocesano, o Sr. Sardá, para tranquilidade do seu espírito, peço a Deus vos dê tôda a prosperidade e ventura, e com a expressão de todo o meu respeito me subscrevo:

De Vossa Ex.a
Aditíssimo servidor

FR. JERONIMO PIO SACHERI
O. P. Secretário da
S. Congregação do Índice

Introdução

Não te assustes, pio leitor, nem comeces logo desde o princípio a mostrar má cara a êste opúsculo.

Nem largues com espanto o papel, pois que, por muito abrasadas e *candentes* que estejam *até ao rubro branco* as questões que nele ventilemos, tu e eu em amigavel conferência, não queimarás os dedos com elas, pois o fogo de que ali se trata é metáfora e nada mais.

Já sei, e em ar de desculpa mo vais dizer, que não és tu só que sentes invencivel repulsão e horror por tais matérias. Sei muito bem que vêio a ser esta uma mania ou enfermidade quase geral.

Mas diz-me em consciência: se fugimos do candente, quer dizer, do vivo e palpitante, contemporâneo e de atualidade, a que assuntos de algum interêsse há de consagrar-se a controvérsia católica? A combater inimigos que já morreram há séculos, e que como mortos e putrefatos jazem olvidados de tôda a gente no panteon da história? Ou a tratar a sério e com muita formalidade e grande afinco assuntos de hoje, é verdade porém acêrca dos quais não há opinião discordante nem hostilidade alguma contra os santos foros da verdade?

Por Deus! é para isto que nós os católicos nos chamamos soldados, e representamos como exército a Igreja, e chamamos capitão a Nosso Senhor? E será essa a vida de luta que sem cessar se nos está intimando

desde que pelo Batismo e Confirmação nos armaram cavaleiros de tão gloriosa milícia? Há de ser guerra de comédia em que se peleja contra inimigos pintados e fantásticos, com armas de pólvora sêca e espadas sem ponta, a que sòmente se exige que brilhem e façam vão ruído, porém, que não firam, nem causem aos contrários a menor lesão?

Não, por certo; pois que, se é verdade, como divina verdade é, o catolicismo, verdade são, e dolorosa verdade, os seus inimigos; verdade são, e sangrenta verdade, os seus combates; verdade hão de ser, e não pura fantasia de teatro, suas ofensivas e defensivas.

Em verdade, tais emprêsas devem acometer-se e levar-se a cabo; verdadeiras devem ser, pois, as armas que se usem, verdadeiros os golpes e reveses que se dêem, verdadeiras as feridas que se causem ou que se recebam.

Se abro a história da Igreja, em tôdas as suas páginas encontro escrita, com traços de vivo sangue muitas vezes, esta verdade. Cristo Deus, com inteireza sem igual, anatematizou a corrupção judáica, e frente a frente com as mais delicadas preocupações nacionais e religiosas da sua época, hasteou a bandeira da sua pregação, pagando-o com a vida.

Os Apóstolos, ao sair do Cenáculo, em dia de Pentecostes, não olharam aos perigos para lançar em rosto aos príncipes e magistrados de Jerusalém o assassínio jurídico do Salvador. Custou-lhes de pronto açoites, e depois a morte, o haver tocado essa, naqueles dias, tão *candente* questão.

E desde então a cada herói de nosso glorioso exército tornou famoso a respectiva questão candente, que lhe coube em sorte elucidar, a questão candente, a do dia e não a já fria e passada, que perdeu o interêsse, nem a futura ou vindoura, que jaz ainda nos segredos

do porvir. Os primeiros apologistas tiveram-nas corpo a corpo com o paganismo coroado e sentado nada menos que no trono imperial, — questão candente em que se arriscava a vida.

A Atanásio valeu perseguições, desterros, fugidas, ameaças de morte e excomunhões de falsos concílios, a candentíssima questão do Arianismo, que em seu tempo trouxe em conflagração todo o orbe.

E Agostinho, grande adaíl de tôdas as questões candentes do seu século, teve acaso medo, por sua incandescência, dos grandes problemas levantados pelo Pelagianismo?

Assim, de século em século, de época em época, a cada questão candente que o inimigo de Deus e do gênero humano fez saír incandescente das forjas infernais, destinou a Providência um homem, ou muitos homens, que como martelos de grande potência, batessem forte sôbre tais erros candentes. E bater sôbre êrro candente é bom bater; sôbre êrro frio não, porque é bater debalde.

Martelo dos simoníacos e concubinários da Alemanha foi Gregório VII; de Averróis e dos falsos aristotélicos, Tomás de Aquino; de Abailard, Bernardo de Claraval; dos Albigensis, Domingos de Gusmão; e assim até nossos dias: pois fôra longo percorrer a história passo a passo em comprovação de uma verdade que não merecia as honras de uma séria discussão se não houvesse por desgraça tantos infelizes empenhados em deixar obscurecida, à fôrça de levantar pé, a mesma evidência.

Basta pois dêste assunto, amigo leitor; e dando mais um pequeno passo, assim em segrêdo que ninguem nos ouça, te direi que, se cada século passado teve as suas questões candentes, também candentes e candentíssimas as deve ter sem dúvida o século atual. É

de necessidade. E uma delas, a questão das questões, a questão magna, a questão incandescente, que despede faíscas só ao tocá-la, é a questão do LIBERALISMO.

"Os perigos que nêstes tempos corre a fé entre o povo cristão são muitos (disseram há pouco os sábios e valorosos Prelados da província de Burgos); porém encerram-se todos num, que é, digamo-lo assim, o seu grande denominador comum, o Naturalismo. Chame-se Racionalismo, Socialismo, Revolução ou Liberalismo, será sempre por sua própria condição e essência a negação franca ou arteira, porém radical, da fé cristã, e por consequência importa evitá-la com diligência, como importa salvar as almas."

Com tão autorizada e gravíssima declaração temos oficialmente formulada a questão candente do nosso século. É verdade que não a havia formulado com menor, senão com muito maior autoridade e clareza, o grande Pio IX em cem repetidos documentos; nem com menos afinco a propôs há poucos dias ao mundo o nosso atual Pontífice Leão XIII, em sua Encíclica *Humanum genus*, que tanto deu, dá e dará que falar, e que talvez não seja ainda a última palavra da Igreja de Deus sôbre estas matérias.

E por que razão havia de ter o LIBERALISMO certo privilégio especial de respeito e quase de inviolabilidade sôbre tôdas as demais heresias que o precederam? Seria acaso porque na unidade de sua absoluta e radical negação da soberania divina as resume e compreende a tôdas? Ou porque mais que alguma outra estendeu por todo o corpo social a sua infecção e gangrena? Ou porque para justo castigo de nossos pecados, logrou o que algumas outras heresias não lograram, isto é, ser êrro oficial, legalizado, entronizado nos conselhos dos príncipes e prepotente na governação dos povos?

— Não; estas razões são precisamente as que hão de mover e forçar todo o bom católico a pregar e sustentar contra êle, custe o que custar, aberta e generosa cruzada. A êle, a êle que é o inimigo, a êle que é o lôbo, havemos de estar gritando a tôdas as horas, seguindo as instruções do universal Pastor, nós os que mais ou menos recebemos do Céu a missão de cooperar na salvação espiritual do rebanho.

Distendida fica a tela e principiada esta série de breves e familiares conferências. Não será porém sem haver antes declarado que todos e cada um dos pontos delas, até aos mais pequenos ápices, sujeitos ao infalível juizo da Igreja, único oráculo seguro de infalível verdade.

Sabbadell, mês do Santíssimo Rosário. — 1884.

O LIBERALISMO É PECADO

I

EXISTE HOJE ALGO QUE SE CHAMA LIBERALISMO?

Certamente: e parecerá ocioso que nos demoremos na demonstração dêste assêrto.

A não ser que todos nós, os homens de tôdas as nações da Europa e da América, regiões principalmente infestadas desta epidemia, tenhamos convencionado enganar-nos e fazer de enganados, existe hoje em dia no mundo uma escola, sistema, partido, seita, ou chamem-lhe como quiserem, que por amigos e inimigos é conhecida sob o nome de LIBERALISMO.

Os seus periódicos e associações e governos se apelidam, com tôda a franqueza, *liberais;* os seus adversários lançam-lho em rôsto, e êles não protestam, nem sequer o escusam ou atenuam. Mais ainda lê-se todos os dias que há correntes *liberais*, tendências *liberais*, reformas *liberais*, projetos *liberais*, personagens *liberais*, datas e recordações *liberais*, idéias e programas *liberais;* e pelo contrário chamam-se antiliberais, ou clericais, ou reacionários, ou ultramontanos, todos os conceitos opostos aos significados por aquelas expressões. Há,

pois, no mundo atual uma certa coisa que se chama Liberalismo e há também outra certa coisa que se chama *Antiliberalismo*. É, pois, como muito judiciosamente se tem dito, palavra de divisão, pois tem perfeitamente dividido o mundo em dois campos opostos.

Mas não é só palavra, pois a tôda a palavra deve corresponder uma idéia; nem só idéia, pois a tal idéia vemos que corresponde de fato tôda uma ordem de acontecimentos exteriores. Há, pois, Liberalismo, quer dizer, há doutrinas liberais e há obras liberais, e por conseguinte há homens liberais, que são os que professam aquelas doutrinas e praticam estas obras. E tais homens não são indivíduos isolados, mas que se conhecem e obram como agrupação organizada, com chefes reconhecidos, com dependência dêles, com um fim unanimemente aceite. O Liberalismo, pois, não é só palavra e doutrina e obra, mas é também uma seita.

Fica, pois, assentado que quando tratamos do Liberalismo e de liberais não estudamos sêres fantásticos ou puros concêitos de razão, mas verdadeiras e palpáveis realidades do mundo exterior. E bem verdadeiras e palpáveis por nossa desgraça!

Os nossos leitores sem dúvida terão observado que a primeira preocupação que se nota nos tempos de epidemia é sempre a de pretender que não existe tal epidemia. Não há memória, nas diferentes que nos têm afligido no século atual, ou nos séculos passados, de que nem uma só vez tenha deixado de se apresentar êste fenômeno. A enfermidade tem já devorado no silêncio grande número de vítimas quando se começa a reconhecer que existe, dizimando a povoação. As participações oficiais são, algumas vezes, as mais entusiastas propaladoras da mentira; e tem-se dado casos em que por parte da autoridade se tem chegado a impôr penas aos que afirmassem que o contágio era verdade. Aná-

logo é o que acontece na ordem moral de que estamos tratando. Depois de cincoenta anos, ou mais, de viver em pleno Liberalismo, temos ouvido a pessoas respeitabilíssimas perguntar com assombro e candidez: "— Que! Tomais a sério isso de Liberalismo? Não serão, porventura, exagerações apenas do rancor político? Não seria melhor omitir esta palavra que nos divide e irrita?" — Tristíssimo sinal quando a infecção está de tal sorte na atmosfera que, pelo hábito, já não a sentem a maior parte dos que a respiram!

Há, pois, Liberalismo, caro leitor; e disto não duvides nunca.

II

QUE É O LIBERALISMO?

Ao estudar um objeto qualquer, depois da pergunta *an sit?* faziam os antigos escolásticos a seguinte: *Quid sit?* e esta é a de que nos vamos ocupar no presente capítulo.

O que é o Liberalismo? Na ordem das idéias é um conjunto de idéias falsas; na ordem dos fatos é um conjunto de fatos criminosos, consequência prática daquelas idéias.

Na ordem das idéias o Liberalismo é o conjunto do que chamam princípios liberais com as consequências lógicas que dêles se derivam. Princípios liberais são: a absoluta soberania do indivíduo com inteira independência de Deus e da sua autoridade; soberania da sociedade com absoluta independência do que não provenha dela mesma; soberania nacional, isto é, o direito do povo para legislar e governar-se com absoluta independência de todo o critério que não seja o

da sua própria vontade expressa primeiro pelo sufrágio e depois pela maioria parlamentar; liberdade de pensamento sem limitação alguma em política, em moral ou em religião; liberdade de imprensa, igualmente absoluta ou insuficientemente limitada; liberdade de associação com igual latitude. Êstes são os chamados princípios liberais no seu mais crú radicalismo.

O fundo comum de todos êles é o racionalismo *individual*, ou racionalismo *político*, e o racionalismo *social*. Derivam-se dêles a *liberdade de cultos* mais ou menos limitada; a supremacia do Estado em suas relações com a Igreja; o ensino leigo ou independente sem nenhum laço com a religião; o matrimônio legalizado e sancionado pela intervenção exclusiva do Estado; a sua última palavra, a que abarca tudo e tudo sintetiza, é a palavra *secularização*, quer dizer, a não intervenção da religião em nenhum ato de vida pública, verdadeiro ateismo social, que é a última consequência do Liberalismo.

Na ordem dos fatos o Liberalismo é um conjunto de obras inspiradas por aquêles princípios e reguladas por êles. Como, por exemplo, as leis de desamortização, a expulsão das ordens religiosas; os atentados de todo o gênero oficiais e extra-oficiais, contra a liberdade da Igreja; a corrupção e o êrro pùblicamente autorizado na tribuna, na imprensa, nas diversões, nos costumes; a guerra sistemática ao catolicismo, que apodam com os nomes de clericalismo, teocracia, ultramontanismo, etc., etc.

É impossível enumerar e classificar os fatos que constituem o proceder prático liberal, pois compreendem desde o ministro e o diplomata, que legislam ou intrigam, até ao demagogo, que perora no clube ou assassina na rua; desde o tratado internacional ou a guerra iníqua que usurpa ao Papa o seu prin-

cipado temporal, até à mão cobiçosa que rouba o dote da religiosa, ou se apodera da alâmpada do altar; desde o livro profundo e sabichão que se dá como texto na Universidade ou no instituto, até à vil caricatura que regosija os frequentadores de taberna. O Liberalismo prático é um mundo completo de máximas, modas, artes, literatura, diplomacia, leis, maquinações e atropelamentos completamente seus. É o mundo de Lusbel, hoje disfarçado com aquele nome, e em radical oposição e luta com a sociedade dos filhos de Deus, que é a Igreja de Jesus Cristo.

Eis aqui, pois, retratado, como doutrina e como prática, o Liberalismo.

III

SE É PECADO O LIBERALISMO, E QUE PECADO É

O Liberalismo é pecado, quer se considere na ordem das doutrinas, quer na ordem dos fatos.

Na ordem das doutrinas é pecado grave contra a fé, porque as suas doutrinas são *heréticas*. Na ordem dos fatos é pecado contra os diversos mandamentos da lei de Deus e da sua Igreja, porque a todos viola. Mais claro. Na ordem das doutrinas o Liberalismo é a heresia universal e radical, porque as compreende tôdas; na ordem dos fatos é a infração radical e universal, porque a tôdas autoriza e sanciona.

Procedamos por parte na demonstração. Na ordem das doutrinas o Liberalismo é heresia. *Heresia* é tôda a doutrina que nega com negação formal e pertinaz um dogma da fé cristã. O Liberalismo doutrina nega-os a todos, primeiramente em geral, e depois a cada um em particular. Nega-os a todos em geral

quando afirma ou supõe a independência absoluta da razão individual no indivíduo, e da razão social ou critério público na sociedade. Dizemos *afirma*, ou *supõe*, porque às vezes nas consequências secundárias não se afirma o princípio liberal, mas dá-se já por suposto ou admitido. Nega a jurisdição absoluta de Cristo Deus sôbre os indivíduos e as sociedades, e por consequência a jurisdição delegada que sôbre todos e cada um dos fiéis, de qualquer condição e dignidade que sejam, recebeu de Deus, o Cabeça visível da Igreja.

Nega a necessidade da divina revelação, e a obrigação que tem o homem de a admitir, se quer alcançar o seu último fim. Nega o motivo formal da fé, isto é, a autoridade de Deus que revela, admitindo da doutrina revelada só aquelas verdades que o seu curto critério alcança. Nega o magistério infalível da Igreja e do Papa, e portanto tôdas as doutrinas por êle definidas e ensinadas. E, depois desta negação geral e em globo, nega cada um dos dogmas, parcialmente ou em concreto, à medida que, segundo as circunstâncias, os encontra opostos ao seu critério racionalista. Assim, nega a fé recebida no batismo quando admite a igualdade de cultos; nega a santidade do matrimônio quando sustenta a doutrina do chamado matrimônio civil; nega a infalibilidade do Pontífice Romano quando recusa admitir como lei os seus mandatos e ensinamentos e ensinos oficiais, sujeitando-os ao seu passe ou *exequatur*, não como no princípio para assegurar-se da sua autenticidade, mas para julgar do seu conteúdo.

Na ordem dos fatos é imoralidade radical. E isto porque destrói o princípio ou regra fundamental de tôda a moralidade, que é a razão eterna de Deus impondo-se à razão humana; canoniza o absurdo princípio da moral independente, que é no fundo a moral sem lei, ou o que é o mesmo, a moral livre, uma moral que não é moral,

pois a idéia de moral, além da sua condição diretiva, encerra *essencialmente* a idéia de restrição ou limitação. Demais, o Liberalismo é todo imoralidade, porque em seu processo histórico cometeu e sancionou como lícita a infração de todos os mandamentos, desde o que ordena o culto de um só Deus, que é o primeiro do Decálogo, até ao que prescreve o pagamento dos direitos temporais à Igreja que é o último dos cinco desta.

Por isto se pode dizer que o Liberalismo, na ordem das idéias, é êrro absoluto, e na ordem dos fatos, desordem absoluta. E por ambos os conceitos é pecado, *ex genere suo* gravíssimo: é pecado mortal.

IV

DA ESPECIAL GRAVIDADE DO PECADO LIBERALISMO

Ensina a teologia católica que nem todos os pecados graves são igualmente graves, ainda dentro da sua condição essencial, que os distingue dos pecados veniais. Há graus no pecado, ainda dentro da categoria de pecado mortal, como há graus na obra boa dentro da categoria de obra boa e ajustada à lei de Deus. Assim o pecado direto contra Deus, como a blasfêmia, é pecado mortal mais grave em si, do que o pecado direto contra o homem, como é o roubo. Pois bem, à exceção do ódio *formal* contra Deus, que é o maior dos pecados e que raríssimas vezes se comete pela criatura, a não ser no inferno, os pecados mais graves de todos são os pecados contra a fé! A razão é evidente. A fé é o fundamento de tôda a ordem sobrenatural; o pecado é tal enquanto ataca qualquer dos pontos desta ordem sobrenatural; é, pois, pecado máximo o que ataca o fun-

damento máximo daquela ordem. Um exemplo esclarecerá. Se se dá um golpe numa árvore cortando-lhe qualquer dos seus ramos, faz-se-lhe maior golpe, quanto mais importante é o ramo que se corta; dá-se-lhe golpe máximo ou radical, se se corta a árvore pelo seu tronco ou raiz. Santo Agostinho, citado por São Tomás falando do pecado contra a fé, diz com precisão incontestável: *Hoc est peccatum quo tenentur cuncta peccata*: "pecado é êste em que se contém todos os pecados". E o mesmo Anjo das Escolas discorre sôbre êste ponto, como sempre, com sua costumada clareza. "Um pecado, diz êle, é tanto mais grave, quanto por êle o homem mais se separa de Deus. Pelo pecado contra a fé o homem separa-se o mais que pode de Deus, pois priva-se do seu verdadeiro conhecimento: por onde, conclui o santo Doutor, o pecado contra a fé é o maior que se conhece.

Todavia, é maior ainda o pecado contra a fé, quando não é simplesmente carência culpável desta virtude e conhecimento, mas negação e combate formal contra dogmas formal e expressamente definidos pela revelação divina. Então o pecado contra a fé, de si gravíssimo, adquire uma gravidade maior, que constitui o que se chama *heresia*. Inclui tôda a malícia da infidelidade, mais, o protesto expresso contra um ensinamento da fé, ou adesão expressa a um ensino que por falso e errôneo é condenado pela mesma fé. Acrescenta ao pecado gravíssimo contra a fé a obstinação e contumácia nele, e uma certa orgulhosa preferência da própria razão sôbre a razão de Deus.

Portanto, as doutrinas heréticas e as obras heréticas constituem o maior pecado de todos, à exceção do ódio formal a Deus, do qual, como já dissemos, só são capazes, comumente, o demônio e os condenados.

Conseguintemente, o Liberalismo, que é heresia, e as obras liberais, que são obras heréticas, constituem o pecado máximo que se conhece no código da lei cristã.

Logo (salvo os casos de boa fé, de ignorância e indeliberação), ser liberal é maior pecado do que ser blasfemo, ladrão, adúltero ou homicida, ou qualquer outra coisa das que a lei de Deus proíbe e a sua justiça infinita castiga.

Não o entende assim o moderno Naturalismo; mas sempre assim o creram as leis dos Estados cristãos até ao advento da presente era liberal, assim o prossegue ensinando a lei da Igreja, e assim o continúa julgando e condenando o tribunal de Deus. Sim, a heresia e as obras heréticas são os piores pecados de todos; e por isso o Liberalismo e os atos liberais são, *ex genero suo*, o mal sôbre todo o mal.

V

DOS DIFERENTES GRAUS QUE PODE HAVER E HÁ DENTRO DA UNIDADE ESPECÍFICA DO LIBERALISMO

O Liberalismo, como sistema de doutrinas, pode chamar-se *escola;* como organização de adeptos para difundi-las e propagá-las; seita como agremiação de homens dedicados a fazê-las prevalecer na esfera do direito público, *partido*. Porém, ou se considere como escola, ou como seita, ou como partido, o Liberalismo oferece dentro da sua unidade lógica e específica vários graus ou matizes que ao teólogo cristão convém estudar e expôr.

Primeiro que tudo convém fazer notar que o Liberalismo é *uno*, isto é, constitui um organismo de erros

perfeita e lògicamente concatenados, razão por que se chama *sistema*. Com efeito, partindo do princípio fundamental de que o homem e a sociedade são perfeitamente autônomos ou livres, com absoluta independência de todo outro critério natural ou sobrenatural, que não seja o individual, segue-se, por uma perfeita ilação de consequências, tudo o que em nome dêle proclama a demagogia mais avançada.

A Revolução só tem de grande a sua inflexível lógica. Até os atos mais despóticos que executa em nome da liberdade, e que à primeira vista todos tachamos de monstruosas inconsequências, obedecem a uma lógica altíssima a superior. Pois que, reconhecendo a sociedade por única lei social o critério da maioria, sem outra norma ou regulador, como poderá negar-se ao Estado o perfeito direito de cometer quaisquer tropelias contra a Igreja tôdas as vezes que, segundo aquêle seu único critério social, seja conveniente cometê-las? Admitindo-se que a razão está sempre da parte da maioria, fica por êsse modo admitida como única lei a do mais forte; e portanto muito lògicamente se pode chegar até às últimas brutalidades.

Mas, apesar desta unidade lógica do sistema, os homens não são lógicos sempre; e isto produz dentro daquela mesma unidade a mais assombrosa variedade, ou gradação de tintas. As doutrinas derivam necessàriamente e por virtude própria umas das outras; os homens porém são comumente ilógicos e inconsequentes.

Os homens, levando até às últimas consequências os seus princípios, deveriam ser todos santos, quando os princípios fossem bons; e todos demônios do inferno, quando os princípios fossem maus. É a inconsequência que, dos homens bons e maus, faz bons a meia bondade, e maus que o não são inteiramente.

Aplicando estas observações ao presente assunto do Liberalismo, diremos que liberais completos se encontram relativamente poucos, louvores a Deus; o que não obsta a que os outros, sem mesmo haverem chegado ao último limite da depravação liberal, sejam contudo verdadeiros liberais, isto é, verdadeiros discípulos, sectários ou partidários do Liberalismo, considerado como escola, seita ou partido.

Examinemos estas variedades da família liberal.

Há liberais, que aceitam os princípios, rejeitam porém as conseqüencias, pelo menos, as mais duras e extremas.

Outros, aceitam uma ou outra conseqüencia, ou aplicação que lhes agrada, fazendo-se porém escrupulosos em aceitar radicalmente os princípios.

Quereriam uns o Liberalismo aplicado sòmente ao ensino; outros à economia civil; outros apenas às formas políticas. Só os mais avançados apregôam a sua natural aplicação a tudo e para tudo.

As restrições e mutilações do *credo* liberal são tantas, quantos os interêsses por sua aplicação prejudicados ou favorecidos; pois existe geralmente o êrro de crer que o homem pensa com a inteligência quando o mais vulgar é que pensa com o coração, e muitas vezes também com o estômago.

Daqui os diferentes partidos liberais que apregôam Liberalismo de mais ou menos graus, como mais ou menos graduada, a gosto do consumidor, expõe o taberneiro a sua aguardente.

Daqui o não haver liberal para quem o vizinho mais avançado não seja um brutal demagogo, ou o menos avançado um furibundo reacionário. É assunto de escala alcoólica, e nada mais.

Assim pois, tanto os que hipòcritamente batizaram em Cadiz o seu Liberalismo com a invocação da San-

tíssima Trindade, como os que nestes últimos tempos lhe deram por emblema: — *Guerra a Deus!* estão todos dentro da tal escala liberal; e a prova é que todos aceitam e em última análise invocam êste denominador comum. O critério liberal ou independente é um entre êles, ainda que sejam em cada um mais ou menos acentuadas as aplicações.

De que depende esta maior ou menor acentuação? — Dos interêsses muitas vezes; do temperamento não poucas; de certas influências de educação, que impedem uns de tomar o passo precipitado que tomam outros; de respeitos humanos talvez, ou considerações de família; de relações ou amizades contraídas, etc., etc. Isto sem contar a tática satânica que às vezes aconselha o homem a não propalar uma idéia para não produzir alarme, e para lograr torná-la mais viável e insinuante; o que sem juízo temerário se pode afirmar de certos liberais conservadores, em quem o conservador não costuma ser mais que a máscara ou disfarce do franco demagogo. Contudo, na generalidade dos semiliberais, a caridade pode supôr certa dose de candura e de natural *bonhomie* ou bobice, que se não os faz de todo irresponsáveis, como diremos depois, obriga não obstante a ter-se para com êles alguma compaixão.

Fica pois averiguado, curioso leitor, que o Liberalismo é um só; há porém liberais, como o mau vinho, de diferente côr e sabor.

VI

DO CHAMADO LIBERALISMO CATÓLICO OU CATOLICISMO LIBERAL

De tôdas as inconsequências e antinomias que se encontram nas escalas médias do Liberalismo, a mais repugnante de tôdas e a mais odiosa é a que pretende nada menos que a união do Liberalismo com o Catolicismo, para formar o que se conhece na história dos modernos desvarios pelo nome de *Liberalismo Católico* ou *Catolicismo liberal*. O que não obsta tenham pago tributo a êste absurdo inteligências preclaras e corações honradíssimos, que não podemos deixar de crer bem intencionados. O Liberalismo teve sua época de moda e prestígio, que, graças ao céu, vai passando, ou já passou.

Êste funesto êrro teve princípio num desejo exagerado de estabelecer conciliação e paz entre doutrinas, que forçosamente e por sua essência são inconciliáveis e inimigas.

O Liberalismo é o dogma da independência absoluta da razão individual e social: o Catolicismo é o dogma da sujeição absoluta da razão individual e social à lei de Deus. Como conciliar o *sim* e o *não* de tão opostas doutrinas?

Aos fundadores do Liberalismo católico pareceu coisa fácil. Excogitaram uma razão individual, ligada à lei do Evangelho, porém, coexistindo com ela uma razão pública ou social livre de tôda a coerção. Disseram: "O Estado, como tal, não deve ter religião, ou deve tê-la sòmente até certo ponto, que não vá incomodar os que não queiram tê-la. Assim, pois, o cidadão particular deve sujeitar-se à revelação de Jesus

Cristo; porém o homem público pode, como tal, portar-se como se para êle não existira a dita revelação."

Desta maneira forjaram a célebre fórmula: *A Igreja livre no Estado livre,* fórmula para cuja propagação e defesa se ajuramentaram em França vários católicos insignes, entre êles um ilustre Prelado; fórmula, que devia ser suspeita, desde que a tomou Cavour para arvorá-la em bandeira da revolução italiana contra o poder temporal da Santa Sé; fórmula, de que, apesar do seu evidente desastre, não consta que seus autores se hajam retratado ainda.

Não chegaram a ver êstes esclarecidos sofistas, que, se a razão individual era obrigada a submeter-se à lei de Deus, não podia declarar-se isenta dela a razão pública ou social sem cair num dualismo extravagante, que submete o homem à lei de dois critérios opostos e de duas opostas consciências. Pois que a distinção do homem, em particular e cidadão, obrigando-o no primeiro caso a ser cristão e permitindo-lhe ser ateu no segundo, caiu imediatamente por si sob o pêso esmagador da lógica integralmente católica. O *Syllabus,* de que adiante falaremos, acabou de a desfazer sem remissão.

Ficou todavia desta brilhante, porém funestíssima, escola um ou outro discípulo tardio, que, não se atrevendo já a sustentar paladinamente a teoria católico-liberal, de que fôra outrora fervoroso panegirista, segue-a contudo, obedecendo-lhe ainda na prática, talvez sem se aperceber de que se propõe pescar com rêdes, que, por velhas e conhecidas, o diabo mandou já recolher.

VII

EM QUE CONSISTE PRINCIPALMENTE, A RAZÃO INTRÍNSECA DO CHAMADO LIBERALISMO CATÓLICO

Se bem refletimos, a essência íntima do Liberalismo chamado católico, por outras palavras, Catolicismo liberal, consiste provàvelmente apenas num falso conceito do *ato de fé*.

Segundo o seu modo de pensar, os católicos liberais parece que fundamentam todos os motivos da sua fé, não na autoridade de Deus, infinitamente verdadeiro e infalível, que se dignou revelar-nos o caminho único que nos há de conduzir à bemaventurança sobrenatural, — mas na livre apreciação de um juizo individual, que lhes dita ser melhor uma crença, que outra qualquer.

Não querem reconhecer o magistério da Igreja, único autorizado por Deus para propôr aos fiéis a doutrina revelada e determinar-lhe o sentido genuino; antes, arvorando-se êles em juizes da doutrina, admitem a parte que bem lhes parece, reservando-se não obstante o direito de crer na contrária, sempre que razões aparentes pareçam provar-lhes ser hoje falso o que ontem aceitavam como verdadeiro.

Para refutação de semelhante teoria basta conhecer a doutrina fundamental *De fide*, exposta sôbre esta matéria pelo Santo Concílio do Vaticano.

Demais, chamam-se católicos porque crêem firmemente que o Catolicismo é a única verdadeira revelação do Filho de Deus; porém chamam-se católicos liberais, ou católicos livres, porque julgam que esta sua crença não lhes deve ser imposta a êles, nem a ninguém, por outro motivo superior, senão o da sua livre

apreciação. Donde resulta que, sem o presentirem, o diabo lhes substituiu inteiramente o princípio sobrenatural da fé pelo princípio naturalista do livre exame; e assim, ainda que julguem ter fé nas verdades cristãs, não a têm, mas apenas simples convicção humana; o que é essencialmente distinto.

A conseqüencia é que julgam a sua inteligência livre em crer ou não crer, e igualmente livre a de todos os outros.

Na incredulidade, pois, não vêem um vício, enfermidade ou cegueira voluntária do entendimento e mais ainda do coração, mas sim um ato lícito da jurisprudência interna de cada um, tão senhor de si para crer, como para não admitir crença alguma. Por isso, coaduna-se com este princípio o horror a tôda a pressão moral ou física, que externamente venha a castigar ou prevenir a heresia; e daí o horror às legislações civis francamente católicas. Daí o respeito sumo, com que entendem dever ser tratadas sempre as convicções alheias, ainda as mais opostas à verdade revelada; pois para êles são tão sagradas quanto errôneas como quando verdadeiras, visto que tôdas nascem do mesmo sagrado princípio de liberdade intelectual, em vista do qual se erije em dogma o que se chama tolerância e se dita para a polêmica católica contra os herejes um novo código de leis, que nunca conheceram os grandes polemistas católicos da antiguidade.

Sendo essencialmente naturalista o conceito primário da fé, segue-se daí que há de ser naturalista todo o seu desenvolvimento no indivíduo e na sociedade. Daí o apreciar-se a Igreja, principal e quase exclusivamente às vezes, pelas vantagens de cultura e civilização que proporciona aos povos, esquecendo e quase nunca citando para nada o seu fim primário sobrenatural, que é a glorificação de Deus e a salvação das almas. Daquele

falso concêito aparecem eivadas várias apologias católicas, que se escrevem na época atual. De sorte que, para essas tais, se o Catolicismo tivesse por infelicidade ocasionado algures um atraso material para os povos, já não seria verdadeira nem louvável, em boa lógica, uma tal religião. E tanto assim podia ser, que, indubitàvelmente para alguns indivíduos e famílias tem sido ocasião de verdadeira ruína material a fidelidade à sua religião, sem que ela por isso deixasse de ser coisa muito excelente e divina.

É êste o critério que dirige a pena da maior parte dos periódicos liberais, que, se lamentam a demolição dum templo, só apontam nisso a profanação da arte; se advogam as ordens religiosas, não fazem mais que ponderar os benefícios que prestaram às letras; se exaltam a Irmã da Caridade é apenas em consideração aos humanitários serviços com que suaviza os horrores da guerra; se admiram o culto, é apenas em atenção ao seu brilho exterior e à sua poesia; se na literatura católica respeitam as Sagradas Escrituras, é fixando-se apenas na sua magestosa sublimidade.

Dêste modo de encarecer as coisas católicas ùnicamente por sua grandeza, beleza, utilidade ou excelência material, segue-se em boa lógica que merece iguais louvores o êrro, quando reunir tais condições, como sem dúvida as reune aparentemente em mais de uma ocasião algum dos falsos cultos.

A maléfica ação dêste princípio naturalista até chega à piedade, convertendo-a em verdadeiro *pietismo*, isto é, em falsificação da piedade verdadeira. Assim o vemos em tantas pessoas, que não buscam nas práticas religiosas mais que a emoção, o que é puro sensualismo da alma e mais nada. Assim aparece inteiramente desvirtuado hoje em dia em muitas almas o *ascetismo* cristão, que é a purificação do coração por

meio do enfraquecimento dos apetites, e desconhecido o *misticismo* cristão, que não é a emoção, nem a consolação interior, nem alguma outra dessas delícias humanas, senão a união com Deus por meio da sujeição à sua santíssima vontade, e por meio do amor sobrenatural.

Por isso é catolicismo liberal, ou melhor, catolicismo falso, grande parte do Catolicismo usado hoje por certas pessoas. Não é Catolicismo, é mero Naturalismo, é Racionalismo puro, é Paganismo com linguagem e formas católicas, se nos permitem a expressão.

VIII

SOMBRA E PENUMBRA, OU RAZÃO EXTRÍNSECA DESTA MESMA SEITA CATÓLICO-LIBERAL

Havendo analisado no capítulo anterior a razão intrínseca, ou formal, como quiserem chamar-lhe, do Liberalismo católico, passemos a examinar agora a que poderíamos chamar sua razão extrínseca, histórica ou material, se a nossos leitores agradar mais esta última classificação escolástica.

As heresias que estudamos hoje, no dilatado curso dos séculos que medeiam entre a vinda de Jesus Cristo e os tempos em que vivemos, apresentam-se-nos à primeira vista, como pontos clara e definidamente circunscritos a seu respectivo período histórico, podendo-se, segundo parece, demarcar como a compasso o ponto onde começam e onde terminam, isto é, a linha geométrica que separa êstes pontos negros do restante campo iluminado em que se ostentam.

Porém, esta apreciação, se bem advertirmos, não passa de uma ilusão da distância.

Um estudo mais detido, que com a lente de uma boa crítica nos acerque daquelas épocas, e ponha em verdadeiro contato intelectual com elas, nos permitirá observar que nunca em algum desses períodos históricos aparecem assaz geomètricamente definidos os limites que separam o êrro da verdade, — não na realidade dela, porque esta, claramente formulada, a dá a definição da Igreja, mas na sua apreensão e profissão externa, isto é, no modo por que a respectiva geração se houver negá-la ou professá-la com mais ou menos franqueza.

O êrro na sociedade é como uma feia nódoa numa tela de primoroso tecido.

Vê-se claramente, mas custa precisar-lhe os limites; são vagas suas fronteiras, como os crepúsculos que separam o dia que finda da noite que se avizinha, e por sua vez a noite que passa do dia que renasce. Precedem o êrro, que é negra sombra, seguem-no e rodeiam-no umas como vagas penumbras que podem tomar-se às vezes pela mesma sombra, iluminada todavia por um outro reflexo de luz moribunda, ou pela mesma luz, empanada e obscurecida já pelas primeiras sombras.

Assim, todo o êrro claramente formulado na sociedade cristã, teve em volta de si outra como atmosfera do mesmo êrro, porém, menos denso e mais tênue e moderado.

O arianismo teve o seu semi-arianismo; o pelagianismo o seu semipelagianismo; o luteranismo feroz o seu jansenismo, que não foi mais que um luteranismo moderado.

Assim, na época presente, o Liberalismo radical tem em volta de si o seu correspondente semiliberalismo, que outra coisa não é a seita católico-liberal, que estamos analisando.

É o que o *Syllabus* chamou um racionalismo moderado; é o Liberalismo sem a franca rudeza de seus pri-

meiros princípios a descoberto, e sem o horror de suas últimas consequências; é o Liberalismo, para uso dos que não consentem todavia em deixar de parecer ou crer-se católico; é o Liberalismo, triste crepúsculo da verdade que começa a obscurecer-se no entendimento, ou da heresia que não chegou ainda a ganhá-lo e possuí-lo completamente.

Observamos com efeito que costumam ser católicos liberais os católicos que vão deixando de ser firmes católicos, e os liberais puros, que desenganados em parte dos seus erros, não acabaram todavia de entrar em cheio nos domínios da verdade íntegra.

É êste além disso o meio sutil e engenhosíssimo que encontrou sempre o diabo para reter em sua sujeição muitos que de outro modo teriam aborrecido devéras, se bem as conheceram as suas maquinações, infernais.

Consiste êste meio satânico em permitir que tenham um pé no terreno da verdade, contanto que tenham o outro já completamente no campo oposto.

Assim evitam o salutar horror do remorso os que não têm ainda completamente calejada a consciência; e livram-se além disso dos compromissos, que importa sempre tôda a resolução decisiva, os espíritos fracos e vacilantes, que são o que mais se encontram. Assim, conseguem os utilitários figurar, segundo lhes convém, um pouco em cada campo fazendo por aparecer em ambos como amigos e filiados; assim pode finalmente o homem dar um como paliativo oficial e reconhecido à maior parte de suas fraquezas e inconsequências.

Talvez não tenha ainda sido devidamente estudada por êste lado a presente questão, na história antiga e contemporânea; lado, que, se é o menos nobre, é por isso mesmo o mais prático, já que por infelicidade, no menos nobre e elevado é que muitas vezes

se encontra o mecanismo secreto da maior parte dos fenômenos humanos. Pela nossa parte, pareceu-nos conveniente fazer aqui esta indicação, deixando a inteligências mais experimentadas e sutis o cuidado de ampliá-la e desenvolvê-la por completo.

IX

OUTRA DISTINÇÃO IMPORTANTE, ISTO É, DO LIBERALISMO PRÁTICO E DO LIBERALISMO ESPECULATIVO OU DOUTRINAL

Ensina-se em Filosofia e em Teologia que há duas espécies de ateísmo: um doutrinal e especulativo, outro prático. Consiste o primeiro em negar franca e redondamente a existência de Deus, pretendendo anular ou desconhecer as provas irrefragáveis em que se fundamenta. Consiste o segundo em viver e obrar, sem negar a existência de Deus, porém como se Deus realmente não existira. Os primeiros chamam-se ateus teóricos ou doutrinais, os segundos ateus práticos, e são os que mais abundam.

O mesmo acontece com o Liberalismo e com os liberais. Há liberais teóricos e liberais práticos. Os primeiros são os dogmatizadores da seita: — Filósofos, catedráticos, deputados e jornalistas, que ensinam o Liberalismo em seus livros, discursos ou artigos; que defendem tal doutrina com argumentos e autoridade, e com afinco a um critério racionalista, em oposição dissimulada ou manifesta com o critério da divina e sobrenatural revelação de Jesus Cristo.

Os liberais práticos são a grande maioria do grupo, os simplórios, que crêem a pé quêdo o que dizem os mestres, ou que sem crença alguma seguem dóceis a

quem os leva, e sempre ligados ao seu compasso. Não sabem nada de principios nem de sistemas, e quiçá até os detestariam se lhes conheceram a deformidade. Não obstante, são as mãos que obram, como ós teóricos as cabeças que dirigem. Sem êles não saira o Liberalismo do recinto das academias; são os que lhe dão vida e movimento exterior. Pagam o periódico liberal; votam no candidato liberal; apóiam as situações liberais, e vitoriam seus personagens, celebrando suas festas e aniversários. São a matéria-prima do Liberalismo, disposta a receber qualquer forma e a servir sempre para qualquer tropelia.

Muitos dêles iam à Missa, e mataram os frades; mais tarde assistiam às novenas e davam carreira eclesiástica a seus filhos, e compravam propriedades de desamortização; hoje rezam talvez o Breviário, e votam no deputado livre-cultista. Formularam para si uma como certa lei de viver com o século, e crêem, (ou querem crer) que andam bem assim.

Mas exime-os isto de responsabilidade e culpa diante de Deus?

— Não, por certo, como veremos depois.

Liberais práticos são também os que retraindo-se de explanar a teoria liberal, que sabem estar já desacreditada para certos entendimentos, procuram todavia sustentá-la com o procedimento prático de todos os dias, escrevendo e perorando à liberal; propondo e elegendo candidatos liberais; elogiando e recomendando seus livros e pessoas; julgando sempre dos acontecimentos, segundo o critério liberal; e manifestando sempre ódio a tudo que tenda a desacreditar ou menosprezar o seu querido Liberalismo.

Tal é a conduta de muitos jornalistas *prudentes*, a quem dificilmente se encontrará no delito de formular proposições concretamente liberais, porém que, não

obstante, em tudo o que dizem ou calam não deixam de fazer a maldita propaganda sectária. É êste o mais venenoso de todos os réptis liberais.

X

O LIBERALISMO DE TODO O MATIZ E CARATER TEM SIDO FORMALMENTE CONDENADO PELA IGREJA?

Sim: o Liberalismo em todos os seus graus e aspectos está formalmente condenado pela Igreja. De modo que, além das razões de malícia intrínseca que o tornam mau e criminoso, há para todo o católico a suprema e definitiva declaração da Igreja, que como tal o há julgado e anatematizado.

Não podia permitir-se que êrro de tal transcendência deixasse de ser incluído no catálogo dos oficialmente reprovados, e na verdade o tem sido em diferentes ocasiões.

Já ao aparecer em França, por ocasião da sua primeira revolução, a famosa *Declaração dos direitos do homem*, em que estavam contidos em germe todos os desatinos do moderno Liberalismo, já então foi condenada por Pio VI esta *Declaração*.

Mais tarde, esta doutrina funesta, ampliada e aceita por quase todos os governos da Europa, mesmo pelos príncipes soberanos, o que é uma das mais horríveis cegueiras que oferece a história das monarquias, tomou, em Espanha, o nome de LIBERALISMO, por que é conhecida hoje em tôda a parte.

Deram-se as terríveis contendas entre realistas e constitucionais, que mùtuamente se designaram logo pelos epítetos de *servis* e *liberais*.

De Espanha se estendeu a tôda a Europa esta denominação. Pois bem; na maior fôrça da luta, por ocasião dos primeiros erros de Lamennais, publicou Gregório XVI a sua Encíclica *Mirari vos*, condenação explícita do Liberalismo, segundo naquela ocasião se entendia, pregada e praticada pelos governos constitucionais.

Correndo os tempos e crescendo com êles a invasora corrente destas idéias funestas, tomando até sob o influxo de extraviados talentos a máscara de catolicismo, deparou Deus à sua Igreja o Pontífice Pio IX que com tôda a razão passará à história com o título de *açoite* do Liberalismo. O êrro liberal em tôdas as suas fases e matizes foi desmascarado por êste Papa.

Para que mais autoridade tivessem as suas palavras sôbre o assunto, dispôs a Providência que saísse a repetida condenação do Liberalismo dos lábios dum Pontífice, que os liberais se empenharam desde o princípio em apresentar como seu.

Depois dêle não ficou já a êste êrro subterfúgio a que acolher-se. Os repetidos *Breves e Alocuções* de Pio IX o mostraram ao povo cristão tal qual era; e o *Syllabus* acabou de opor à sua condenação o último sêlo.

Vejamos o conteúdo principal de alguns dêstes documentos pontifícios. Citaremos apenas alguns dentre muitos que poderíamos citar.

A 18 de junho de 1871, respondendo a uma Comissão de católicos franceses, falou-lhes assim Pio IX:

"O Ateísmo nas leis, a indiferença em matéria de Religião, e essas máximas perniciosas chamadas *católico-liberais*, estas sim, que são verdadeiramente a causa da ruína dos Estados, e da perdição da França. Crêde-me; os estragos que vos anuncio são mais terríveis que a Revolução, mais ainda que a *Comuna*. Tenho conde-

nado sempre o Liberalismo católico, e quarenta vezes voltarei a condená-lo, se tanto fôr preciso.

Em Breve de 6 de março de 1873 ao Presidente e sócios do Círculo de S. Ambrósio de Milão, exprimiu-se assim:

Não faltam alguns que intentam fazer aliança entre a luz e as trevas, e pactuação entre a justiça e a iniquidade, a favor das doutrinas chamadas, *católico-liberais*, que, baseadas em perniciosíssimos princípios, se mostram favoráveis às invasões do poder secular nos negócios espirituais, e inclinam seus sequazes a abraçar ou tolerar leis iníquas, como se não estivera escrito que ninguém pode servir ao mesmo tempo a dois senhores. Os que assim procedem são inteiramente mais perigosos e funestos que os inimigos declarados, não só porque, sem que alguém o note e quiçá sem êles mesmos o advertirem, secundam as tentativas dos maus, mas também porque, circunscrevendo-se a certos limites, se mostram com aparências de probidade e sã doutrina para alucinar os imprudentes amadores de conciliações, e seduzir a gente honrada que haveria combatido o êrro manifesto."

Em Breve de 8 de maio do mesmo ano à Confederação dos Círculos Católicos da Bélgica, disse:

"O que sobretudo louvamos em vossa religiosíssima emprêsa é a absoluta aversão que, segundo me consta, professais aos princípios *católico-liberais*, e o vosso denodado intento de desarraigá-los. Verdadeiramente, ao empenhar-vos em combater êsse insidioso êrro, tanto mais perigoso que uma inimizade declarada, quanto mais êle se encobre sob um especioso véu de zêlo e caridade, e em procurar com afinco apartar dêle as pessoas simples, extirpareis uma funesta raiz de discórdias e contribuireis eficazmente para unir e fortalecer os ânimos. Seguramente vós, que com tão plena sub-

missão acatais todos os documentos desta Sé Apostólica, cujas reiteradas reprovações dos princípios liberais vos são conhecidas, não haveis necessidade destas advertências."

Em Breves à *La Croix*, periódico de Bruxelas, em 21 de maio de 1884, diz o seguinte:

"Não podemos deixar de elogiar o intento expresso em vossa carta, e ao qual sabemos que satisfaz plenamente o vosso periódico, de publicar, divulgar, comentar e inculcar nos ânimos tudo quanto esta Santa Sé tem ensinado contra as perversas, ou pelo menos falsas, doutrinas professadas em tantas partes, e nomeadamente contra o *Liberalismo católico*, empenhado em conciliar a luz com as treves e a verdade com o êrro."

A 9 de junho de 1873 escrevia ao Presidente e Conselho da Associação Católica de Orleãs, e, sem nomeá-lo, retratava o Liberalismo pietista e moderado, nos seguintes termos:

"Ainda que vossa luta haja de travar-se rigorosamente contra a impiedade, contudo talvez por êste lado vos não corra perigo tão grande, como por parte dêsse grupo de amigos *imbuidos* naquela doutrina ambígua, que, conquanto rejeite as últimas consequências dos erros, retem obstinadamente os seus germens, e não querendo abraçar-se com a verdade omnimoda, nem se atrevendo a abandoná-la por inteiro, empenha-se com todo o afã em interpretar as doutrinas e tradições da Igreja, ajustando-as ao molde de suas privadas opiniões."

Para não nos tornarmos intermináveis e enfadonhos, contentar-nos-emos com aduzir sòmente as frases de outro Breve, o mais expressivo de todos, e que por isso não podemos omitir em consciência. É o dirigido ao Bispo de Quimper, em 28 de julho de 1873. Refe-

rindo-se à Assembléia Geral das Associações Católicas, que se acabava de celebrar naquela diocese, diz o Papa:

"Seguramente tais Associações não se apartarão da obediência devida à Igreja nem pelos escritos, nem pelos atos dos que com injúrias e invectivas a perseguem; porém poderão pô-las na resvaladia senda do êrro essas *opiniões chamadas liberais* aceites por muitos católicos; enquanto ao mais, homens de bem e piedosos, que pela mesma influência que lhes dá a sua religião e piedade podem muito fàcilmente captar os ânimos e induzi-los a professar máximas muito perniciosas. Inculcai portanto, Venerável Irmão, aos membros dessa Católica Assembléia que Nós ao increpar tantas vezes como o temos feito, os sequazes dessas opiniões liberais, não nos temos referido aos declarados inimigos da Igreja, pois, a estes, ocioso seria denunciá-los, mas a esses outros a que já aludimos, que, conservando o virus oculto dos princípios liberais, que beberam com o leite, como se não estivera impregnado de palpável malignidade e fôra tão inofensivo como êles pensam para a Religião, o inoculam com a maior facilidade nos ânimos, propagando assim a semente dessas discórdias que há tanto tempo trazem revolto o mundo. Procurem, pois, evitar estas ciladas e esforcem-se por dirigir seus tiros contra êste insidioso inimigo; e certamente se tornarão beneméritos da Religião da pátria."

Claro o vêem nossos amigos e também adversários: é o Papa que fala nesses Breves, particularmente no último, que de modo especial devem amiudar e estudar.

XI

DA ÚLTIMA E MAIS SOLENE CONDENAÇÃO DO LIBERALISMO PELO *SYLLABUS*

Resumindo o que em documentos distintos disse o Papa com respeito ao Liberalismo, podemos apenas indicar os seguintes duríssimos epítetos com que em diferentes ocasiões o classificou.

Com efeito, em Breve a Ségur, por motivo do seu conhecido livro "*Homenagem aos Católicos liberais*", chamou ao Liberalismo: *pérfido inimigo;* em sua Alocução ao Bispo de Nevers: *verdadeira calamidade atual;* em carta ao Círculo Católico de S. Ambrósio de Milão: *pacto entre a injustiça e a iniquidade;* neste mesmo documento o classificou de: *mais funesto e perigoso que um inimigo declarado;* na citada carta ao Bispo de Quimper: *virus oculto;* em Breve aos da Bélgica: *êrro insidioso e solapado;* em outro Breve a Mons. Gaume: *peste perniciosíssima.* Todos êstes documentos se podem ler na sua íntegra no citado livro de Ségur "*Homenagem aos Católicos liberais*".

Todavia, o Liberalismo podia com certa aparencia de razão recusar a autoridade destas declarações pontifícias, por terem sido expostas tôdas em documentos de caráter meramente privado.

A heresia é sempre tenaz e cavilosa, e segura-se sempre a qualquer pretexto ou escusa para iludir a condenação.

Necessitava-se, pois, de um documento oficial público, solene, de caráter geral, universalmente promulgado, e portanto definitivo. A Igreja não podia negar à ansiedade de seus filhos esta formal e decisiva palavra de seu soberano magistério.

Deu-a, e foi o *Syllabus* de 8 de dezembro de 1864.

Todos os bons católicos o acolheram com entusiasmo igual aos paroxismos de furor com que o saudaram os liberais.

Os católico-liberais entenderam mais prudente feri-lo de soslaio com capciosas interpretações.

Uns e outros tinham razão em reconhecer-lhe a devida importância.

O *Syllabus* é um catálogo oficial dos principais erros contemporâneos, em fórma de proposições concretas, tais como se encontram nos autores mais conhecidos que os propalaram. Entre êles se encontram, pois, especificados todos os erros do dogmatismo liberal.

Ainda que em uma só das proposições do *Syllabus* se nomeia o *Liberalismo*, é certo contudo que a maior parte dos erros ali assoalhados são erros liberais, e portanto da condenação separada de cada um resulta a condenação total do sistema.

Nas proposições 15.ª, 77.ª e 78.ª se condena a liberdade de cultos; o *placet* régio nas 20.ª e 28.ª; a desamortização nas 16.ª e 27.ª; a supremacia absoluta do Estado na 39.ª; a secularização do ensino público nas 45.ª, 47.ª e 48.ª; a separação da Igreja e do Estado na 15.ª; o direito absoluto de legislar sem Deus na 56ª; o princípio da não intervenção na 62.ª; o chamado direito de insurreição na 63.ª; o matrimônio civil na 73.ª e mais alguma; a liberdade da imprensa na 79.ª; o sufrágio universal como princípio de autoridade na 60.ª; finalmente, o mesmo *Liberalismo*, pelo seu nome, na 80.ª.

Vários livros se têm escrito desde então para a exposição clara e sucinta de cada uma destas proposições; a êles se pode recorrer. Porém a interpretação e comentário mais autorizado ao *Syllabus* é o dado por seus próprios impugnadores, os liberais de tôdas as côres, quando no-lo apresentam sempre como seu mais odioso

inimigo, e como o símbolo mais completo do que chamam clericalismo, ultramontanismo e a reação. Satanás, que é malvado, mas não tôlo, viu bem claro onde ia bater diretamente golpe tão certeiro, e após a tão grandioso monumento o sêlo, de todos os mais autorizado depois do de Deus, — o de seu profundo rancôr. Acreditemos nisto o pai da mentira; o que êle aborrece e difama, traduz por isto só o testemunho certo e seguro da verdade.

XII

DE ALGO QUE, PARECENDO LIBERALISMO, NÃO O É; — E DE ALGO QUE O É, NÃO O PARECENDO

É o diabo grande mestre em artimanhas e embustes, e o principal de sua diplomacia consiste em introduzir a confusão nas idéias. O maldito perderia metade do seu poderio sôbre os homens, se as idéias, boas ou más, aparecessem francas e bem determinadas. Advirta-se de passagem que não é moda hoje chamar dêste modo ao diabo, talvez porque o Liberalismo nos acostumou a tratar também o senhor diabo com certo respeito.

O diabo, pois, em tempo de cisma e heresias, a primeira coisa que procurou foi que se baralhassem e trocassem os vocábulos, meio assaz seguro para trazer desde logo desnorteada e desvairada a maior parte das inteligências. Isto sucedeu com o Arianismo, a ponto de vários Bispos de grande santidade chegarem a subscrever no concílio de Milão uma fórmula em que se condenava o insigne Atanásio, martelo daquela heresia. E apareceriam na história como verdadeiros fautores dela, se Eusébio martir, legado pontifício, não houvera

acudido a tempo de libertar de tais laços ao que o Breviário chama *captivatam simplicitatem* de algum daqueles irrepreensíveis anciãos. O mesmo sucedeu com o Pelagianismo, o mesmo com o Jansenismo no passado. O mesmo acontece hoje com o Liberalismo.

Liberalismo representa para uns as formas políticas de certa classe; é para outros certo espírito de tolerância e generosidade opostas ao despotismo e tirania; para outros a igualdade civil; e para muitos uma coisa vaga e incerta que poderá traduzir-se simplesmente pelo oposto a tôda a arbitrariedade governamental.

Urge, pois, tornar a perguntar aqui: — Que *é*, ou melhor, que coisa *não é* o Liberalismo?

Em primeiro lugar não são *ex se* Liberalismo as formas políticas de qualquer classe que sejam, por democráticas ou populares que as suponham. Cada coisa é o que é. As fórmulas são formas, e nada mais. Uma república unitária ou federal, democrática ou mista; um govêrno representativo ou misto, com mais ou menos atribuições do poder real, ou com o máximo ou mínimo de *rei* que se queira fazer entrar na mistura; a monarquia absoluta ou moderada, hereditária ou eletiva, nada disto tem que ver *ex se* (note-se bem, *ex se*) com o Liberalismo.

Tais governos podem ser perfeita e integralmente católicos. Como aceitem acima da sua própria soberania a de Deus, e reconheçam havê-la recebido d'Êle, e se sujeitem em seu exercício ao critério individual da lei cristã e dêem por indiscutível em seus Parlamentos tudo o que for definido pela Igreja, e reconheçam como base do direito público a supremacia da mesma Igreja e o seu absoluto direito em tudo o que é da sua competência, — tais governos são verdadeiramente católicos e nada lhes pode lançar em rosto o mais exi-

gente ultramontanismo, porque são verdadeiramente ultramontanos.

A história nos oferece repetidos exemplos de poderosíssimas repúblicas, ferverosissimamente católicas. Aí está a aristocrática de Veneza, a mercantil de Gênova, e certos cantões suiços.

Como exemplo de monarquias mistas muito católicas, podemos citar a nossa gloriosíssima de Catalunha e Aragão, a mais democrática e ao mesmo tempo a mais católica do mundo na idade média; a antiga de Castela até à casa da Áustria; a eletica da Polônia até à iníqua desmembração dêste religiosíssimo reino.

É uma preocupação crer que as monarquias hão de ser *ex se* mais religiosas que as repúblicas. Precisamente os mais escandalosos exemplos de perseguição ao catolicismo nos tempos modernos, têm-nos dado monarquias como a da Rússia e da Prússia.

Um govêrno, de qualquer forma que seja, é católico, se baseia a sua Constituição, a sua legislação e a sua política em princípios católicos; é liberal, se baseia a sua Constituição, a sua legislação e a sua política em princípios racionalistas.

A natureza essencial de uma legislação ou constituição não está em legislar o rei na monarquia, ou o povo na república, ou ambos nas formas mistas; mas sim em que tudo se faça ou não, segundo o sêlo imutável da fé, conforme o que aos Estados como aos indivíduos manda a lei cristã.

Assim como nos indivíduos pode ser igualmente católico um rei com a sua púrpura, um nobre com os seus brazões, um trabalhador com a sua blusa de algodão; assim os Estados podem ser católicos, seja qual fôr a classificação que se lhes dê no quadro sinótico das formas governativas.

Por conseguinte, nada tem que ver o ser liberal, ou não o ser, com o horror natural, que todo o homem deve professar à arbitrariedade e à tirania, com o desejo da igualdade civil entre todos os cidadãos, e muito menos com o espírito de tolerância e generosidade, que (em sua devida acepção) não são mais que virtudes cristãs. E não obstante, tudo isto na linguagem de certa gente e também de certos periódicos se chama Liberalismo.

Há aqui, pois, uma coisa que parecendo Liberalismo, não o é de forma alguma.

Há porém em troca alguma coisa que, não parecendo Liberalismo, vem a sê-lo efetivamente. Suponha-se uma monarquia absoluta como a da Rússia, ou, se antes quiserem, como a da Turquia, ou um govêrno dos chamados conservadores de hoje, o mais conservador que seja possível imaginar; e suponha-se que tal monarquia absoluta ou tal govêrno conservador tem estabelecida a sua constituição e baseada a sua legislação, não sôbre os princípios do direito católico, nem sôbre a indiscutibilidade da fé, não sôbre a rigorosa observância do respeito aos direitos da Igreja, mas sôbre o princípio ou da vontade livre do rei, ou da vontade livre da maioria conservadora... Tal monarquia e govêrno conservador são perfeitamente liberais e anticatólicos.

Pouco importa para o caso, que o livre-pensador seja um monarca com seus ministros responsáveis, ou um ministro responsável com seus corpos co-legisladores.

Em ambos os casos anda aquela política informada pelo critério livre-pensador, e por conseguinte liberal. Que tenha ou não tenha, para os seus fins, agrilhoada a imprensa, que açoite por qualquer nada o país, que veja com cara de ferro os seus vassalos, pouco importa; poderá não ser livre aquêle mísero país, mas será perfeitamente liberal.

Tais foram os antigos impérios asiáticos; tais várias monarquias modernas; tal o império alemão de hoje, como o sonha Bismark; tal a presente monarquia espanhola, cuja constituição declara inviolável o monarca, porém não declara inviolável a Deus.

Eis aqui o caso de alguma coisa que, parecendo não ser Liberalismo, o é não obstante, e do mais refinado e desastroso, por isso mesmo que não tem essas aparências.

Daqui se verá com que delicadeza se há de proceder quando se trata de tais questões. É preciso antes de tudo definir os termos do debate e evitar o equívoco, que é o que mais favorece o êrro.

XIII

NOTAS E COMENTÁRIOS À DOUTRINA EXPOSTA NO CAPÍTULO ANTERIOR

Temos dito que não são ex se liberais as formas democráticas ou populares, puras ou mistas; e julgamos tê-lo suficientemente provado.

Não obstante, isto que falando especulativamente ou em abstrato é uma verdade, não o é tanto na prática ou em concreto, isto é, na ordem dos fatos a que principalmente deve andar sempre atento o propagandista católico.

Com efeito, apesar de que consideradas em si mesmas não são liberais tais formas de govêrno, vêm a sê-lo em nosso século, atendendo a que a Revolução moderna, que não é outra coisa que o Liberalismo em ação, no-las apresenta baseadas em suas errôneas doutrinas.

É assim que mui cordatamente o vulgo, que entende pouco de *distinções*, classifica de Liberalismo tudo

o que em nossos dias se lhe apresenta como reforma democrática no govêrno das nações; porque ainda que por natural essência das idéias o não sejam, vem a sê-lo de *fato*.

E portanto discorreram com singular tino e acêrto nossos pais, quando repeliam como contrária à sua fé a forma constitucional ou representativa, preferindo a monarquia pura, que nos últimos séculos era o govêrno de Espanha.

Um certo instinto natural dizia ainda aos menos avisados que as novas formas políticas, em si inofensivas como formas tais, vinham impregnadas do princípio herético liberal; pelo que faziam muito bem em chamar-lhes liberais: e semelhantemente a monarquia pura, que de si podia ser muito ímpia e até herética, se lhes apresentava como forma essencialmente católica, pois desde muitos séculos atrás a vinham recebendo os povos informada pelo espírito do Catolicismo.

Erravam, pois, *ideològicamente* falando, os nossos realistas que identificavam a religião com o antigo regime político e reputavam ímpios os constitucionais; porém acertavam *pràticamente* falando, porque no que se lhes apresentava com mera forma política indiferente, viam êles, com o claro instinto da fé, envolta a idéia liberal. Isto sem contar com que os corifeus e sectários do bando liberal fizeram todo o possível com blasfêmias e atentados para que o verdadeiro povo não desconhecesse qual era no fundo a significação de sua odiosa bandeira.

Tampouco é rigorosamente exato que as formas políticas sejam indiferentes à Religião, ainda que esta as aceite todas.

O filósofo sensato as estuda e analisa; e sem condenar nenhuma, não deixa de manifestar preferência pelas que mais a salvo deixam o princípio da autorida-

de que está baseado principalmente na unidade. Em vista do que, vendo-se está que a forma mais perfeita de tôdas é a monárquica como a que mais se assemelha ao govêrno de Deus e da Igreja: assim como pela razão inversa a mais imperfeita é a república.

A monarquia exige a virtude de um homem só, a república exige a virtude da maioria dos cidadãos.

É pois, lògicamente falando, mais irrealizável o ideal republicano que o ideal monárquico. E êste é mais humano que aquêle, porque exige menos perfeição humana e se acomoda mais à rudeza e vícios da generalidade.

Mas para o católico do nosso século, a maioria de tôdas as razões para preveni-lo a respeito dos governos de forma popular, deve ser o afã constante com que em tôda a parte tem procurado implantá-los a Maçonaria.

Por uma intuição maravilhosa conheceu o inferno que êstes eram os sistemas melhores condutores da sua eletricidade, e que nenhum poderá servir-lhe mais a seu gôsto.

É pois indubitável que um católico deve olhar como suspeito tudo o que neste conceito lhe préga a Revolução, como mais acomodado a suas vistas; e que portanto tudo o que a Revolução acaricia e apregoa com o nome de Liberalismo, fará bem em olhá-lo como Liberalismo *qua tal*, ainda que só de formas se trate; pois tais formas não são neste caso mais que o envase ou invólucro com que querem fazer-nos admitir em casa o contrabando de Satanás.

XIV

SE EM VISTA DO QUE VAI DITO É OU NÃO LÍCITO AO BOM CATÓLICO ACEITAR EM BOM SENTIDO A PALAVRA "LIBERALISMO" E EM BOM SENTIDO GLORIAR-SE DE SER LIBERAL

Permita-se-nos sôbre êste ponto transcrever aqui integralmente um capítulo de outro opúsculo nosso (*Coisas do Dia*), em que se responde a esta singular consulta. Diz assim:

"Valha-me Deus, meu amigo, com as palavras — Liberalismo e liberal! Andas realmente enamorado delas, e traz-te cego o amor como a todos os namorados. Que inconvenientes tem o seu uso? — Tantos tem para mim, que nele chego a ver matéria de pecado Não te assustes, mas escuta-me com paciência. Vais ouvir-me de pronto e sem dificuldade.

"É indubitável que a palavra — Liberalismo — tem na Europa, no presente século, significação de coisa suspeita, e que não concorda inteiramente com o verdadeiro Catolicismo. Não me digas que coloco o problema em termos exagerados. Efetivamente, hás de conceder-me que, na acepção ordinária da palavra, Liberalismo e Liberalismo-católico são coisas reprovadas por Pio IX.

"Prescindamos por agora dos poucos ou muitos que pretendem continuar professando um certo liberalismo, que no fundo querem não o seja. Porém o certo é que a corrente liberal na Europa e na América, no século XIX em que escrevemos, é anticatólica e racionalista. Um volver de olhos sôbre o mundo. Vê o que significa partido liberal na Bélgica, na França, na Alemanha, na Inglaterra, na Holanda, na Áustria, na Itália, nas repúblicas hispano-americanas e nas nove décimas

partes da imprensa espanhola. Pergunta a todos o que significa no idioma comum, critério liberal, corrente liberal, atmosfera liberal, etc.; e vê-se dos homens que se dedicam a estudos políticos e sociais na Europa e na América, noventa e nove por cento não entendem por Liberalismo o puro e cru racionalismo aplicado à ciência social.

"Pois bem; por mais que tu e quantas dezenas ainda de outros particulares vos empenheis em dar sentido de coisa indiferente ao que a corrente geral já marcou com o sêlo de anticatolicismo é certo que o uso, árbitro e norma suprema em matéria de linguagem, continua considerando o Liberalismo como bandeira contra o Catolicismo. Por conseguinte ainda que com mil *distingos* e salvaguardas e subtilezas consigas formar para ti só um Liberalismo que nada tenha de contrário à fé; na opinião dos outros, desde que te chames liberal, pertencerás como todos à grande família do Liberalismo europeu, tal como todos o entendem; teu periódico, se o rediges e lhe chamas liberal, na crença comum, será um soldado a mais entre os que sob esta divisa combatem de frente ou de lado a Igreja católica.

"Em vão te desculparás uma ou outra vez. Estas desculpas e explicações não as podes dar todos os dias, o que seria assaz trabalhoso; em compensação, a palavra liberal terás tu de usá-la em cada parágrafo; serás, pois, na crença comum um soldado e nada mais, como tantos outros que militam sob esta divisa; e por mais que no teu interior sejas tão católico como o Papa (como se jactam alguns liberais) é certo que no movimento das idéias, na marcha dos acontecimentos, influirás não como católico, mas como liberal, e, a teu pesar, serás um satélite e não poderás deixar de mover-te dentro da órbita geral em que gira o Liberalismo. E tudo por uma palavra! Vê bem; apenas por uma pa-

lavra! Sim, meu amigo. Eis o resultado de te chamares liberal, e chamares liberal ao teu periódico. Desengana-te. O uso da palavra te faz quase sempre, e em grande parte, solidário com tudo o que se acolhe à sua sombra. E o que se acolhe à sua sombra, já vês, e não poderás negar-mo, é a corrente racionalista. Teria pois escrúpulo, em minha consciência, de aceitar esta solidariedade com os inimigos de Jesus Cristo.

"Vamos a outras reflexões. É também indubitável que, dentre os que lêem teus periódicos e ouvem tuas conversações, poucos estão no caso de poder fiar tão fino como tu em matéria de distinções entre Liberalismo e Liberalismo. É pois, evidente que uma grande parte tomará a palavra no sentido geral e julgará que a empregas no mesmo sentido. Não terás esta intenção, porém, contra tuas intenções levarás a êste resultado — adquirir adeptos ao êrro racionalista. Dize-me, agora: Sabes o que é escândalo? Sabes o que é induzir o próximo ao êrro com palavras ambíguas? Sabes o que é por amor mais ou menos justificado a uma palavra, semear dúvidas, desconfianças, fazer vacilar na fé as inteligências simples? Eu, na qualidade de moralista católico, vejo nisto matéria de pecado, e, se te não salva uma extrema boa fé ou alguma outra atenuante, vejo matéria de pecado mortal. Ouve uma comparação: Sabes que apareceu, quase em nossos dias, uma seita que se chama dos velhos católicos. Teve o bom humor de chamar-se assim, e paz com todos. Faz de conta, pois, que eu, pela graça de Deus, ainda que pecador, sou católico, e para cúmulo sou dos mais velhos, porque o meu catolicismo data do Calvário e do Cenáculo de Jerusalem, que são datas muito velhas; faz de conta, digo, que eu fundo um periódico mais ou menos ambiguo e lhe chamo com tôdas as letras *Diário Velho Católico*. Mentirei? — Não, porque o sou em bom sentido da palavra. Porém, para

que adotar, dirás tu, um título mal sonante, que é divisa de um cisma, e que dará lugar a que os incáutos creiam que sou cismático, e tenham um alegrão os velhos católicos da Alemanha, julgando que lhes apareceu aqui um novo confrade? Para que escandalizar os simples, me dirás? — Porém eu digo-o em bom sentido. — É verdade, porém não seria melhor evitar que se creia que o dizes em sentido mau?

"Eis aqui, pois, o que eu diria a quem se empenhasse em sustentar como inofensiva a qualificação de liberal, que é objeto de tantas reprovações da parte do Papa, e de tantos escândalos da parte dos verdadeiros crentes. Para que fazer gala de títulos, que necessitam de explicação? Para que suscitar suspeitas, que é preciso dar-se pressa em desvanecer? Para que contar-se no número dos inimigos e fazer gala da sua divisa, se no fundo se é dos amigos?

"As palavras não têm importância, dirás. Pois, meu amigo, têm mais que tu imaginas. As palavras vêm a ser a fisionomia exterior das idéias, e tu sabes quão importante é às vezes num assunto a sua boa ou má fisionomia. Se as palavras não tivessem alguma importância não se empenhariam tanto os revolucionários em desfigurar o Catolicismo com palavras feias; não andariam a chamar-lhe a tôdas as horas obscurantismo, fanatismo, teocracia, reação, mas sim pura e simplesmente Catolicismo; nem fariam por enfeitar-se a tôdas as horas com os formosos vocábulos de liberdade, progresso, espírito do século, direito novo, conquistas da inteligência, civilização, luzes, etc.; mas chamar-se-iam sempre pelo seu próprio e verdadeiro nome: — *Revolução*.

"Foi sempre assim. Tôdas as heresias começaram por ser jôgo de palavras, e acabaram por ser luta sanguinolenta de idéias. E algo disto deveu já suceder no

tempo de São Paulo, ou previu o bendito Apóstolo que sucederia nos tempos futuros, quando, dirigindo-se a Timóteo (I ad Timoth, VI, 20), o exorta a estar precavido não só contra a falsa ciência, *oppositiones falsi nominis scientiae*, mas também contra as simples novidades na expressão ou nas palavras, *profanas vocum novitates*. Que diria hoje o Doutor das gentes se visse certos católicos adornar-se com o adjetivo de liberais em oposição aos que se chamam simplesmente pelo antigo apelido da família, e fazer-se desentendidos às repetidas reprovações, que sôbre esta profana novidade de palavras tem lançado com tanta insistência a Cadeira Apostólica? Que diria ao vê-los acrescentar à palavra imutável — Catolicismo, êsse feio apêndice que não conheceram nem Jesus Cristo, nem os Apóstolos, nem os Padres, nem os Doutores, nem algum dos mestres autorizados, que constituem a cadeia da *formosa* tradição cristã?

"Medita nisto, amigo, em teus intervalos lúcidos, se é que algum te concede a cegueira da tua paixão, e conhecerás a gravidade do que à primeira vista te parece mera questão de palavras.

"Não, não podes ser católico liberal, nem chamar-te por êste nome reprovado, ainda que por meio de sutis cavilações chegues a encontrar um meio secreto de conciliá-lo com a integridade da fé. Não; proibe-to a caridade cristã, essa santa caridade que estás invocando a tôdas as horas, e que, segundo me parece, é em ti sinônimo da tolerância revolucionária.

"E proibe-to a caridade, porque a primeira condição da caridade é que não seja traição à verdade, nem laço para surpreender a boa fé de teus irmãos menos precavidos. Não, meu amigo, não; não podes chamar-te liberal."

E nada mais nos ocorre dizer hoje sôbre êste ponto, completamente resolvido para um homem de boa fé. Demais, hoje os mesmos liberais fazem já menos uso que antes, dêste apelido; tão gasto e desacreditado anda êle pela misericórdia de Deus. Mas é todavia frequente encontrar homens, que, renegando a cada dia e a cada hora o Liberalismo, o têm não obstante introduzido até à médula dos ossos, e não parecem escrever, nem falar, nem obrar, senão inspirados por êle. São êstes hoje em dia os mais para temer.

XV

UMA OBSERVAÇÃO SIMPLICÍSSIMA QUE ACABA DE PÔR A QUESTÃO EM SEU VERDADEIRO PONTO DE VISTA

Mil vezes tenho feito a sós comigo uma reflexão, que não sei como não tenha ocorrido cada dia aos liberais *de boa fé*, se algum há que mereça ainda esta caritativa atenuante ao seu feio apelido. É a seguinte:

Tem hoje o mundo católico em justo e merecido conceito de impiedade o qualificativo de *livre-pensador*, aplicado a qualquer pessoa, periódico ou instituição. Academia livre-pensadora, sociedade de livre-pensadores, periódicos escritos com critério livre-pensador são frases horripilantes que fazem eriçar os cabelos à maior parte de nossos irmãos, ainda aos que afetam de mais afastados da feroz intransigência ultramontana. E não obstante veja-se como são as coisas e quão pouca importância se dá geralmente às meras palavras. Pessoa, associação, livro, ou govêrno, a que não presida em matérias de fé e de moral o critério *único* e *exclusivo* da Igreja católica, são liberais. E reconhece-se que o são, e honram-se êles de sê-lo, e ninguém se escandaliza

com isso, senão nós os fiéis intransigentes. Trocai porém a palavra. Chamai-os livre-pensadores. Imediatamente vos repelem o epíteto como uma calúnia, e louvores a Deus se vos não pedem satisfação pelo insulto.

Pois que, amigos, *cur tam varie?* Não haveis repelido de vossa consciência, de vosso govêrno ou de vosso periódico ou academia o *veto absoluto* da Igreja? Não haveis erigido em critério fundamental de vossas idéias e resoluções a razão livre?

Pois, dizeis bem: sois liberais e ninguém vos pode contestar esta designação. Porém, sabei-o: sois com isso livre-pensadores, ainda que vos faça corar tal denominação. Todo o liberal, de qualquer grau ou matiz, é, *ipso facto,* livre-pensador. E todo o livre-pensador, por odiosa que seja e até ofensiva às conveniencias sociais esta denominação, não passa de ser um lógico liberal. É doutrina precisa e exata, como as matemáticas, e não tem reverso de folha, como costuma dizer-se.

Aplicações práticas. Sois católico mais ou menos condescendente ou eivado, e pertenceis, por mal de vossos pecados, a um Ateneu liberal. Concentrai-vos por um momento e perguntai a vós mesmos: Continuaria eu pertencendo a êsse Ateneu, se amanhã êle se declarasse público e paladinamente *Ateneu livre-pensador?* Que vos diz a consciência e o pejo? — Que não. Pois mandai que vos risquem das listas desse Ateneu, porque não podeis pertencer a êle.

Tendes um periódico que lêdes e dais a ler aos vossos sem escrúpulo, embora êle se chame e discorra como liberais. Continuaríeis adstrito a êle se de repente aparecesse, em sua primeira página, o título de *periódico livre-pensador?* Parece-me que de maneira nenhuma. Pois fechai-lhe desde já as portas de vossa casa; o tal liberal, manso ou exaltado, há anos que não passava de livre-pensador.

Ah! De quantas preocupações nos corrigiríamos, fixando apenas um pouco a atenção no significado das palavras!

Tôda a associação científica, literária, ou filantrópica, liberalmente constituida, é associação livre-pensadora. Todo o govêrno liberalmente organizado, é govêrno livre-pensador. Todo o livro ou periódico liberalmente escrito, é periódico ou livro de livre-pensadores.

Ter repugnância pela palavra, e não tê-la pela realidade por ela representada, é manifesta obsecação.

Pensem bem aquêles de nossos irmãos, que sem escrúpulo algum de sua endurecida ou demasiado branda e acomodatícia consciência fazem parte de círculos, certames, redações, govêrnos, ou qualquer outra classe de instituições fundadas com inteira independência do magistério da fé. Tais instituições são liberais e por isso mesmo livre-pensadoras. E a uma agrupação livre-pensadora não pode pertencer católico algum sem deixar de sê-lo pelo mero fato de aceitar, como seu, o critério livre-pensador da dita agrupação. Logo, tampouco pode pertencer a uma agrupação liberal.

Quantos católicos, não obstante, servem de muito boamente ao diabo em obras dêste quilate.

Vão-se convencendo agora de quão perversa coisa é o Liberalismo? e de quão merecido é o horror com que um bom católico deve olhar as coisas liberais? e de quão justificada e natural é a nossa feroz intolerância ultramontana?

XVI

HAVERÁ HOJE ÊRRO DE BOA FÉ EM MATÉRIA DE LIBERALISMO?

Falei acima de liberais de boa fé e não hesitei em empregar certa frase de dúvida, sôbre se há ou não *in rerum natura* algum tipo desta raríssima família. Inclino-me a crer que poucos há, e que dificilmente cabe hoje na questão do Liberalismo êsse êrro de boa fé, que poderia alguma vez tornar desculpável a sua profissão. Não negarei em absoluto que tal ou tal caso excepcional possa dar-se, porém será verdadeiramente caso raríssimo e fenomenal.

Em todos os períodos históricos dominados por uma heresia se têm dado casos frequentíssimos de um ou mais indivíduos que, a pesar seu, arrastados em certo modo pela torrente invasora, hão participado da heresia, sem que se possa explicar tal participação, a não ser por uma suma ignorância ou boa fé.

Forçoso é, não obstante, concordar em que se algum êrro se apresentou jamais sem aparência alguma que o tornasse desculpável, foi êste do Liberalismo. A maior parte das heresias que têm assolado o campo da Igreja procuraram encobrir-se com disfarces de afetada piedade, que dissimulassem sua maligna procedência. Os Jansenistas, mais hábeis que nenhum de seus antecessores, chegaram a ter adeptos em grande número, a quem pouco faltou para que o vulgo cego tributasse as honras só devidas à santidade. A sua moral era rígida, os seus dogmas tremendos, o aparato exterior de suas pessoas ascético e até iluminado. Acresce que a maior parte das antigas heresias versou sôbre pontos muito sutis do dogma, só discerníveis para o hábil

teólogo, e em que a multidão indouta não podia por si só formar critério a não ser submetendo-se confiada ao de seus mestres reconhecidos. Por isso, era natural que, caindo em êrro o superior jerárquico de uma diocese ou província, caisse igualmente com êle a maior parte de seus subordinados, que depositavam em seu Pastor a maior confiança; *maxime* quando as comunicações com Roma menos fáceis noutro tempo tornavam menos acessível a tôda a grei cristã a voz infalível e indefectível do Pastor universal. Isto explica a difusão de muitas heresias antigas, que não hesitamos em classificar de meramente teológicas; isto dá a razão daquele angustioso grito com que exclamava S. Jerônimo no século IV, quando dizia: *Ingemuit universus orbis se esse arianum,* gemeu o mundo inteiro assombrado de encontrar-se ariano. E isto faz compreender como no meio dos maiores cismas e heresias, como são os atuais da Rússia e da Inglaterra, é possível que Deus conserve muitas almas suas em que não está extinta a raiz da verdadeira fé, por mais que esta em sua profissão externa apareça desfigurada e viciada; as quais, unidas ao corpo místico da Igreja pelo batismo e à sua alma pela graça interior santificante, podem chegar a ser conosco participantes do reino calestial.

Acontece isto com o Liberalismo? Apresentou-se envolto no disfarce de meras formas políticas; porém foi êste logo desde o princípio tão transparente, que muito cego havia de ser quem não adivinhasse no mau disfarce tôda a sua perversidade. Não soube conter-se na máscara da hipocrisia e do pietismo em que o escondia um ou outro de seus panegiristas; num momento rompeu por tudo, e anunciou com sinistros esplendores seu antecessor infernal. Saqueou as Igrejas e conventos; assassinou religiosos e clérigos; deu rédea sôlta a tôda a impiedade; até nas imagens mais venerandas

cevou seu ódio de condenado. Acolheu num momento, debaixo da sua bandeira, tôda a ralé social; foi sua precursora e apresentadora, em tôda parte, a corrupção calculada.

Não eram dogmas abstratos e metafísicos os novos que pregava em substituição dos antigos; eram fatos brutais, que bastava ter olhos para vê-los e simples bom senso para abominá-los. Grande fenômeno se viu nesta ocasião e que se presta muito a sérias meditações. O povo simples e iliterato, porém honrado, foi o mais refratário à novidade. Os grandes talentos corrompidos pelo filosofismo foram os primeiros seduzidos. O bom senso natural dos povos fez justiça imediata aos atrevidos reformadores. Nisto, como em tudo, se confirmou que vêem mais claro, não os ilustrados de entendimento, mas os limpos de coração. E se isto podia dizer-se do Liberalismo ao seu alvorecer, o que não poderá dizer-se dêle hoje, quando tanta luz se tem feito sôbre o seu odioso processo? Nunca êrro algum teve contra si mais severas condenações da experiência, da história e da Igreja. Ao que não quer crer nesta, como bom católico, hão de forçá-lo a convencer-se daquelas, como homem de mera honradez natural.

O Liberalismo, em menos de cem anos de reinado sôbre a Europa, tem dado já de si todos os seus frutos; a geração presente está recolhendo os últimos, que trazem bastante amargo o seu paladar e perturbada sua tranquila digestão. O argumento do Divino Salvador, que nos manda julgar da árvore pelos frutos, raras vezes teve aplicação mais oportuna.

Por outro lado, não se viu muito claro desde o princípio qual era o parecer da Igreja em face da nova reforma social? Alguns infelizes ministros dela foram arrastados pelo Liberalismo à apostasia; era êste o primeiro dado com que os simples fiéis haviam de julgar

de uma doutrina que tais prosélitos arrastava. Porém, o conjunto da jerarquia foi reputado sempre com grande razão como o inimigo do Liberalismo. Que significa o epíteto de *clericalismo*, com que os liberais honraram a escola mais tenaz inimiga de suas doutrinas, senão uma confissão de que a Igreja docente foi sempre inimiga delas? Como tem considerado o Papa, os Bispos e Padres, os Frades de todas as côres, o comum dos homens de piedade e de sã conduta? Tem-nos considerado sempre como *clericais*, isto é, como antiliberais. Como pode pois alguém alegar boa fé num assunto em que aparece tão claramente discriminada a corrente ortodoxa da que o não é?

Assim, os que compreendem claramente a questão podem ver as razões intrínsecas dela; os que a não compreendem têm de sobra autoridade extrínseca para formar juizo cabal, como deve formá-lo em tôdas as coisas, que prendem com a sua fé, um bom cristão. Luz não tem faltado, por misericordia de Deus; o que tem havido de sobra é indocilidade, interêsses bastardos, desejo de vida livre. Não enganou aqui a sedução que deslumbra o entendimento com falso esplendor, mas a que o escurece envolvendo em negros vapores o coração.

Cremos, pois, que salvas raríssimas exceções, só grande esfôrço de engenhosíssima caridade pode fazer que, discorrendo segundo os retos princípios de moral, se admita hoje no católico a desculpa de boa fé em assunto de liberalismo.

XVII

VÁRIOS MODOS POR QUE, SEM SER LIBERAL, UM CATÓLICO PODE NÃO OBSTANTE TORNAR-SE CÚMPLICE DO LIBERALISMO

Há vários modos pelos quais um católico, sem ser precisamente liberal, pode tornar-se cúmplice do Liberalismo. E é êste um ponto mais prático ainda que o anterior e acêrca do qual deve estar muito ilustrada e prevenida a consciência do fiel cristão nestes tempos.

É certo que há pecados, de que nos tornamos réus, digamos assim, não por verdadeira e direta comissão dos mesmos senão por cumplicidade ou convivência com seus autores, sendo de tal natureza esta cumplicidade que chega muitas vezes a igualar em gravidade a ação pecaminosa diretamente cometida. Pode, pois, e deve aplicar-se ao pecado do Liberalismo quanto sôbre êste ponto da cumplicidade ensinam os tratadistas de Teologia moral.

O nosso objeto não é outro que deixar apontados aqui brevemente os principais modos pelos quais acêrca do Liberalismo se costuma contrair hoje em dia esta cumplicidade.

1.° Filiando-se formalmente num partido liberal. É a cumplicidade maior que pode dar-nos nesta matéria, e mal se distingue da ação direta a que se refere. Muitos há que, em seu claro juízo, vêem tôda a falsidade da doutrina do Liberalismo e conhecem seus sinistros propósitos e abominam sua detestável história. Mas, ou por tradição de família, ou por hereditários rancores, ou por esperanças de vantagens pessoais, ou por consideração a favores recebidos, ou por temor de danos que lhes possam sobrevir,

ou por qualquer outra coisa, aceitam um posto no partido que sustenta tais doutrinas e abriga tais propósitos, e permitem os contem pùblicamente entre seus adeptos, honrando-se com o seu apelido e trabalhando debaixo da sua bandeira. Êstes infelizes são os primeiros cúmplices, os grandes cúmplices de tôdas as iniquidades do seu partido; e também, sem conhecê-las minuciosamente, são verdadeiros co-autores delas se participam de sua imensa responsabilidade. Assim, temos visto em nossa pátria homens *muito de bem*, excelentes pais de família, honrados comerciantes ou artistas, figurar em partidos que têm em seu programa usurpações e rapinas, que nenhuma honradez humana pode justificar. São, pois, responsáveis diante de Deus por êstes atentados, como o tal partido que os cometeu, sempre que êsse partido os considere não como fato acidental, mas como lógico procedimento seu. A honradez de tais sujeitos só serve para tornar mais grave esta cumplicidade; porque é claro que, se um partido mau se não compusera senão de malvados, não haveria grande motivo para temê-lo. O horrível é o prestígio que a um partido mau dão as pessoas relativamente boas, que o honram e recomendam, figurando em suas fileiras.

2.º Da mesma forma, sem estarem formalmente filiados num partido liberal, antes fazendo protestação pública de não pertencer a êle, contraem também cumplicidade liberal os que manifestam por êle simpatias públicas, elogiando seus personagens, defendendo ou desculpando seus periódicos, tomando parte em seus festejos. A razão é evidente. O homem, sobretudo, se vale alguma coisa por seus talentos ou posição, faz muito em favor de qualquer idéia só com mostrar-se em relações mais ou menos benévolas com seu fautores. Dá mais com o obséquio de seu prestígio pessoal do que se desse dinheiro, armas ou qualquer outro auxílio

material. Assim, por exemplo, honrar um católico, sobretudo se é sacerdote, um periódico liberal com a sua colaboração, é manifestamente favorecê-lo com o prestígio da sua firma, ainda que com ela se não defenda a parte má do periódico, ainda que discorde nesta parte má. Dir-se-á talvez que com escrever ali se logra fazer ouvir a voz do bem por muitos que em outro periódico a não escutariam. É verdade, porém também a firma do homem bom serve ali para abonar tal periódico à vista dos leitores pouco hábeis em distinguir as doutrinas de um redator das do seu vizinho: e assim, o que se pretendia fôsse contrapêso ou compensação do mal, se converte para a generalidade em efetiva recomendação dêle. Mil vezes o tenho ouvido: "É máu tal periódico? Pois não escreve nele F...?" Assim discorre o vulgo, e vulgo somos quase a totalidade do gênero humano. Por desgraça é frequentíssima em nossos dias esta cumplicidade.

3.º Comete-se verdadeira cumplicidade votando candidatos liberais, ainda que não se votem por serem tais, mas pelas opiniões econômicas ou administrativas, etc., daquele deputado. Por mais que numa questão destas possa tal deputado estar conforme com o catolicismo, é evidente que nas outras questões há de falar e votar segundo o critério herético, e tornar-se-á cúmplice de suas heresias o que o colocou na posição de escandalizar com elas o país.

4.º É cumplicidade subscrever para o periódico liberal, ou recomendá-lo no periódico são pelo falso pretêxto de camaradagem, ou lamentar por motivos análagos de falsa cortesia seu desaparecimento ou suspensão. Ser assinante de um periódico liberal é dar dinheiro para fomentar o Liberalismo; mais ainda, é ocasionar que outro incauto se decida a lê-lo, vendo que vós o assinais; é além disto propinar à família e

aos amigos da casa uma leitura mais ou menos envenenada. Quantos periódicos maus deveram desistir da sua ruím e maléfica propaganda se os não apoiassem certos assinantes simplórios! O mesmo diremos da frase de gaveta entre os periodiquistas: *nosso estimado colega*, ou esta outra, de desejar-lhe *bom número de assinaturas*, ou a mais comum — *sentimos a perda do nosso colega*, tratando-se do aparecimento ou desaparecimento de um periódico liberal. Não deve haver êstes compadrios entre soldados de tão oposta bandeira, como são a de Deus e a de Satanás. Ao cessar ou ser suspendido um pediódico dêstes devem dar-se graças a Deus por ter Sua Divina Majestade um inimigo de menos; ao anunciar-se sua aparição deve, não saudar-se, mas lamentá-la como uma calamidade.

5.º É cumplicidade administrar, imprimir, vender, distribuir, anunciar ou subvencionar tais periódicos ou livros ainda que seja fazendo-o ao mesmo tempo, com os bons, por mera profissão industrial ou como meio material de ganhar o sustento diário.

6.º É cumplicidade dos pais de família, diretores espirituais, donos de estabelecimentos, catedráticos e mestres calar quando são perguntados sôbre estas coisas; ou simplesmente não as explicar quando têm obrigação, para ilustrar as consciências de seus subordinados.

7.º É cumplicidade às vezes ocultar a convicção própria boa, dando lugar à suspeita de a ter má. Não se esqueça que há mil ocasiões em que é obrigação do cristão dar público testemunho da verdade, mesmo sem ser formalmente exigido.

8.º É cumplicidade comprar propriedades sagradas ou de beneficência, sem o beneplácito da Igreja, ainda que as ponha em hasta pública a lei da *desamortização*, a não ser que se comprem para as restituir a seu legí-

timo dono. É cumplicidade remir fóros eclesiásticos sem permissão do verdadeiro senhor dêles, ainda que se apresente muito lucrativa a operação. É cumplicidade intervir como agente em tais compras e vendas, publicar os anúncios de vendas públicas, praticar corretagens. Todos êstes atos trazem além disto consigo a obrigação de restituir na proporção do que com êles se contribuiu para a iníqua espoliação.

9.º É de algum modo cumplicidade prestar a própria casa para atos liberais, ou alugá-la para êles, como por exemplo, para cassinos patrióticos, escolas leigas, clubes, redações de periódicos liberais, etc.

10.º É cumplicidade celebrar festas cívicas ou religiosas por atos notòriamente liberais ou revolucionários; assistir voluntàriamente às ditas festas; celebrar exéquias patrióticas, que têm mais de significação revolucionária que de sufrágios cristãos; pronunciar discursos fúnebres em elogio de defuntos notòriamente liberais; adornar com corôas e fitas os seus sepulcros, etc., etc. Quantos incautos hão fraquejado em sua fé por estas causas!

Fazemos estas indicações compreendendo só o mais geral nesta matéria. A cumplicidade pode ser de variedade infinita, como os atos da vida do homem, que por infinitos são inclassificáveis. Grave é a doutrina que em alguns pontos temos assentado; porém, se é certa a Teologia moral aplicada a outros erros e crimes, sê-lo-á menos com respeito ao que nos ocupa nesta ocasião?

XVIII

SINAIS OU SINTOMAS MAIS COMUNS POR ONDE SE PODE CONHECER SE UM LIVRO, PERIÓDICO OU PESSOA ESTÃO ATACADOS OU SÒMENTE SE RESSENTEM DO LIBERALISMO

Nesta variedade, ou melhor, confusão de matizes e meias-tintas que oferece a variegada família do Liberalismo, haverá sinais ou notas características com que distinguir fàcilmente o que é liberal do que o não é? Eis outra questão muito prática também para o católico de hoje e que de um modo ou de outro o teólogo moralista tem de resolver frequentemente.

Dividiremos para êste fim os liberais (sejam pessoas ou escritos) em três classes:

Liberais avançados;

Liberais moderados;

Liberais impròpriamente ditos ou apenas eivados de Liberalismo.

Ensaiemos uma descrição semifisiológica de cada um dêstes tipos. É estudo que não carece de interêsse.

O liberal avançado conhece-se desde logo, porque não trata de negar nem encobrir sua maldade. É inimigo formal do Papa e dos Padres e de tôda a gente da Igreja; basta-lhe que qualquer coisa seja sagrada para excitar seu desenfreado rancor. Procura dentre os periódicos os mais desbragados; vota entre os candidatos os mais abertamente ímpios; aceita seu funesto sistema até às últimas consequências. Faz gala de viver sem prática alguma de religião, e a muito custo a tolera em sua mulher e filhos. Costuma pertencer às seitas secretas e morre geralmente sem socorros alguns da Igreja.

O liberal moderado ou manso, costuma ser tão mau como o primeiro, porém cuida bastante em não parecê-lo. As boas formas e as conveniências sociais são tudo para êle; salvo êste ponto, não lhe importa muito o resto. Incendiar um convento não lhe parece bem; apoderar-se do solar do convento incendiado é para êle coisa já mais regular e tolerável. Que um jornaleco qualquer dêsses de bordel venda suas blasfêmias em prosa, verso ou gravura a dez réis o exemplar é um excesso que êle proibiria e até lamenta que o não proiba um govêrno conservador; porém, que se diga o mesmo inteiramente em frases cultas, em um livro de boa impressão ou em um drama de sonoros versos, sobretudo se o autor é acadêmico ou coisa semelhante, já não oferece inconveniente. Ouvir falar em *clubes dá-lhe* calafrios e calôr, porque ali, diz êle, se seduzem as *massas* e se subvertem os fundamentos de ordem social; porém, ateneus livres podem muito bem consentir-se, porque a discussão científica de todos os problemas sociais, quem a há de estranhar? Escola sem catecismo é um insulto ao país católico que a paga; porém Universidade católica, isto é, com sujeição inteira ao catolicismo, quer dizer ao critério da fé, isso deve deixar-se para os tempos da Inquisição. O liberal manso não aborrece o Papa, e só não acha bem certas pretensões da *curia romana* e certos extremos do ultramontanismo que não condizem bem com as idéias de hoje. Gosta dos Padres, sobretudo dos ilustrados, isto é, dos que pensam à moderna como êle; porém, os fanáticos ou reacionários, evita-os ou lastima-os. Vai à Igreja e recebe até os Sacramentos; porém a sua máxima é que na Igreja se deve viver como cristão, mas fora dela convém viver com o século em que se nasceu e não se obstinar em remar contra a corrente. Vive assim entre

duas águas, costuma morrer com o sacerdote ao lado, porém com a livraria cheia de livros proibidos.

O católico simplesmente eivado de Liberalismo conhece-se em que, sendo homem de bem e de práticas sinceramente religiosas, respira todavia Liberalismo falando ou escrevendo ou trazendo-o entre mãos. Poderia dizer a seu modo, como Mme. Sevigné: "Não sou a rosa, mais estive junto dela e tomei algo do seu perfume". O verdadeiramente eivado discorre, fala e obra como liberal devéras, sem que êle mesmo, o pobrezinho, o deixe de ver. O seu forte é a *caridade;* êste homem é a caridade em pessoa. Como aborrece as exagerações da imprensa ultramontana! Chamar mau a um homem que difunde más idéias parece a êsse singular teólogo um pecado contra o Espírito Santo. Para êle não há mais que extraviados. Não se deve resistir nem combater: o que se deve procurar sempre é atrair. "Afogar o mal com abundância do bem" é a sua fórmula favorita, que leu um dia em Balmes por casualidade e foi a única coisa que do grande filósofo catalão lhe ficou na memória. Do Evangelho aduz ùnicamente os textos que sabem a mel e açúcar. As invectivas espantosas contra o farisaismo dir-se-ia que as tem por excessos de gênio e de zêlo do divino Salvador; apesar de que sabe usá-las êle mesmo rijamente contra os irritáveis ultramontanos, que com suas exagerações comprometem cada dia a causa de uma religião que é tôda paz e amor. Contra êstes é acerbo e duro o verdadeiro eivado, contra êstes é amargo o seu zêlo, acre a sua polêmica e agressiva a sua caridade.

A respeito dêle exclamou o Padre Felix, num discurso célebre, a propósito das acusações de que era objeto a pessoa do grande Veuillot: "Senhores, amemos e respeitemos até os nossos inimigos". Mas não; o verdadeiro eivado não faz assim: guarda todos os seus te-

souros de tolerância e de caridade liberal para os inimigos jurados da sua fé. É claro, que outro meio tem o infeliz de os atrair! Em troca, só tem o sarcasmo e a intolerância cruel para seus mais heróicos defensores. Em suma, ao verdadeiro eivado não entra na cabeça aquela oposição *per diametrum* de que fala S. Inácio em seus exercícios espirituais. Não conhece outra tática senão a de atacar de lado, que em religião costuma ser a mais cômoda, porém não a mais decisiva. Bem quisera êle vencer, porém a trôco de não ferir o inimigo, nem causar-lhe mortificação ou enfado. O nome de guerra irrita-lhe os nervos, mas acomoda-se a êle a pacífica discussão. Está pelos círculos liberais, onde se discursa e delibera mais do que pelas Associações ultramontanas, onde se dogmatiza e censura. Numa palavra, se por seus frutos se conhece o liberal fero ou manso, por suas afeições se distinguirá, principalmente, o eivado de Liberalismo.

Por êstes traços mal delineados que não chegam a desenho ou esbôço e muito menos a verdadeiro e perfeito retrato, será fácil conhecer imediatamente qualquer dos tipos da família em suas diversas gradações.

Resumindo em poucas palavras os traços mais característicos de sua respectiva fisionomia, diremos que o liberal avançado ruge com o seu Liberalismo; o liberal moderado perora; o pobre eivado suspira e faz lamúria.

Todos são maus, como dizia de seus pais aquêle velhaquete da fábula; porém ao primeiro paralisa-o muitas vezes seu próprio furor; ao terceiro a sua condição híbrida, de si infecunda e esteril. O segundo é o tipo satânico, por excelência, o que em nossos tempos produz o verdadeiro estrago liberal.

XIX

REGRAS PRINCIPAIS DE PRUDÊNCIA CRISTÃ QUE DEVE OBSERVAR O BOM CATÓLICO EM SEU TRATO COM OS LIBERAIS

E não obstante, com liberais feros e mansos, avançados e moderados, ou com católicos miseràvelmente afetados de Liberalismo, temos de viver, ó leitor, no século presente, como com arianos se viveu no IV, com pelagianos no V, e com jansenistas no XVII. E não é possível deixar de conviver com êles, porque em tôda a parte os encontramos, no negócio, nas diversões, nas visitas, talvez na Igreja e até na própria família.

Como portar-se pois o bom católico nas suas relações com tais empestados? Como prevenir, e evitar, ou atenuar pelo menos, êste constante risco de infecção?

É dificílimo assinar as regras precisas para cada caso. Não obstante podem muito bem indicar-se máximas gerais de conduta, deixando à prudência de cada um o concreto e individual da sua aplicação.

Parece-nos que antes de mais nada convém distinguir três classes de relações que se podem supôr entre um católico e um liberal, isto é, entre um católico e o Liberalismo. Dizemos assim porque as idéias na prática não se podem considerar separadas das pessoas que as professam e sustentam. O Liberalismo ideológico é puro conceito intelectual; o Liberalismo real e prático são as instituições, pessoas, livros e periódicos liberais. Três classes, pois, de relações se pódem supôr entre um católico e o Liberalismo.

Relações necessárias.

Relações úteis.

Relações de pura afeição ou prazer.

1.º Relações necessárias. São as que *inevitàvelmente* oferecem a cada um o seu estado ou posição particular. Tais são as que devem medeiar entre filhos e pai, marido e mulher, irmãos e irmãs, súditos e superiores, amos e criados, discípulos e mestres, etc. É claro que se um bom filho tem a infelicidade de seu pai ser liberal, nem por isso o há de abandonar; nem a mulher ao marido, o irmão ou parente a outros da família, a não ser nos casos em que o Liberalismo desses chegasse a exigir do respectivo súdito atos essencialmente contrários à religião e que induzissem à formal apostasia dela. Não, quando sòmente se impedisse a liberdade de cumprir os preceitos da Igreja; pois é sabido que a Igreja não pretende obrigar ninguém *sub gravi incommodo*. Em todos êstes casos deve o católico suportar com paciência a sua dura situação; rodear-se de tôdas as precauções para evitar o contágio do máu exemplo, como se aconselha em todos os livros quando se trata das ocasiões próximas necessárias, ter o coração muito levantado a Deus, e rogar todos os dias por sua própria salvação e pela das infelizes vítimas do êrro; evitar quanto possível a conversação ou disputa sôbre tais matérias, ou não entrar nelas senão bem munido de armas ofensivas e defensivas; buscar estas na leitura de livros ou periódicos puros, a juizo de um prudente diretor; contrabalançar a inevitável influência de tais pessoes inficionada com o trato frequente de outras de autoridade e luzes, que estejam na posse clara da sã doutrina, obedecer ao superior em tudo o que não vá de encontro à fé e à moral católica, porém renovar cada dia o firme propósito de negar a obediência a quem quer que seja no que direta ou indiretamente se oponha à integridade do Catolicismo.

E não desanime o que se encontra em tão dura situação. Deus, que observa suas lutas, não lhe faltará

com o auxílio conveniente. Temos notado que os bons católicos de paises liberais e de famílias liberais costumam distinguir-se, quando são verdadeiramente bons, por seu especial vigor e têmpera de espírito. E êste o constante proceder da graça de Deus que alenta com mais firmeza aí onde mais urgente e apertada vê a necessidade.

2.º Relações úteis. Outras relações há que não são absolutamente indispensáveis, que o são porém moralmente, porquanto sem elas não é possível a vida social, que tôda se baseia numa troca mútua de serviços. Tais são as relações de comércio, as de empresários e trabalhadores, as do artista com seus fregueses, etc. Nestas não há a estrita sujeição que nas do grupo anterior; pode, pois, fazer-se alarde de maior independência. A regra fundamental é não pôr-se em contacto com a gente má, senão quando seja preciso para o movimento da máquina social. Se comerciante, não travar outras relações senão as de comércio; se criado, nenhumas senão as de serviço; se artista, não outras além das de *toma lá* e *dá cá*, relativas à sua profissão. Guardando esta prudência póde-se viver sem menosprezo da fé, ainda no meio de um povo de judeus; sem esquecer as de mais prevenções gerais recomendadas no grupo anterior, e tendo em conta que aqui não medeia razão alguma de vassalagem, e que da independência católica convém fazer alarde em frequentes ocasiões para impôr respeito aos que julgam poder aniquilar-nos com sua impudência liberal. E dando-se o caso de uma imposição descarada, é repeli-la imediatamento com tôda a franqueza, e erguer-se ante o descaramento do sectario com todo o nobre e santo desassombro do discípulo da fé.

3.º Relações de mera afeição. Estas são as que contraimos e mantemos por nosso gôsto ou inclinação

e de que podemos abster-nos livremente, apenas se queira. Com liberais devemos abster-nos delas como de verdadeiros perigos para a nossa salvação Tem aqui lugar em cheio a sentença do Salvador: *O que ama o perigo, perecerá nele*. Custa? Quebre-se o laço perigoso, ainda que muito custe. Tenhamos presentes as seguintes considerações que certamente convencerão, ou confundirão pelo menos, se não convencem. Se certa pessoa estivesse atacada de mal físico contagioso, frequentá-la-ias? Não, por certo. Se tratando com ela comprometesses a tua reputação mundana, manter-te-ias no seu trato? — Também não. Se professasse idéias injuriosas para com a tua família, irias visitá-la? — Claro que não. Pois bem, encaremos êste assunto de honra divina e de salvação espiritual pelo que nos dita a prudência humana com respeito aos próprios interêsses e à honra natural. sôbre êste ponto lembra-nos ter ouvido dizer a pessoa de elevada jerarquia, hoje, na Igreja de Deus: "Nada com liberais; não frequenteis suas casas; não cultiveis suas amizades!" Demais, já antes havia dito de seus contemporâneos o apóstolo: *Ne commisceamini* "Não vos relacioneis com êles. (I Corinth. V. 9)." *Cum ejusmodi nec cibum sumere*: "Com êles nem sentar-se à mesa. (Ibid. V, 11)."

Horror, pois, à heresia que é o mal sôbre todo o mal! Em país empestado o que primeiro se procura é emigrar. Quem nos dera poder estabelecer hoje cordão sanitário absoluto entre católicos e sectários do Liberalismo!

XX

NECESSIDADE DE PRECAVER-SE CONTRA AS LEITURAS LIBERAIS

Se esta conduta convém observar com as pessoas, muito mais conveniente, e porventura muito mais fácil, é observá-la a respeito das leituras.

O Liberalismo é sistema completo, como o catolicismo, ainda que em sentido inverso. Tem, pois, suas artes, ciências, letras, economia, moral, isto é, um organismo inteiramente próprio e seu, animado por seu espírito, marcado com o seu sêlo e caráter. Também igualmente o tiveram as mais poderosas heresias, como por exemplo, o arianismo na antiguidade e o jansenismo nos séculos modernos. Há, pois, não só periódicos liberais, mas livros liberais ou com láivos de Liberalismo; abundam, e triste é dizê-lo, neles aprende principalmente a geração atual, razão por que sem o saberem ou advertirem são tantos os que se encontram miseràvelmente contaminados.

Que regras há a dar neste caso?

Análogas ou quase análogas às que se deram com relação às pessoas. Leia-se o que há pouco dissemos, e aplique-se aos livros o que se disse dos indivíduos. Não é trabalho difícil, e poupar-nos-á aos leitores o incômodo da repetição.

Uma coisa advertiremos apenas, especialmente em relação a esta matéria. E vem a ser que nos guardemos de nos desfazermos em elogios a livros liberais, seja qual fôr o seu mérito científico ou literário, a não ser que façamos tais elogios com grandíssimas reservas e salvando sempre a reprovação que merecem por seu espírito ou sabor liberal. E fazemos insistência neste

ponto, porque são muitos os católicos simplórios (mesmo no jornalismo católico) que a fim de passarem por imparciais e assumirem um verniz de ilustração que sempre lisonjeia, tocam bombo e sopram a trombeta da Fama em favor de qualquer obra científica procedente do campo liberal; dizem que tal proceder só tem por fim provar que aos católicos não punge reconhecer o mérito, onde quer que se encontre; que assim se atrai o inimigo (maldito sistema de atração que vem tornar-se em jôgo de *ganha-perde*, pois insensìvelmente somos nós os atraídos); que, finalmente, não há perigo nenhum nisto, mas sim notório espírito de equidade. Que pena nos causou há poucos meses ler num periódico, fervorosamente católico, repetidos elogios e recomendações de um poeta célebre que escreveu, por ódio à Igreja, poemas como a *Visão de S. Martinho* e *A última lamentação de Lord Byron!* Que importa seja grande ou não o seu mérito literário, se com êste seu mérito literário nos assassina as almas que devemos salvar? Seria o mesmo que ter considerações para com o bandido pelo brilho da espada com que nos fere, ou pelos belos lavrados que adornam a espingarda que nos dispara. A heresia envolvida nos artificiosos afagos de uma rica poesia, é mil vêzes mais mortífera do que a que só se dá a beber nos áridos e fastidiosos silogismos da escola. A grande propaganda herética de quase todos os séculos, leio nas histórias terem-na ajudado a fazer os versos sonoros. Poetas de propaganda tiveram os arianos; tiveram-nos os luteranos, muitos dos quais se prezavam, com o seu Erasmo, de cultos humanistas; a escola jansenista de Arnaldo, de Nicole e de Pascal é escusado dizer que foi essencialmente literária. Sabe-se a que deveu Voltaire os princípios e o sustentáculo da sua espantosa popularidade. Como é, pois, que nós, os católicos, nos havemos de tornar cúm-

plices de tais sereias do inferno e dar-lhes nome e fama, e ajudá-los em sua obra de fascinação e corrupção da juventude? O que ler em nossos periódicos que tal ou tal poeta é admirável poeta, *ainda que liberal*, vai e compra na livraria aquêle admirável poeta, *ainda que liberal*; devora-o, *ainda que liberal*, digere-o e corrompe com êle o seu sangue, *ainda que liberal*, e, por sua vez, o desventurado leitor torna-se liberal como o seu favorito autor. Quantas inteligências e corações não deitou a perder o infeliz Espronceda! Quantas, o ímpio Larra! Quantas, quase na atualidade, o malfadado Becquer! Isto para não citar nomes de vivos, e não nos seria difícil citá-los às dezenas.

Para que havemos de fazer à Revolução o serviço de apregoar as suas glórias infaustas? A que título? — De imparcialidade? Não; porque não deve haver imparcialidade em ofensa do principal, que é a verdade. Uma mulher má é infame por mais formosa que seja, e é tanto mais perigosa quanto mais bela. — A título de gratidão? Não; porque os liberais *mais prudentes* do que nós, não recomendam o que é nosso, pôsto que tão belo como o dêles, antes procuram obscurecê-lo com a crítica ou enterrá-lo com o silêncio.

De Santo Inácio de Loyola, diz o seu ilustre biógrafo o Padre Rivadeneyra, que era tão *zeloso* nesta parte, que nunca permitiu se lesse nas suas aulas obra alguma do famoso humanista da sua época, Erasmo de Rotterdam, apesar de que muitos de seus elegantes escritos não se referiam à religião, e só porque na maior parte deles mostrava sabor protestante.

Do Padre Faber, que ninguém acusará de pouco ilustrado, inserimos aqui um precioso trecho a propósito de seus famosos compatriotas Milton e Byron. Dizia assim o grande escritor inglês, em uma de suas formosíssimas cartas:

"Não compreendo a estranha anomalia das gentes palacianas, que citam com elogio homens como Milton e Byron, manifestando ao mesmo tempo que amam a Cristo e põem n'Êle tôda a esperança de salvação.

"Amam a Cristo e sua Igreja, e louvam na sociedade os que blasfemam da Igreja e de Cristo. Trovejam e falam contra a impureza como coisa odiosa a Deus, e celebram um ser cuja vida e obras estão dela saturados.

"Não posso compreender a distinção entre o homem e o poeta; entre as passagens puras e as impuras.

"Se alguém ofende o objeto do meu amor, não posso receber dele satisfação nem prazer; e não posso conceber que com amor ardente e delicado para com Nosso Salvador possam achar gôsto nas obras de seus inimigos. A inteligência admite distinções, o coração não.

"Milton (maldita seja a memória do blasfemo!) passou grande parte da sua vida escrevendo contra a divindade de meu Senhor, minha única fé, meu único amor; êste pensamento tortura-me. Byron, olvidando os seus deveres para com a pátria e todos os afetos naturais, rebaixou-se vergonhosamente, ataviando com formosos versos o crime e a incredulidade. O monstro que colocou Jesus Cristo (atrever-me-ei a dizê-lo) em paralelo e como companheiro de Júpiter e de Mafoma, não é para mim mais que uma *besta fera*, ainda em suas passagens mais puras, e nunca me arrependi de haver lançado ao fogo, em Oxford, uma formosa edição de suas obras em 4 volumes... A Inglaterra não necessita de Milton. Como pode o meu país necessitar de uma política, um valor, um talento, ou qualquer outra coisa amaldiçoada por Deus? E como pode o Eterno Pai abençoar o talento e a obra de quem em prosa e em verso renegou, ridicularizou e blasfemou da divin-

dade de seu Filho? *Si quis non amat Dominum Nostrum Jesum Christum, sit anathema,* dizia S. Paulo."

Nestes têrmos escrevia o grande literato católico inglês, um dos maiores vultos literários da moderna Inglaterra. E escrevia antes de haver feito a sua completa abjuração do Protestantismo. Assim discorreu, sempre a sã intransigência católica, assim falou sempre o bom senso da fé.

Espanto-me de que tenha havido tanta polêmica sôbre se convém ou não a educação clássica, baseada no estudo dos autores gregos e latinos da antiguidade pagã, apesar de lhes diminuir sua eficácia a distância dos séculos, o mundo distinto das idéias e costumes, e a diversidade da língua; e que quase nada se haja escrito sôbre a venenosa e letal educação revolucionária, que sem escrúpulo se dá ou permite dar à juventude por muitos católicos.

XXI

DA SÃ INTRANSIGÊNCIA CATÓLICA EM OPOSIÇÃO À FALSA CARIDADE LIBERAL

Intransigente! Intransigência! Assim ouço exclamar a uma parte de meu leitores, que mais ou menos se ressentem de Liberalismo, depois da leitura do capítulo anterior.

Que modo tão pouco cristão de resolver a contenda! São ou não próximos, como quaisquer outros, os liberais? Onde vamos parar com estas idéias? Como tão descaradamente se recomenda, contra êles, o desprêzo da caridade?

"Cá temos a coisa!" exclamaremos por nossa vez. Já se nos lança em rosto a tal "falta de caridade". Vamos, pois, responder também a êste reparo, que é para

alguns o verdadeiro cavalo de batalha da questão. Se o não é, serve ao menos a nossos inimigos de verdadeiro baluarte em nossas polêmicas. É, como muito a propósito disse um autor, fazer belamente servir a carida- de de barricada contra a verdade.

Discriminemos antes de mais nada o que significa a palavra *caridade*.

A teologia católica nos dá a definição por bôca do mais autorizado órgão da propaganda popular, o sábio e filósofo *Catecismo*. "Diz assim: *Caridade é uma virtude sobrenatural que nos inclina a amar a Deus sôbre tôdas as coisas e ao próximo como a nós mesmos por amor de Deus*.

Desta definição, depois da parte que se refere a Deus, resulta que devemos amar o próximo como a nós mesmos, e isto não de qualquer maneira, mas em ordem e com sujeição à lei de Deus e por amor de Deus.

Ora bem; o que é amar? *Amare este velle bonum*, diz a filosofia. "Amar é querer bem a quem se ama." E a quem diz a caridade que se há de amar ou querer bem? — Ao próximo, isto é, não a tal ou tal homem sòmente, mas a todos os homens. E qual o bem que se lhes há de querer para que resulte verdadeiro amor? — Primeiramente, o bem supremo de todos, que é o bem sobrenatural; depois, os demais bens de ordem natural, não incompatíveis com aquêle. O que tudo vem a resumir-se naquela frase: "por amor de Deus" e outras mil de análogo sentido e teor.

Segue-se pois, que se pode amar e querer bem ao próximo (e muito) desgostando-o, contrariando-o, prejudicando-o materialmente, e até privando-o da vida em certas ocasiões. Tudo se reduz a examinar se naquilo em que se desgosta ou contraria ou mortifica, se obra ou não em seu bem, ou de outro que tenha mais direito

que êle a êste bem ou simplesmente em maior serviço de Deus.

1.º — *Ou em seu bem.* — Se claramente se vê que desgostando e ofendendo o próximo, se obra em seu bem, claro está que se ama ainda naquilo em que para seu bem se desgosta e contraria. Assim ama-se o enfêrmo abrasando-o com o cautério, ou cortando-lhe a gangrena com o bisturi; ama-se o homem mau corrigindo-o com a repreensão ou com o castigo, etc. Tudo isto é excelente caridade.

2.º — *Ou em bem de outro próximo que tenha melhor direito.* — Sucede frequentemente que é preciso desgostar a um, não em seu próprio bem, mas para livrar de um mal a outro a quem o primeiro procura causá-lo. Neste caso é lei de caridade defender o agredido da agressão injusta do agressor, e pode-se fazer mal a êste quanto seja preciso ou conveniente para defesa daquele. Assim sucede quando em defesa do viandante a quem o ladrão acomete, se mata êste. E então matar ou danificar, ou ofender de qualquer outro modo o injusto agressor, é ato de verdadeira caridade.

3.º — *Ou e mmaior serviço de Deus.* — O bem sôbre todos os bens é a glória divina, como o próximo sôbre todos os próximos é para o homem o seu Deus. Por conseguinte, o amor que se deve aos homens como próximos, deve entender-se sempre subordinado ao que devemos todos ao nosso comum Senhor. Para seu maior serviço, pois, se deve (se é necessário) desgostar os homens, e (se ainda é necessário) feri-los e matá-los. Atenda-se à fôrça dos parêntesis — se é necessário — para indicar claramente o caso único em que exige tais sacrifícios o serviço de Deus. Assim como em guerra justa se ferem e matam homens em serviço da pátria, assim se podem ferir e matar em serviço de Deus; e assim como, segundo a disposição da lei se podem

justiçar por infração do Código humano, assim numa sociedade catòlicamente organizada se podem justiçar por infração do Código divino, no que êste obriga no fôro externo; o que justifica plenamente a tão amaldiçoada Inquisição. E tudo isto (quando tais atos sejam necessários e justos) são atos de virtude e podem ser mandados pela caridade.

Não o entende assim o Liberalismo moderno, porém entende mal. Por isso tem e dá aos seus uma falsa noção de caridade, e ataranta e apostrofa a tôdas as horas os católicos firmes com a decantada acusação de intolerância e intransigência. A nossa fórmula é muito clara e concreta. É a seguinte: — A suma intransigência católica é a suma caridade católica: em ordem ao próximo por seu próprio bem, quando por seu próprio bem se confunde, envergonha, ofende ou se castiga; em ordem ao bem alheio, quando para livrar o próximo do contágio de um êrro, se desmascaram seus autores e fautores, se lhes chama por seus verdadeiros nomes de maus e malvados, se fazem aborrecer e desprezar como devem ser, se denunciam à execração pública e se é possível, ao zêlo da fôrça social encarregada de reprimi-los e castigá-los; em ordem, finalmente, a Deus, quando para sua glória e serviço se torna *necessário* prescindir de tôdas as considerações, saltar tôdas as valas, afrontar todos os respeitos, ferir todos os interêsses, expôr a própria vida e a dos que seja preciso para tão alto fim.

E tudo isto é pura intransigência no verdadeiro amor, e por isso suma caridade, e os sectários desta intransigência são os heróis mais sublimes da caridade, como o entende a verdadeira religião. E por que há poucos caritativos devéras. A caridade liberal hoje em

moda é, na forma, o afago, a condescendência e o carinho; porém no fundo, é o desprezo essencial dos verdadeiros bens do homem e dos supremos interêsses da verdade e de Deus.

XXII

DA CARIDADE NO QUE SE CHAMAM AS FORMAS DA POLÊMICA, E SE A ÊSTE RESPEITO TÊM RAZÃO OS LIBERAIS CONTRA OS APOLOGISTAS CATÓLICOS

Mas não é êste último principalmente o terreno em que o Liberalismo coloca a questão, pois sabe que no campo dos princípios seria irremediàvelmente vencido. Mais a miúdo acusa os católicos de pouca caridade nas formas da sua propaganda, e é neste ponto, como temos dito, que costumam fazer especial insistência certos católicos bons no fundo, porém influenciados da maldita peste liberal. O que há, pois, sôbre êste particular?

Há o seguinte: — Que temos razão nisto como no mais, nós os católicos; e não a têm nem por sombras, os liberais. Fixemo-nos para isto nos seguintes pontos:

1.º — Pode claramente o católico dizer ao seu adversário liberal, que o é. Ninguém porá em dúvida esta proposição. Se tal autor, ou jornalista, ou deputado, começa de jactar-se de Liberalismo, e não oculta nem pouco nem muito suas idéias ou afeições liberais, que injúria se faz em se lhe chamar liberal? É princípio de direito: *Si palam res est, repetitio injuria non est*, "não é injúria ir repetir o que está à vista de todos." E muito menos dizer do próximo o que a tôdas as horas êle mesmo diz de si. Quantos libe-

rais, não obstante, particularmente do grupo dos mansos ou temperados, tomam como grande injúria que lhes chame liberais ou amigos do liberalismo um adversário católico?

2.º — Dado que o Liberalismo é coisa má, não é faltar à caridade chamar maus os defensores públicos e conscientes do Liberalismo.

É em substância aplicar ao caso presente a lei de justiça que se tem aplicado em todos os séculos. Nós, os católicos de hoje, não fazemos inovações neste ponto, seguimos a prática constante da antiguidade. Os propaladores e fautores de heresias foram em todos os tempos chamados herejes, como os seus autores. E como a heresia foi sempre considerada na Igreja como mal gravíssimo, a tais fautores e propaladores chamou sempre a Igreja maus e malvados. Registem-se as coleções dos autores eclesiásticos. Veja-se como os Apóstolos trataram os primeiros heresiarcas e como continuaram tratando-os os Santos Padres e depois os modernos controversistas e a mesma Igreja em sua linguagem oficial. Não há, pois, falta de caridade em chamar ao mau — mau; aos autores, fautores e seguidores do mal — maus e malvados; e ao conjunto de todos os seus atos, palavras e escritos — iniquidade, maldade, perversidade. O lôbo foi sempre chamado lôbo e mais nada, e nunca se julgou fazer má obra ao rebanho nem a seu dono, chamar-lhe e apostrofá-lo assim.

3.º — Se a propaganda do bem e a necessidade de atacar o mal exigem o emprêgo de frases duras contra os erros e seus reconhecidos corifeus, podem estas empregar-se sem faltar à caridade. É um corolário ou consequência do princípio anterior. O mal deve-se torná-lo aborrecido e odioso; e não se póde fazer isto senão denunciando-o como mau, perverso e desprezível. A oratória cristã de todos os séculos, autoriza o emprêgo

das figuras de retórica mais duras contra a impiedade. Nos escritos dos grandes atletas do cristianismo é contínuo o uso da ironia, da imprecação, da execração, dos epítetos desprezíveis. A lei de tudo isto deve ser ùnicamente a oportunidade e a verdade.

Há ainda outra razão. A propaganda e apologética popular (que sempre é popular a religiosa) não pode guardar as formas aveludadas e sóbrias da academia e da escola. Não se convence o povo, senão falando-lhe ao coração e à imaginação, que só se emocionam com a literatura calorosa, incendida e apaixonada. Não é mau o apaixonamento produzido pela santa paixão da verdade. As chamadas intemperanças do moderno jornalismo ultramontano, à parte o serem muito benignas comparadas com as do jornalismo liberal (exemplos recentes temo-los por aí a cada passo), estão justificadas em qualquer página que se abra das obras dos grandes polemistas católicos dos melhores tempos.

O Batismo começou por chamar aos fariseus "raça de víboras". Cristo Deus não se absteve de apostrofá-los com os epítetos de "hipócritas, sepulcros branqueados, geração má e adúltera", sem que com isso julgasse manchar a santidade da sua mansíssima prégação. S. Paulo dizia, dos cismáticos de Creta, que eram "mentirosos, bestas más, crapulosos, preguiçosos". Ao sedutor Elimas Mago, chama o mesmo Apóstolo, "homem cheio de tôda a fraude e embuste, filho do diabo, inimigo de tôda a verdade e justiça".

Se abrimos as coleções dos Padres, só encontramos rasgos desta natureza, que não duvidaram empregar a cada passo em sua eterna polêmica com os hereges. Citaremos apenas um ou outro dos principais.

S. Jerônimo, disputando com o hereje Vigilâncio, lança-lhe em rosto sua antiga profissão de taberneiro e

lhe diz: "outras coisas aprendeste (e não teologia) desde tenra idade, a outros estudos te dedicaste. Não é por certo coisa que possa bem executar um mesmo homem, averiguar o valor das moedas e a dos textos da Escritura, provar os vinhos e ser entendido nos Profetas e nos Apóstolos". E vê-se que o santo controversista tinha afeição a estes modos de desautorizar o adversário, pois noutra ocasião, atacando o mesmo Vigilâncio, que negava a excelência da virgindade e do jejum, pergunta-lhe com muitíssima graça, "se pregava assim para não perder o consumo da sua taberna". Ó! o que não teria dito um crítico liberal se isto escrevêra contra um héreje de hoje algum de nossos controversistas!

Que diremos de S. João Crisóstomo na sua famosa invectiva contra Eutrópio, a qual por pessoal e agressiva só tem comparação com as acrimoniosas de Cícero contra Catilina ou contra Verres?

O melífluo Benardo não era certamente de mel ao tratar com os inimigos da sua fé. A Arnaldo Bréscia (grande agitador liberal do seu século) chama com tôdas as letras "sedutor, vaso de injúrias, escorpião, lôbo cruel".

O bom São Tomás de Aquino esquece a serenidade de seus frios silogismos para dirigir-se em veemente apóstrofe contra seu adversário Guilherme de Saint-Amour e seus discípulos, e chamar-lhes à bôca cheia "inimigos de Deus, ministros do diabo, membros do Anticristo, ignorantes, perversos, réprobos". Nunca disse tanto o insigne Luís Veuillot.

O dulcíssimo S. Boaventura dirige increpações a Geraldo com os epítetos de "imprudente, caluniador, espírito maléfico, ímpio, impudico, ignorante, embusteiro, malfeitor, pérfido e insensato".

Ao chegar à época moderna apresenta-se-nos o tipo encantador de S. Francisco de Sales, que por sua

esquisita delicadeza e mansidão mereceu ser chamado a imagem viva do Salvador. Julgais que guardou consideração alguma para com os herejes do seu tempo e do seu país? Ah! Perdoou-lhes as injúrias, cumulou-os de benefícios, procurou até salvar a vida a quem atentara contra a sua. Chegou até a dizer a um seu rival: "Se me arrancasses um ôlho, não deixaria com o outro de olhar-te como irmão". Pois bem; com os inimigos da sua fé não guardava espécie alguma de contemplações ou consideração. Perguntado por um católico se podia dizer mal de um hereje, que espalhava suas venenosas doutrinas, respondeu: "Sim, podeis, contanto que não digais dele coisa contrária à verdade, e só pelo conhecimento que tenhais do seu mau modo de viver; falando do duvidoso como duvidoso e segundo o grau maior ou menor de dúvida que sôbre isso tenhais".

Mais claro o deixou escrito em sua *Filotea*, livro tão religioso como popular. Diz assim: "Os inimigos declarados de Deus e da Igreja devem ser vituperados o mais que se possa. A caridade obriga a todos a gritar "ao lôbo!" quando êste se introduziu no rebanho, e até em qualquer lugar em que se encontre.

Haverá necessidade de dar a nossos inimigos um curso prático de retórica e crítica literária? Eis o que, há sôbre a tão decantada questão das formas agressivas dos escritores ultramontanos, vulgo verdadeiros católicos. A caridade proíbe-nos fazer aos outros o que razoàvelmente não queremos para nós. Note-se o advérbio *razoàvelmente*, no qual está todo o *quid* da questão. A diferença essencial entre o nosso modo de ver e o dos liberais neste assunto, é que estes senhores consideram os apóstolos do êrro como simples cidadãos *livres*, que no uso do seu *perfeito direito*, opinam de outro modo em religião, e assim se julgam obrigados a respeitar aquela sua *opinião*, e a não contradizê-la senão

nos têrmos de uma discussão *livre*; ao passo que nós não vemos neles senão inimigos declarados da fé, que estamos obrigados a defender, e em seus erros não vemos opiniões livres, senão formais heresias e maldades, como ensina a lei de Deus.

Com razão, pois, diz um grande historiador católico aos inimigos do catolicismo: — "Fazeis-vos infames com vossas ações; pois bem, eu vos acabarei de cobrir de infâmia com meus escritos". E por semelhante temor ensinava à viril geração romana dos primeiros tempos de Roma a lei das doze tábuas: *Adversus hostem aeterna auctoritas esto;* que poderia traduzir-se: "contra os inimigos, guerra sem tréguas".

XXIII

SE É CONVENIENTE AO COMBATER O ÊRRO COMBATER E DESAUTORIZAR A PERSONALIDADE DO QUE O SUSTENTA E PROPALA

Dir-se-á porém: "Conceda-se isso com respeito às doutrinas em abstrato. Mas será conveniente ao combater o êrro, por maior que o seja, cevar-se e encarniçar-se contra a personalidade do que o sustenta?"

Responderemos que muitas vezes sim, é conveniente e não só conveniente mas até indispensável e meritório diante de Deus e da sociedade. E ainda que bem pudesse deduzir-se esta afirmação do que anteriormente havemos exposto, queremos todavia tratá-la aqui *ex professo*, pois é grande a sua importância.

Com efeito, não é pouco frequente a acusação que se faz ao apologista católico de ocupar-se sempre das pessoas, e quando se lança em rosto a um dos nossos o atacar uma pessoa, parece aos liberais e aos contaminados de Liberalismo que já não há mais que dizer para condená-lo.

E não obstante não têm razão; não, não a têm. As idéias más hão de ser combatidas e desautorizadas; é preciso torná-las aborrecidas, desprezíveis e detestáveis à multidão, a essa que intentam embair e seduzir. Mas quer o acaso que as idéias não se sustentam por si mesmas no ar, nem por si mesmas se difundem e propagam, nem por si mesmas fazem todo o dano à sociedade. São como as flechas ou balas, que a ninguém iriam ferir, se não houvesse quem as disparasse com o arco ou com a espingarda.

Ao atirador se devem, pois, dirigir primàriamente os tiros do que deseje destruir a sua mortal pontaria; e qualquer outro modo de fazer a guerra será tão liberal como queiram, porém não terá sentido comum. Soldados com armas de envenenados projetis são os autores e propagandistas de doutrinas heréticas; suas armas são o livro, o jornal, o discurso público, a influência pessoal.

Não basta, pois, desviar-se para evitar o tiro, não; o principal e mais eficaz é deixar inabilitado o atirador. Assim, convém desautorizar e desacreditar o seu livro, periódico, ou discurso; e não só isto, senão desautorizar e desacreditar em alguns casos a pessoa. Sim, a pessoa, porque é êste o elemento principal do combate, como o artilheiro é o elemento principal da artilharia, e não a bomba, a pólvora ou o canhão.

Pode-se, pois, em certos casos trazer a público suas infâmias, ridicularizar seus costumes, cobrir de ignomínia o seu nome e apelido. Sim, senhor; e pode-se fazer em prosa ou em verso, a sério ou brincando, em gravuras e por tôdas as artes e processos que no futuro possam inventar-se.

Sòmente se deve ter em conta que não se ponha a mentira ao serviço da justiça. Isso não; ninguém neste ponto se afaste um só ápice da verdade, porém, dentro dos limites desta, recorde-se aquele dito de Cretineau-Joly: — *A verdade é a única caridade permitida à história;* e poderia acrescentar: À defesa religiosa e social.

Os mesmos Santos Padres, que temos citado, provam esta tese. Até os títulos de suas obras dizem claramente que, ao combater as heresias, o primeiro tiro procuravam dirigi-lo contra os heresiarcas. Quase todos os títulos das obras de Santo Agostinho se dirigem ao nome do autor da heresia: *Contra Fortunatum manichaeum; adversus Adamancium; Contra Felicem; Contra Secundinum; Quis fuerit Petilianus; De gestis Pelagii; Quis fuerit Julianus, etc.* De sorte que quase tôda a polêmica do grande Agostinho foi pessoal, agressiva, biográfica, por assim dizer, tanto como doutrinal; corpo a corpo com o hereje, como contra a heresia. E assim poderíamos dizer de todos os Santos Padres.

Onde foi, pois, o Liberalismo buscar a novidade de que ao combater os erros se deve prescindir das pessoas e até animá-las e acariciá-las? Firmem-se no que ensina sôbre êste ponto a tradição cristã, e deixem-nos a nós, os ultramontanos, defender a fé como se defendeu sempre na Igreja de Deus. Penetre, pois, a espada do polemista católico, fira e vá direito ao coração, que esta é a única maneira real e eficaz de combater!

XXIV

RESOLVE-SE UMA OBJEÇÃO, À PRIMEIRA VISTA GRAVE, CONTRA A DOUTRINA DOS DOIS CAPÍTULOS PRECEDENTES

Uma dificuldade, à primeira vista gravíssima, podem os nossos adversários opor, ao que parece, à doutrina que assentámos nos artigos anteriores. Convém-nos deixar o nosso caminho livre e desembaraçado desses escrúpulos (ou o que quer que seja).

O Papa, dizem, e é certo, tem diferentes vezes recomendado aos jornalistas católicos a prudência e a moderação nas formas da polêmica, a observância da caridade, a abstenção das maneiras agressivas, os epítetos infamantes e as personalidades injuriosas. Ora isto, dirão agora, é diametralmente oposto a tudo o que acabais de expôr.

Vamos demonstrar que não há contradição; que há de haver, valha-nos Deus! entre estas indicações nossas e os sábios conselhos do Papa? E não nos custará, por fortuna, torná-lo patente.

Com efeito; a quem se dirigiu o Papa nas suas repetidas exortações? — Sempre à imprensa católica, sempre aos jornalistas católicos, sempre supondo que o são. Por conseguinte, é evidente que, ao dar tais conselhos de moderação e prudência, os referiu a católicos que tratavam com outros católicos questões livres entre si; e não a católicos que sustentavam com *anticatólicos deliberados* o rijo combate da fé.

É evidente que não aludiu às incessantes batalhas entre católicos e liberais; as quais, por isso mesmo que o catolicismo é a verdade e o Liberalismo a here-

sia, hão de considerar-se em boa lógica batalhas entre católicos e herejes.

É evidente que quis se entendessem os seus conselhos só com relação a nossas dissidências de família, que não poucas são por desgraça; e não pretendeu que com os eternos inimigos da Igreja e da fé, lutássemos com armas sem ponta e sem fio, usadas só nas justas e torneios.

Por conseguinte não há oposição entre a doutrina por nós apresentada e a contida nos aludidos Breves e Alocuções de Sua Santidade, pois que a oposição em boa lógica deve ser *ejusdem, de eodem et secundum idem;* e aqui nada disto tem lugar.

E como poderia a palavra do Papa interpretar-se retamente de outra maneira? É regra de sã hermenêutica que um texto das Sagradas Letras deve interpretar-se em sentido literal quando a êste sentido não se opõe o restante contexto dos livros santos; devendo recorrer-se ao sentido livre ou figurado quando aparece aquela oposição. Semelhantemente, a mesma regra podemos estabelecer ao tratar da interpretação dos documentos pontifícios.

Poderá supor-se o Papa em contradição com tôda a tradição católica desde Jesus Cristo até nossos dias? Poderão crêr-se condenados de uma penada o estilo e modo dos mais insignes apologistas e contraversistas da Igreja, desde S. Paulo até S. Francisco de Sales? É evidente que não. E é evidente que assim seria, se tais conselhos de moderação e de prudência devessem entender-se no sentido que (para sua conveniência particular) os interpreta o critério liberal.

É, pois, ùnicamente admissível a conclusão de que o Papa ao dar tais conselhos (que para todo o bom católico devem ser preceitos) intentou referir-se, não às polêmicas entre os católicos e inimigos do Catolicismo,

como são os liberais, mas às dos bons católicos, entre si, em suas dissidências e diferenças.

Não, não pode ser de outra maneira, di-lo o próprio senso comum. Nunca em batalha alguma mandou o capitão a seus soldados que não ferissem demasiado o adversário; nunca lhes recomendou brandura para com êles; nunca afagos nem contemplações. A guerra é guerra, e nunca foi feita de outra maneira, senão ofendendo. É suspeito de traidor o que no fragor do combate anda gritando por entre as fileiras dos leais: "cuidado não se desgoste o inimigo! não se lhe aponte demasiado ao coração!"

Porém, que mais? O próprio Pio IX nos deu a interpretação autêntica de suas santas palavras, e do modo como devem aplicar-se, e a quem, aquêles seus conselhos de prudência e moderação. Aos sectários da *Comuna* chamou *demônios*, em uma ocasião solenissima, e aos do catolicismo liberal chamou *piores do que aquêles demônios*. Esta frase correu mundo, e saída dos lábios mansíssimos do Papa ficou gravada na fronte do Liberalismo como estigma de eterna execração. Quem depois dela temerá exceder-se na dureza dos qualificativos?

As próprias palavras da Encíclica *Cum multa*, de que tanto abusou contra os mais firmes católicos a impiedade liberal, aquelas mesmas palavras em que Nosso Santíssimo Padre Leão XIII recomenda aos escritores católicos "que as disputas em defesa dos sagrados direitos da Igreja não se façam com altercações, mas com moderação e prudência, de sorte que na contenda dê a vitória ao escritor, antes o pêso das razões do que a violência e aspereza do estilo", é evidente que não podem deixar de entender-se senão acêrca das polêmicas entre católicos e católicos sôbre o melhor modo de servir a sua causa comum, e não das polêmicas entre cató-

licos e inimigos declarados do catolicismo, quais são os sectários formais e conscientes do Liberalismo.

E a prova está à vista, só ao olhar o contexto da referida preciosíssima Encíclica.

O Papa acaba de exortar a que se mantenham unidas as Associações e os indivíduos católicos. E depois de ponderar as vantagens desta união, indica como meio principalíssimo de conservá-la, essa moderação e temperança no estilo, que acabamos de indicar.

Daqui deduzimos um argumento que não sofre contestação.

O Papa recomenda a suavidade do estilo *aos escritores católicos*, para que esta os ajude a conservar a paz e a mútua união.

É assim que esta paz e união só deve querê-la o Papa entre católicos e católicos, e não entre católicos e inimigos do catolicismo.

Logo, a suavidade e moderação que o Papa recomenda aos escritores só se refere às polêmicas dos católicos entre si, e nunca às que deve haver entre católicos e sectários do êrro liberal.

Mais claro, esta moderação e prudência ordena-a o Papa como meio para o fim daquela união Aquêle meio deve, por conseguinte, caracterizar-se por êste fim a que se dirige.

É assim que êste fim é puramente a união entre católicos, e nunca (*quia absurdum*) entre católicos e inimigos do catolicismo. Logo tampouco deve entender-se aplicada a outra esfera aquela moderação.

XXV

CONFIRMA-SE O QUE ÙLTIMAMENTE DISSEMOS COM UM MUI CONSCIENCIOSO ARTIGO DA "CIVILTÀ CATTOLICA"

Duvidamos se encontre saída a êste argumento, porque a não tem. Mas como a matéria é transcendentalíssima e tem sido nestes últimos tempos objeto de acalorada controvérsia, sendo além disso escassa e de pouco pêso a nossa autoridade para falar definitivamente sôbre ela, permitam-nos os nossos leitores que aduzamos aqui, a favor de nossas doutrinas, um voto de mais reconhecida, para não dizer incontestável e incontestada, competência.

É da *Civiltà Cattolica*, o primeiro periódico religioso do mundo, senão oficial em sua redação ao menos em sua origem, pois foi fundado por Breve especial de Pio IX, e por èle confiado aos PP. da Companhia de Jesus.

Êste periódico, que já 'a sério, já em sátira, não deixa sossegar com seus artigos os liberais do seu país, viu-se várias vezes repreendido de falta de caridade por êsses mesmos liberais.

Para responder a estas farisáicas homílias sôbre a moderação e caridade, publicou a dita *Civiltà* um artigo engraçadíssimo e chistoso a par de profundamente filosófico.

Vamos reproduzí-lo aqui para consolação de nossos liberais e desenganos de tantos pobres católicos influênciados de Liberalismo, que fazem côro com êles e se escandalizam a tôdas as horas da nossa tão anatematizada falta de moderação.

Intitula-se o artigo: — "UM POUCO DE CARIDADE", e é como se segue:

"Diz De Maistre que a Igreja e os Papas nunca pediram para a sua causa mais do que verdade e justiça. Muito ao contrário dos liberais, os quais por um certo salutar horror, que naturalmente devem ter à verdade e muito mais à justiça, não fazem senão pedir-nos caridade a tôdas as horas.

"Há cêrca de doze anos que por nossa parte estamos assistindo a êste curioso espetáculo que nos dão os liberais italianos, que não cessam um momento de mendigar lacrimosa, fastidiosa e desavergonhadamente a nossa caridade, suplicando-nos, de braços cruzados, em prosa e em verso, em folhetos e em periódicos, em cartas públicas e privadas, anônimas e pseudônimas, direta e indiretamente, que, por Deus! tenhamos para com êles um pouco de caridade; que não mais nos permitamos fazer rir o próximo à sua custa; que não nos entretenhamos em examinar tanto por miúdo e sob tantas feições, os seus elevados escritos; que não sejamos tão pertinazes em trazer a público suas gloriosas façanhas; que façamos vista grossa e ouvidos surdos a respeito de seus descuidos, solecismos, mentiras, calúnias e mistificações; que, numa palavra, os deixemos viver em paz.

"Pois em última análise, caridade é caridade; e que a não tenham os liberais, está muito bem e compreende-se perfeitamente; porém que a não usem escritores, como os da *Civiltà Cattolica*, isso é outro coisa.

"Justo castigo de Deus é que os liberais, que tanto aborreceram sempre a mendicidade pública, a ponto de a proibirem em muitos países sob pena de cárcere se vejam agora forçados a fazer-se públicos pedintes, mendigando de porta em porta, como pícaros reacionários... um pouco de caridade.

"Com esta edificante conversão ao amor da mendicância imitam os liberais aquela outra não menos célebre e edificante conversão de um rico avarento à vir-

tude da esmola; o qual havendo assistido uma vez ao sermão e ouvido uma exortação mui fervorosa à prática dela, de tal sorte se comoveu, que chegou a ter-se por verdadeiramente convertido. E na verdade, havia gostado sobremaneira do sermão, *tanto, que* (dizia ao sair do templo) *é impossível que êsses bons cristãos que o ouviram não me dêem de vez em quando e de hoje em diante alguma coisa por caridade.*

"Assim os nossos sempre estupendos liberalaços, depois de haverem demonstrado por feitos e escritos (cada um segundo as suas posses) que têm à caridade o mesmo amor que o diabo à agua benta, quando depois, ouvindo falar em caridade, voltam a si e se recordam que há no mundo algo que se chama a virtude da caridade e que esta pode em certas ocasiões ser-lhes de algum proveito, mostram-se de repente furiosamente enamorados dela e vão pedí-la de voz em grita ao Papa, aos Bispos, ao clero, aos frades, aos jornalistas, a todos... até aos redatores da *Civiltà.*

"E é preciso ouvir-lhes as belas razões que sabem aduzir em seu favor! A acreditá-los não falam por intêresse próprio, santo Deus! senão por interêsse da nossa religião santíssima, que eles têm no *íntimo* do coração e que não pode deixar de sair muito prejudicada do modo tão pouco caritativo com que nós a defendemos. Falam por interêsse dos mesmos reacionários, e especialmente (quem o acreditará) de nós mesmos, os redatores da *Civiltà Cattolica.*

"Que necessidade tendes, com efeito, (assim dizem em tom confidencial) de meter-vos nessas pelejas? Não tendes bastantes hostilidades que arrostar? Sêde tolerantes e sê-lo-ão convosco os vossos adversários. Que ganhais com êsse ruim ofício de cães ululando sempre ao ladrão? E se afinal saís batidos e esmagados,

a quem dareis a culpa, senão a vós mesmos, que o andais procurando, ao que parece, com o maior empenho.

"Sábia e desinteressada maneira de discorrer, que só tem o defeito de ser muito parecida à que na novela *I promessi sposi* recomendava a Renzo Tramaglino, o comissário de polícia, quando ao bem queria levá-lo ao cárcere, porque presumia que, ao mal, o mancebo se não deixaria conduzir. "Creia-me (dizia a Renzo), creia-me, que sou prático nestas coisas. Caminhe devagarinho e a direito, sem andar de um lado para o outro, sem que alguém repare; assim ninguém fará caso, ninguém advertirá no que se passa, e conservará portanto a sua reputação."

"Mas aqui observa Manzoni que "de tão galantes razões Renzo não acreditava em nenhuma, nem tampouco que o comissário o estimasse, ou tomasse muito a peito sua honra e reputação, ou tivesse verdadeira intenção de favorecê-lo. De sorte que tais exortações não serviram mais do que confirmá-lo no desígnio já preconcebido de portar-se inteiramente ao contrário".

"Desígnio que (falando com franqueza) estamos mui tentados a formar também nós; porque não podemos à fé, persuadir-nos de que os liberais se importem pouco ou muito com o muito ou pouco dano que possamos causar à religião, ou que tenham grande cuidado pelo que realmente possa convir-nos. Cremos ao contrário, que se os liberais julgassem verdadeiramente, que o nosso modo de escrever prejudicava a religião ou pelo menos a nós, não sòmente se guardariam de nos advertir, senão que antes nos alentariam muito com apláusos.

"Afigura-se-nos que o fazerem-se zelosos e rogarnos que modifiquemos o nosso estilo, é sinal claro de que nada perde com isso, por culpa nossa, a Religião, e que os nossos escritos têm alguns leitores, o que para

um escritor não deixa de ser sempre de alguma consolação.

"Pelo que diz respeito a nossos interêsses e ao princípio utilitário, visto que os liberais hão sido com justa razão tidos sempre como grandes mestres neste ponto, e têm fama de haver aplicado sempre êste princípio muito mais em proveito próprio do que em nosso favor, hajam de permitir-nos crer, como temos crido até hoje, que em tudo isto que se ventila sôbre o nosso modo de escrever contra êles, não somos nós os que ficamos mais prejudicados, nem tampouco a religião.

"Pelo que, havendo manifestado esta nossa pobre opinião, e suposto que as razões poderíamos chamar intrínsecas e independentes do princípio utilitário, que alegam os liberais em favor próprio e contra o nosso modo de escrever, têm sido já muitas vezes refutadas nas passadas séries da *Civiltà Cattolica*, só nos restaria despedir com bons modos êsses mendigos de novo cunho, advertindo-os de fazer daqui em diante o seu ofício de advogados em causa própria, melhor do que o faziam com Renzo aqueles mencionados esbirros do século XVII. Mas porque alguns não deixam ainda de continuar mendigando, e recentemente publicaram em Perusa um opúsculo com o título: "Que é o chamado partido católico?" em que nada mais se faz do que mendigar da *Civiltà Cattolica* um pouco de caridade; não será inútil repetir mais uma vez no princípio desta 5.ª série as mesmas antigas respostas contra as mesmas antigas objeções. E também será isto grande obra de caridade: não, certamente, aquela que nos pedem os liberais, senão outra que tem também o seu mérito, qual

é a de escutar-nos com paciência, não sabemos já se pela centésima vez.

"Não merece menos o tom humilde e queixoso com que de algum tempo a esta parte nos andam pedindo um pouco de caridade."

XXVI

CONTINÚA A FAMOSA E CONTUNDENTE CITAÇÃO DA "CIVILTÀ CATTOLICA"

Continúa assim o famoso artigo da *Civiltà* e continuamos nós também a oportuníssima citação dêle.

"Se os liberais nos pedem a verdadeira caridade, a única que lhes convém e que nós, como redatores da *Civiltà Cattolica* lhes podemos e devemos dar, tão longe estamos de querer negar-lha que, muito ao contrário, julgamos haver-lha prodigalizado muitíssimo até agora, senão segundo tôdas as suas necessidades, ao menos segundo a nossa possibilidade.

"É intolerável abuso de palavras o que cometem por aí os liberais, dizendo que não usamos com êles de caridade.

"A caridade, una em seu princípio, é vária e multiforme em suas obras. Tanto usa muitas vezes da caridade o pai que rijamente bate em seu filho, como o que o cobre de beijos. E é muito possível que amiudadas vezes seja menos para com seu filho a caridade do pai que o beija, que a do que o fustiga.

"Nós fustigamos os liberais, não pode negar-se, e muito a miúdo, com meras palavras por suposto. Porém, poderá dizer-se por isto que não os amamos? Que não temos caridade para com êles? Isto poderá dizer-

se antes daquêles que contra as prescrições da caridade interpretam mal as intenções do próximo.

"Enquanto a nós, o que mais poderão dizer os liberais é que a caridade com que os tratamos não é a que êles desejam. Mas nem por isso deixa de ser caridade, sim senhor, e muita caridade; e visto que são êles que pedem caridade, e nós que lha concedemos debalde, bem poderiam recordar aqui o velho rifão: *A cavalo de regalo não olhes para o pélo.*

"Quereriam a caridade no sentido de os louvarmos, admirarmos e apoiarmos, ou pelo menos de os deixarmos obrar à sua vontade. E nós, ao contrário, não queremos fazer-lhes senão a caridade de gritar-lhes repreendendo-os, excitá-los por mil modos a sair do seu mau caminho.

"Quando dizem uma mentira, levantam uma calúnia, ou roubam os bens alheios, quereriam êsses liberais que lhes encobríssemos êsses e outros pecados *veniais* com o manto da caridade. Nós, ao contrário, apostrofomo-los de ladrões, embusteiros e caluniadores, exercendo com êles a caridade mais esquisita, qual a de não adular nem enganar aqueles a quem queremos bem.

"Quando lhes escapa algum disparate gramatical, de ortografia, de linguagem ou simplesmente de lógica, quereriam que fizéssemos vista grossa, e choram, e lamentam-se, quando os advertimos em público, queixando-se de que faltamos à caridade. Nós, ao contrário, fazemos-lhe a boa obra de obrigá-los como que a apalpar, com suas próprias mãos, uma coisa que devem saber, e é que não são tão grandes mestres como se lhes afigura, não passando de medíocres estudantes; e assim procuramos, quanto podemos, promover em Itália a cultura das belas letras, e no coração dêsses liberais o exercício da humanidade cristã, de que se sabe terem bastante necessidade.

"Quereriam sobretudo êsses senhores que os tomássemos sempre muito a sério, que os estimássemos, reverenciássemos, obsequiássemos e tratássemos como personagens de importância; resignar-se-iam a que os refutássemos, sim, porém, de chapéu na mão, corpo inclinado, cabeça baixa em reverente e humilde atitude. A que vêm, pois, suas queixas, se alguma vez lhes tocamos a solfa, como costuma dizer-se, isto é, se os metemos a ridículo a êles os pais da pátria, os heróis do século, os verdadeiros italianos, a própria Itália, como costumam dizer de si mesmos, na mais compendiosa expressão? Quem tem, pois, a culpa, se é tão ridícula essa pretensão que ao próprio Heráclito faria soltar uma gargalhada?

"Pois que ? Havemos de estar sempre reprimindo todo o movimento natural de riso?

"Deixar-nos rir quando evidentemente se não pode deixar de o fazer, é também obra de misericórdia, que os liberais poderiam permitir-nos de boa vontade, visto que por sua parte não lhe custa muito. Todos compreendem perfeitamente que, assim como fazer rir honestamente à custa do vício e dos viciosos é de si coisa boa, segundo o dito — *castigat ridendo mores*, e aquêle outro — *ridendo dicere verum, quid vetat?* assim, fazer rir uma ou outra vez os nossos leitores à custa dos liberais é verdadeira obra de misericórdia e de caridade para os mesmos leitores, que certamente não hão de estar sempre sérios e com a corda retezada, enquanto lêem o jornal. E afinal os mesmos liberais, se bem consideram, ganham muito em que os outros se riam à custa dêles, pois que desta sorte vem tôda a gente a conhecer que não são às vezes tão horríveis e espantosos todos os seus feitos, como podem parecer, visto que de ordinário só costumam provocar o riso as deformidades inofensivas.

"Não nos agradecerão alguma vez o caráter de meramente inocentes com que procuramos apresentar algumas de suas picardias? E como é que não compreendem que não há meio mais eficaz para conseguir se corrijam delas, do que esta chacota e riso com que se move a saudá-las todo o que as vê postas por nós à sua devida luz? E como é que não vêem que não têm direito algum de acusar-nos, quando assim o fazemos, de não obrar com êles como manda a caridade?

"Se tivessem lido a vida do seu grande Vitor Alfieri, escrita por êle mesmo, saberiam que, quando criança, sua mãe que o queria muito bem educado costumava, quando o apanhava em alguma travessura, obrigá-lo a ir à missa com o barrete de dormir. E conta Alfieri que êste castigo, que não era mais do que expô-lo alguma coisa ao ridículo, de tal maneira o afligiu uma vez que por mais de três meses se portou do modo mais irrepreensível. "Depois disto, diz êle, ao primeiro sinal de irregularidade ou travessura, ameaçavam-me com o aborrecido barrete de dormir, e imediatamente eu entrava tremendo na linha de meus deveres. Depois, havendo caído um dia em certa faltazita, para descupar a qual disse a minha mãe uma solene mentira, fui de novo sentenciado a levar em público o barrete de dormir. Chegou a hora; posto o tal barrete na cabeça, chorando e gritando me tomou pela mão o aio para sair e me empurrava por detrás o criado." Porém por mais que chorasse, gritasse e pedisse caridade, a mãe que queria o seu bem permaneceu inexorável; e qual foi o resultado? "Foi, continúa Alfieri, que por muito tempo não me atrevi a dizer outra mentira: e quem sabe se àquele bendito barrete de dormir devo eu o haver saido um dos homens mais inimigos da mentira?" Nesta última frase transparece de passagem o fariseu que sempre costuma ter-se pelo melhor dos homens. Nós, pois, que

devemos pensar que todos os liberais têm em muito os elevados sentimentos do seu grande Alfieri, por que razão não havemos de esperar que os corrigiremos do feio vício, senão de dizer mentiras, pelo menos de imprimi-las, enviando-os com o barrete de dormir, por mais que gritem, batam o pé e vociferem caridade, não à missa, que isso é impossível, mas a dar uma volta por Itália, e isso nem sempre que lhes escape uma mentira, que então seria demasiado frequente, mas pelo menos tôdas as vezes que publicam um milhar delas duma só vez?

"Não insistam, pois, os liberais em queixar-se-nos de que não os tratamos com caridade. Digam antes, se quiserem, que a que lhes concedemos, essa não a receberem de boa vontade. Nós já o sabíamos. Mas isso só prova que por seu estragado gôsto necessitam ser tratados com a sábia caridade que empregam os cirurgiões com os seus doentes, ou os médicos do hospital de alienados com os seus loucos, ou as boas mães com os seus filhos mentirosos.

"Mas ainda que fôsse verdade que não tratamos com caridade os liberais, e que os tais nada disso hão de agradecer-nos, nem por isso teriam direito algum a queixar-se de nós. É sabido, que nem a tôda a gente se pode fazer caridade. As nossas posses são muito escassas: fazemos caridade segundo a medida delas, preferindo, como é nosso dever, aqueles que a mesma lei de caridade bem ordenada manda preferir.

"Dizemos (entenda-se bem) que fazemos aos liberais tôda a caridade que podemos, e julgamos tê-lo demonstrado. Mas na suposição de que não o façamos, insistimos ainda em que nem por isso hão de sobrecarregar-nos de queixas os liberais.

"Vem muito para o caso uma semelhança. Está um assassino de punhal na mão agarrado a um pobre inocente para cravar-lho na garganta; acontece passar

na ocasião alguém que, levando um bom arrôcho, o descarrega sôbre a cabeça do assassino, atordôa-o, prende-o, entrega-o à justiça e livra assim, por sua boa estrêla, da morte a um inocente e de um malvado a sociedade.

"Êste terceiro faltou em alguma coisa à caridade? Se escutamos o assassino para quem é de costume a briga e a cacetada, certamente que sim. Dirá talvez que contra o que se chama *norma inculpatae tutelae* o golpe foi assaz rijo, e que bastava que o fôsse menos. Porém, à exceção do assassino, todos louvarão o passageiro e dirão que praticou um ato, não só de valor, mas de caridade, não certamente em favor do assassino, mas em favor da sua vítima; e que se para salvar êste abriu a cabeça àquele sem ter tempo de medir mui escrupulosamente a fôrça do golpe, não foi certamente por falta de caridade, mas porque a urgência do caso era tal que não se podia usar de caridade para com um, sem sacudir dextramente o outro, sem demorar-se em subtileza sôbre o mais ou o menos da *inculpata tutela*.

"Apliquemos a parábola. Dá-se à publicidade um folheto maldizente, calunioso e escandaloso contra a Igreja, contra o Papa, contra o clero, contra qualquer coisa boa. Crêem muitos que tudo o que diz aquêle folheto é pura verdade, suposto que é seu autor um *célebre, distinto* e *honrado* escritor, qualquer que seja. Se aparece alguém que para defender os caluniados e livrar do êrro os leitores, descarrega umas tantas pauladas sôbre o desvergonhado autor, haverá aquêle faltado à caridade?

"Não poderão agora negar os liberais que mais a miúdo se encontram êles no caso de salteadores, do que no de vítimas. Que maravilha, por conseguinte, que levem por isso a sua trancada? Que haverá de estranhar que se queixem de não os tratarem com caridade? Procurem não ser desordeiros e arruaceiros, cos-

tumem-se a respeitar os bens e a honra dos outros, não digam tanta mentira, não levantem tanta calúnia, pensem um pouco antes de falar sôbre qualquer coisa, tenham em mais conta as leis da lógica e da gramática, sejam sobretudo honrados, como há pouco lhes aconselhou o barão de Ricasoli, com pouca esperança de bom êxito, apesar da autoridade e *exemplos* de tal conselheiro, e poderão então queixar-se com razão se não são tratados com o respeito de que, como da liberdade, pretendem ser absolutos monopolizadores.

"Mas já que obram tão mal como escrevem, já que andam sempre com o punhal na garganta da verdade e da inocência, assassinos de uma e de outra com seus feitos e com seus livros, tenham paciência se não podemos em nossos periódicos prodigalizar-lhes outra caridade que aquela algo dura, que julgamos, ainda contra o seu parecer, ser-lhe-a mais proveitosa, assim a êles como à causa dos homens de bem."

XXVII

TERMINA A TÃO OPORTUNA QUÃO DECISIVA CITAÇÃO DA "CIVILTÀ CATTOLICA"

"Temos defendido (continúa) contra os liberais a nossa maneira especial de escrever, demonstrando que não pode ser mais conforme com a caridade, que tão de contínuo nos estão recomendando. E visto que falámos até aqui com liberais, a ninguém haverá causado estranheza o tom irônico que temos empregado com êles, não nos parecendo por certo excesso de crueldade opôr às palavras e ações do Liberalismo êsse poucochinho de figuras de retórica.

"Mas já que tocámos hoje neste assunto, não será talvez ocioso, variando um pouco de estilo e repetindo o que a êste respeito dissemos já noutra ocasião, dar fim a êste artigo com algumas palavras a sério e com todo o respeito aos que, não sendo de modo algum liberais, antes firmes adversários de tal doutrina, possam não obstante crer que jamais é lícito, contra quem quer que se escreva, sair de certas formas de respeito e caridade, com que porventura julguem não se conformarem os nossos escritos.

"Querendo responder a esta censura, já pelo respeito que devemos a êsses tais, já pelo interêsse que temos em nossa própria defesa, julgamos não o poder fazer mais completamente do que compendiando aqui em síntese a defesa que de si mesmo faz mais extensamente o Padre Mamachi da S. O. dos Prégadores, na Introdução ao livro III da sua doutíssima obra: *Do livre direito da Igreja em adquirir e possuir bens temporais.* "Alguns, diz, embora confessem ficar convencidos com as nossas razões, declaram-nos contudo amigàvelmente que muito desejariam maior moderação nas respostas que damos aos nossos adversários.

"Não temos combatido por nós, mas sòmente pela causa de Nosso Senhor e da sua Igreja, e por mais que nos tenham atacado com manifestas mentiras e atrozes imposturas não temos querido sair nunca em defesa da nossa pessoa.

"Se empregamos, pois, alguma expressão que possa parecer a alguém áspera ou picante, não se nos faça a injustiça de pensar que isso provenha do nosso mau coração ou do rancor que tenhamos aos escritores que combatemos, visto como não temos recebido injúrias dêles nem sequer os conhecemos ou com êles tratamos. O zêlo que todos devemos ter pela causa de Deus é que

nos colocou na situação de gritar e *levantar como voz da trombeta* a nossa voz.

"Porém, e o decôro do homem honrado? E as leis da caridade? E as máximas e exemplos dos Santos? E os preceitos dos Apóstolos? E o espírito de Jesus Cristo?

"Iremos por partes. É verdade que os homens extraviados e errados hão de ser tratados com caridade, mas isso quando haja fundada esperança de os conduzir à verdade com tal procedimento; porém, se não há tal esperança e sobretudo se está provado por experiência, que calando-nos e não descobrindo públicamente a têmpera e o caráter do que espalha erros, resultaria gravíssimo dano aos povos, é crueldade não levantar com tôda a liberdade a voz contra tal propagandista e deixar de lhe lançar em rosto as invectivas que muito tem merecido.

"Das leis da caridade cristã tinham por certo muito claro conhecimento os Santos Padres. Por isso o angélico Doutor São Tomás de Aquino, no princípio do seu célebre opúsculo *Contra os impugnadores da Religião*, apresenta Guilherme e suas sequazes (que por certo não estavam ainda condenados pela Igreja) como "inimigos de Deus, ministros do diabo, membros do Anticristo, inimigos da salvação do gênero humano, difamadores, semeadores de blasfêmias, réprobos, perversos, ignorantes, iguais a Faraon, piores que Joviniano e Vigilâncio." Porventura temos nós chegado a tanto?

"Contemporâneo de São Tomas foi S. Boaventura, que entendeu dever increpar com a maior dureza a Giraldo, chamando-lhe "protervo, caluniador, louco, ímpio, que juntava necedade a necedade, fraudulento, envenenador, ignorante, embusteiro, malvado, insensato, pérfido". Já alguma vez assim chamámos a nossos adversários?

"Mui justamente (prossegue o Padre Mamachi) é chamado melífluo S. Bernardo. Não nos deteremos a copiar aqui tudo o que escreveu durissimamente contra Abeillard. Contentar-nos-emos em citar o que escreveu contra Arnaldo de Brescia, pois havendo êste levantado bandeira contra o clero, e querendo-o privar dos seus bens, foi um dos precursores dos políticos de nossos tempos. Trata-o, pois, o santo doutor, de "desordenado, vagabundo, impostor, vaso de ignomínia, éscorpião vomitado de Brescia, visto com horror em Roma e com abominação na Alemanha, desdenhado do Sumo Pontífice, celebrado pelo diabo, artífice de iniquidade, devorador do povo, bôca cheia de maldição, semeador de discórdias, fabricador de cismas, fero lôbo".

"S. Gregório Magno, repreendendo João, Bispo de Constantinopla, lança-lhe à cara o seu "profano e nefando orgulho, sua soberba de Lucifer, suas néscias palavras, sua vaidade, seu curto talento".

"Do mesmo modo falaram os Santos Fulgêncio, Próspero, Jerônimo, Sericio Papa, João Crisóstomo, Ambrósio, Gregório, Nazianzeno, Basílio, Hilário, Atanásio, Alexandre, Bispo de Alexandria; os Santos Mártires Cornélio e Cipriano, Justino, Atenágoras, Irineu, Policarpo, Inácio Martir, Clemente, todos os Padres, em fim, que nos melhores tempos da Igreja se distinguiram por sua heróica caridade.

"Omitirei os cautérios aplicados por alguns dêstes aos sofistas do seu tempo, ainda que menos delirantes do que os dos nossos, e agitados de menos ardentes paixões políticas.

"Citarei apenas algumas passagens de Santo Agostinho, que observou que "os herejes são tão insolentes, como pouco sofredores na repreensão; que muitos por não sofrer a correção apostrofam de provocadores e

disputadores àqueles que os repreendem"; acrescentando que "alguns extraviados hão de ser tratados com certa aspereza caritativa". Vejamos agora como êle observava êstes seus próprios documentos. A vários chama "sedutores, malvados, cegos, tontos, inchados de soberba, caluniadores"; a outros, "embusteiros, de cujas bôcas só saem monstruosas mentiras, perversos maldizentes, delirantes"; a outros, "nesciamente faladores, furiosos, frenéticos, entendimentos de trevas, caras sem vergonha, línguas porcazes". E a Juliano dizia: "ou calunias cientemente, inventando tais coisas, ou não sabes o que dizes, acreditando em embusteiros"; e noutro lugar chama-lhe "trapaceiro, mentiroso, de juizo pouco são, caluniador, néscio".

"Digam agora os nossos acusadores se temos dito alguma coisa disto, ou sequer muito menos."

"Mas basta já dêsse extrato, em que não pusemos uma palavra de nossa casa, ainda que algumas omitimos do Padre Mamachi, entre outras as citações dos lugares dos Santos Padres, com o fim de abreviar. Igualmente omitimos a parte da defesa, em que o mesmo Padre tira do Evangelho iguais exemplos de caritativa aspereza.

"De tais exemplos, pois, bem podem deduzir nossos amáveis censores, que por qualquer modo que fundamentem a sua crítica, ou seja num princípio de moral ou em regras de conveniência social e literária, se não queremos dizer que a sua opinião fica plenamente refutada pelo exemplo de tantos Santos, que foram ao mesmo tempo excelentes literatos, fica pelo menos muito desautorizada e de muito incerto valor.

"E se à autoridade dos exemplos se quer ver reunida a das razões, muito breve e claramente as expôs o Cardeal Pallavicini, no cap. II do Livro da sua *História do Concílio de Trento*. Ali, antes de começar a

provar como Sarpi foi "malvado, de maldade notória, falsificador, réu de enormes traições, desprezador de tôda a religião, ímpio e apóstata", diz o autor entre outras coisas que, "assim como é caridade não perdoar a vida a um malfeitor, para salvar muitos inocentes, assim é caridade não perdoar a fama de um ímpio, para salvar a honra de muitos bons". Tôda a lei permite que para defender um cliente de uma testemunha falsa, se aduza em juízo e se prove tudo o que pode infamar esta, ainda que noutra ocasião o dizê-lo mereceria castigo de gravíssima pena. Por isso eu, defendendo neste tribunal do mundo, não a um cliente particular, mas a tôda a Igreja católica, seria vil prevaricador se não opusesse à testemunha falsa as notas e nódoas, que desvirtuam e anulam o seu testemunho.

"Se, pois, todos julgariam prevaricador o advogado que, podendo demonstrar que o seu acusador é um caluniador, não o fizesse por motivos de caridade, porque razão não se compreenderá semelhantemente que pelo menos não pode acusar-se de haver violado a caridade, o que faz o mesmo com os perseguidores de tôda a espécie de inocentes. Seria desconhecer a instrução que dá S. Francisco de Sales na sua *Filotea*, no fim do cap. XX, da 2.ª parte: "Faço exceção, diz, dos inimigos declarados de Deus e da sua Igreja, os quais devem ser difamados quanto seja possível (sem faltar à verdade), sendo grande obra de caridade gritar "ao lôbo!", quando se introduz no rebanho, ou onde quer que se encontre." (*Civiltà Cattolica*, vol. I, ser. V, pág. 27).

Até aqui a *Civiltà Cattolica*, cujo artigo tem a fôrça da sua elevada e respeitabilíssima origem; a fôrça das razões incontroversas que aduz; a fôrça, finalmente, dos gloriosos testemunhos que cita. Parece-nos que muito menos era preciso para convencer a quem não seja liberal, ou miseràvelmente afetado de Liberalismo.

XXVIII

SE HÁ OU PODE HAVER NA IGREJA MINISTROS DE DEUS ATACADOS DO HORRÍVEL CONTÁGIO DO LIBERALISMO

Favorece de uma maneira espantosa o Liberalismo o fato, por desgraça muito comum e frequente, de se encontrarem alguns eclesiásticos contaminados dêste êrro.

Nestes casos a singular teologia de certa gente converte desde logo em argumento de grande pêso a opinião ou os atos de tal ou tal pessoa eclesiástica, de que tem tido, por mal de nossos pecados, deplorabilíssimas experiências em todos os tempos os católicos espanhóis (e de todo o mundo).

Convém, pois, salvando todos os respeitos, tocar também êste ponto e perguntar, com sinceridade e boa fé — se pode haver também ministros da Igreja manchados de Liberalismo.

Sim, amigo leitor, sim, pode haver também por desgraça, ministros da Igreja liberais; e há-os radicais, moderados e ùnicamente afetados. Exatamente como sucede entre os seculares.

Não está isento o ministro de Deus de pagar miserável tributo à fraqueza humana, e por conseguinte também repetidas vezes o tem pago ao êrro contra a fé.

E que tem isto de notável, se não tem havido uma única heresia na Igreja de Deus que não haja sido levantada ou propaganda por algum clérigo? Mas ainda: é històricamente certo que não tem dado que fazer, nem tem medrado em século algum, as heresias que não começaram por ter clérigos em seu apôio.

O clérigo apóstata é o primeiro fator que busca o diabo para esta sua obra de rebelião. Necessita de apresentá-la de algum modo autorizada aos olhos dos incáutos e para isso nada lhe serve tanto como a firma de algum ministro da Igreja. E como por desgraça nunca faltam clérigos corrompidos em seus costumes, caminho o mais comum da heresia, ou cegos pela soberba, causa também muito usual de todo o êrro; por isso nunca faltaram a êste apóstolos e fautores eclesiásticos, qualquer que tenha sido a forma sob que se tem apresentado na sociedade cristã.

Judas, que começou no próprio apostolado a murmurar e a semear suspeitas contra o Salvador e acabou por vendê-lo a seus inimigos, é o primeiro tipo do sacerdote apóstolo e semeador da cizânia entre seus irmãos; e Judas, advirta-se, foi um dos doze primeiros sacerdotes ordenados pelo mesmo Redentor.

A seita dos Nicolaitas tomou origem do diácono *Nicolau*, um dos sete primeiros diáconos ordenados pelos Apóstolos para o serviço da Igreja, e companheiro de Santo Estevão, protomartir.

Paulo de Samosata, grande heresiarca do século III, era Bispo de Antióquia.

Dos Novacianos, que tanto perturbaram com o seu cisma a Igreja universal, foi pai e autor o presbítero de Roma, *Novaciano*.

Melecio, Bispo da Tebáida, foi autor e chefe do cisma dos Melecianos.

Tertuliano, também sacerdote e eloquente polemista, cai e morre na heresia dos Montanistas.

Entre os Priscilianistas espanhóis, que tanto escândalo causaram na nossa pátria no século IV, figuram os nomes de *Itacio* e *Salviano*, dois bispos, a quem desmascarou e combateu Higino; foram condenados em um Concílio reunido em Saragoza.

O principal heresiarca que teve talvez a Igreja, foi *Ario*, autor do arianismo, que chegou a arrastar consigo tantos reinos como o Luteranismo de hoje. Ario, foi um sacerdote de Alexandria, despeitado por não haver alcançado a dignidade episcopal. E tanto clero ariano houve nesta seita que grande parte do mundo não teve outros bispos nem sacerdotes durante muito tempo.

Nestorio, outro famosíssimo hereje dos primeiros séculos, foi monge, sacerdote, bispo de Constantinopla e grande pregador. Dêle procedeu o Nestorianismo.

Eutiques, autor do Eutiquianismo, era presbítero e abade de um mosteiro de Constantinopla.

Vigilâncio, o hereje taberneiro, tão chistosamente satirizado por S. Jerônimo, havia sido ordenado sacerdote em Barcelona.

Pelágio, autor do Pelagianismo, que foi objeto de quase tôdas as polêmicas de Santo Agostinho, era monge, doutrinado em seus erros sôbre a graça por Theodoro, bispo de Mopsuesta.

O grande cisma dos Donatistas, chegou a contar grande número de clérigos e bispos. Dêles diz um moderno historiador (Amat. *Hist. de la Igles. de J. C.*): "Todos imitaram logo a altivez de seu chefe *Donato*, e possuidos de uma espécie de fanatismo de amor próprio, não houve evidência, nem obséquio, nem ameaça que pudesse apartá-los do seu ditame. Os bispos julgavam-se infalíveis e impecáveis; os particulares com estas idéias imaginavam-se seguros, seguindo os seus bispos ainda contra a evidência.

Dos herejes Monelitas foi pai e doutor *Sérgio*, patriarca de Constantinopla.

Dos herejes Adopcianos, *Felix*, bispo de Urgel.

Na seita iconoclasta cairam *Constantino*, bispo de Natolia; *Tomás*, bispo de Claudiópolis, e outros prela-

dos, contra os quais combateu S. Germano, patriarca de Constantinopla.

Do grande cisma do Oriente não precisamos dizer quem foram os autores, pois é sabido que foram *Focio*, patriarca de Constantinopla e seus bispos sufragâneos.

Berengario, o perverso impugnador da Sagrada Eucaristia, foi arcediago da Catedral de Angers.

Viclef, um dos precursores de Lutero, era pároco de Inglaterra; *João Huss*, seu companheiro de heresia, era também pároco de Boêmia. Foram ambos justiçados como chefes dos Viclefitas e Hussitas.

De *Lutero* basta recordar que foi monge agostinho de Wittemberg.

Zuinglio era pároco de Zurich.

De *Jansenio*, autor do maldito jansenismo, quem ignora que era bispo de Iprés?

O cisma anglicano, promovido pela luxúria de Henrique VIII, foi principalmente apoiado por seu favorito, o arcebispo de Crammer.

Na revolução francesa, os mais graves escândalos na Igreja de Deus deram-nos os curas e bispos revolucionários. Causam horror e espanto as apostasias que afligiram os bons naqueles tristíssimos tempos. A Assembléia francesa presenciou por esta ocasião cenas, que o curioso pode ler em Henrion ou em qualquer outro historiador.

O mesmo sucedeu depois em Itália. São conhecidas as apostasias públicas de Gioberti e Fr. Pantaleão, de Pasaglia, do Cardeal Andrea.

Em Espanha houve clérigos nos clubes da primeira época constitucional, clérigos nos incêndios dos conventos, clérigos ímpios nas Côrtes, clérigos nas barricadas, clérigos entre os primeiros introdutores do protestantismo depois de 1869. Houve bispos jansenistas em grande número no reinado de Carlos III. (Veja-se

a êste respeito o tomo III dos *Heterodoxos*, por Menendez Pelayo).

Vários dentre êstes pediram e muitos aplaudiram em cartas pastorais a iníqua expulsão da companhia de Jesus. Hoje mesmo em várias dioceses espanholas, são conhecidos pùblicamente alguns clérigos apóstatas e casados imediatamente, como é lógico e natural.

Saiba-se, pois, que desde Judas até ao ex-padre Jacinto, a raça dos ministros da Igreja, traidores ao seu chefe e vendidos à heresia, se sucede sem interrupção; que ao lado e em frente da tradição da verdade, há também na sociedade cristã a tradição do êrro; e que, em contraste com a sucessão apostólica dos ministros bons, tem o inferno a sucessão diabólica dos ministros pervertidos. Nem isto deve escandalizar ninguém. Recorde-se a êste propósito a sentença do Apóstolo, que não se esqueceu de prevenir-nos: *"É preciso que haja heresias, para que se manifeste quais são entre vós os verdadeiros fiéis."*

XXIX

QUE CONDUTA DEVE OBSERVAR O BOM CATÓLICO COM TAIS MINISTROS DE DEUS CONTAMINADOS DE LIBERALISMO?

Está bem, dirá alguém ao chegar a êste ponto; tudo isto é facílimo de compreender e basta haver medianamente folheado a história para tê-lo averiguado. Mas o delicado e espinhoso é expôr qual deva ser a conduta que com tais ministros da Igreja extraviados deve observar o fiel secular, santamente zeloso da pureza da fé, assim como dos legítimos fóros da Autoridade.

É indispensável estabelecer aqui várias distinções e classificações e responder particularmente a cada uma delas.

1.º — Pode dar-se o caso de um ministro da Igreja pùblicamente condenado por ela como liberal. Neste caso bastará recordar que deixa de ser católico (enquanto a merecer tal consideração) todo o fiel eclesiástico ou secular, a quem a Igreja separou do seu seio, enquanto por uma verdadeira retratação e formal arrependimento não fôr outra vez admitido à comunhão dos fiéis. Quando isto suceda com um ministro da Igrejá, êsse tal é lôbo e não pastor, nem sequer ovelha. Convém evitá-lo, e sobretudo rogar por êle.

2.º — Pode dar-se o caso de um ministro da Igrejá, caído na heresia, porém sem haver sido ainda *oficialmente* declarado culpável pela mesma Igreja. Neste caso é preciso andar com mais circunspecção. Um ministro da Igreja caído em êrro contra a fé, não póde ser *oficialmente* desautorizado senão por quem tenha sôbre êle jurisdição hierárquica. Pode, não obstante, no terreno da polêmica meramente científica, ser combatido por seus erros convencido dêles, deixando sempre a última palavra, isto é, a decisão da polêmica à autoridade, única infalível, do Mestre universal. A grande regra, estamos em dizer a única regra em tudo, é a prática constante da Igreja de Deus, segundo aquêle dito de um Santo Padre: *Quod semper, quid ubique, quod ab omnibus.* Pois bem; assim se procedeu sempre na Igreja de Deus. Os particulares perceberam num eclesiástico doutrinas opostas às que comumente se ensinaram como as únicas sãs; deram a voz de alarme sôbre elas, lançaram-se a combatê-las no livro, no folheto, de viva voz, e pediram desta forma ao magistério infalível de Roma a palavra decisiva. São os latidos do cão que advertem o pastor. Não houve heresia no ca-

tolicismo que não começasse a ser confundida e desmascarada por esta forma.

3.º — Pode dar-se o caso de que o infeliz extraviado seja um ministro da Igreja a quem devamos estar particularmente subordinados. É preciso então proceder com mais cautela e maior discrição. É preciso respeitar sempre nele a autoridade de Deus, até que a Igreja o declare deposto dela. Se o êrro é duvidoso, é preciso chamar sôbre êle a atenção dos seus superiores imediatos, para que lhe peçam sobre o caso explicações claras. Se o êrro é evidente, nem por isso é lícito constituir-se em imediatá rebeldia; é preciso contentar-se com a resistência passiva àquela autoridade no que evidentemente pareça em contradição com as doutrinas reconhecidas como sãs na Igreja. Dever-se-lhe porém guardar todo o respeito exterior, obedecer-lhe no que não pareça doutrina condenada ou danosa, resistr-lhe pacífica e respeitosamente no que se afaste da comum sentença católica.

4.º — Pode dar-se o caso (e é o mais geral) de que o extravio de um ministro da Igreja não verse sôbre pontos concretos de doutrina católica, mas apenas sôbre certas apreciações de fatos ou de pessoas ligadas mais ou menos com ela. Neste caso aconselha a prudência cristã que se olhe de prevenção êsse tal sacerdote afetado de Liberalismo, preferindo aos seus os conselhos de quem não tenha tais mesclas, e recordando a êste respeito a máxima do Salvador: *Um pouco de fermento faz fermentar toda a massa.* Por conseguinte uma prudente desconfiança é neste caso a regra de maior segurança; e neste ponto, como em tudo, pedir muita luz a Deus, e conselho às pessoas dignas e íntegras, procedendo sempre com grande receio a respeito de quem não julga muito retamente ou não fale muito claro com referência aos erros da atualidade.

E eis o que ùnicamente podemos dizer sôbre êste ponto, cheio de infinitas dificuldades, e impossível de resolver em tese geral.

Não esqueçamos uma observação que derrama torrentes de luz. Mais se conhece o homem por suas afeições pessoais, do que por suas palavras e escritos. Sacerdote amigo de liberais, que mendiga seus favores e louvores e ordinàriamente favorecido por êles, traz consigo regulamente muito suspeita recomendação de ortodoxia doutrinal.

Reparem nossos amigos neste fenômeno, e verão quão segura norma e quão atinado critério lhes dá.

XXX

QUE DEVE PENSAR-SE DAS RELAÇÕES QUE O PAPA MANTEM COM OS GOVÊRNOS E PERSONAGENS LIBERAIS

Então (diz de lá um) que conceito havemos de formar com respeito às relações e amizades que a Igreja sustenta com governos e pessoas liberais, que é o mesmo que dizer com o Liberalismo?

Resposta. Havemos de julgar que são relações e amizades oficiais, e nada mais. Não supõem afeto algum, especial às pessoas com quem se mantêm, e muito menos aprovação de seus atos, e muitíssimo menos adesão ou sanção de suas doutrinas.

É êste um ponto que convém explanar algum tanto, já que sôbre êle armam grande aparato de teologia liberal os sectários do Liberalismo para combater a sã intransigência católica.

Convém antes de tudo observar que há na Igreja de Deus dois ministérios: um que chamaremos apos

tólico, relativo à propagação da fé e à salvação das almas; e outro que poderíamos muito bem chamar diplomático, relativo às suas relações humanas com os poderes da terra.

O primeiro é o mais nobre; é por assim dizer o primário e essencial. O segundo é inferior e subordinado ao primeiro, a cujo auxílio se dirige ùnicamente.

No primeiro é intransigente e intolerante a Igreja; vai direita ao seu fim, e prefere antes quebrar que torcer. *Frangi non flecti.* Veja-se apenas a história das suas perseguições. Trata-se de direitos divinos e de deveres divinos, e portanto não cabe neles diminuição ou transação.

No segundo é condescendente, benévola e sofredora. Trata, diligencia, negocia, afaga para abrandar; cala talvez para melhor conseguir; retira quiçá para melhor avançar e para tirar logo melhor partido. Sua divisa poderia ser nesta ordem de relações: *Flecti, non frangi.* Trata-se de relações humanas, e estas admitem certa flexibilidade e o emprêgo de expedientes especiais.

Neste terreno é lícito e santo tudo o que a lei comum não declara mau e proibido nas relações ordinárias entre os homens. *Mais* claro: a Igreja julga poder valer-se nesta esfera e vale-se de todos os recursos que pode utilizar uma *diplomacia honrada.*

Quem se atreverá a tomar-lho à conta de censura? É assim que envia e recebe embaixadas ainda de governos maus, mesmo de príncipes infiéis; dá e recebe dos mesmos, presentes, obséquios e honras diplomáticas; oferece distinções, títulos e condecorações a seus personagens; honra com frases de cortesia e urbanidade as suas famílias; e concorre a suas festas por meio de seus representantes.

Porém sai logo o tonto ou o liberal e dizem em ar de sentença: "Por que razão, pois, havemos de aborre-

cer o Liberalismo e combater os governos liberais, quando trata com êles o Papa, os reconhece e cumula de distinções?"

Malvado ou estúpido! pois uma das coisas ou tôdas juntas podes muito bem ser. Escuta uma comparação e fala depois.

Supõe que és pai de família e tens quatro ou seis filhas, que educas com todo o rigorismo de honestidade; e vivem em frente ou paredes-meias com tua casa umas vizinhas infames; e tu estás dizendo continuamente a tuas filhas que com aquelas mulheres más não hão de tratar, nem sequer saudá-las, nem ainda olhar para elas; que as hão de considerar como más e perversas, aborrecer sua conduta e idéias, procurar distinguir-se delas e em nada se lhes assemelhar, nem em seus ditos, nem em suas obras, nem em seus trajes. E tuas filhas, dóceis e boas, é claro que hão de observar as tuas ordens, atender às tuas prescrições de prudente e mui avisado pai de família. Mas eis que uma ocasião se suscitam questões na vizinhança sôbre pontos de interêsse comum, sôbre demarcação de limites, ou passagem de águas, por exemplo; e torna-se preciso que tu, honrado pai, sem deixar de o ser, venhas a tratar com uma daquelas infames mulheres, sem deixarem de ser infames, ou pelo menos com quem as represente. E tens para isso teus tratos e conferências, e tu falas e fazes os cumprimentos e fórmulas de cortesia usuais na sociedade, e procuras por todos os modos entender-te e chegar a um acôrdo e convenção sôbre o objeto em que hás de convir.

Falarão bem tuas filhas; se disseram logo: "Pois que nosso pai trata com essas más vizinhas, não devem elas ser tão más como êle diz; podemos tratar com elas nós também; havemos de reputar bons os seus cos-

tumes, modestos os seus trajes, louvável e honrado o seu modo de viver?"

Diz-me, não falariam como néscias tuas filhas, se falassem assim? Apliquemos agora a parábola ou comparação.

A Igreja é a família dos bons (ou que devem sê-lo, e que ela deseja que sejam). Porém vive rodeada de governos de todo perversos, ou mais ou menos pervertidos. E diz a seus filhos: "Aborrecei as máximas dêsses governos; combatei-os; sua doutrina é êrro, suas leis iniquidade". Porém, ao mesmo tempo, por questões de interêsse próprio ou de ambos ao mesmo tempo, vê-se ela na necessidade de tratar com os chefes ou representantes de tais governos maus; e efetivamente trata com êles, recebe seus comprimentos e usa com êles das fórmulas de urbanidade diplomática usuais em todos os países, pactúa com eles sôbre assunto de interêsse comum, procurando tirar o melhor partido possível da sua situação entre tais vizinhos. É mau isto? Sem dúvida que não. Porém, não é ridículo que venha logo um católico e tome isto por sanção de doutrinas que a Igreja não cessa de condenar, e por aprovação de atos, que a Igreja não cessa de combater?

Pois que?! Sanciona a Igreja o Corão tratando de potência a potência com os sectários do Corão? Aprova a poligamia, recebendo presentes e embaixadas do Grão-Turco? Pois o mesmo modo não aprova o Liberalismo, quando condecora os seus reis ou ministros, quando lhes envia suas bençãos, que são simples formas de cortesia cristã que o Papa concede até aos Protestantes. É sofisma pretender que a Igreja autorize com tais atos o que por outros atos não cessa de condenar; o seu ministério *diplomático* não anula o ministério *apostólico;* no apostólico deve, sim buscar-se

a explicação das aparentes contradições do diplomático.

E assim obra o Papa com os chefes das nações, assim o Bispo com os da província, assim o pároco com os da localidade. E sabe-se o alcance e significação que têm estas relações oficiais e diplomáticas. Só o ignoram (ou fingem ignorá-lo) os malaventurados sectários ou influenciados do êrro liberal.

XXXI

DOS CAMINHOS POR ONDE COM MAIS FREQÜENCIA VEM UM CATÓLICO A CAIR

São vários os caminhos por onde o fiel cristão cai frequentemente no êrro do Liberalismo e importa sobremaneira discriminá-los aqui, assim para compreender em vista dêles a razão da universalidade que atingiu esta seita, como para prevenir os incautos contra os seus laços e emboscadas.

Muito frequentemente se cai na corrupção do coração pela perversão da inteligência; é todavia mais frequente cair no êrro da inteligência pela corrupção do coração. Assim o mostra claramente a história de tôdas as heresias. No princípio de tôdas elas se encontra quase sempre o mesmo: ou um ressentimento de amor próprio, ou um agravo que se pretende vingar, ou uma mulher atrás da qual o heresiarca perde a cabeça e a alma, ou uma bolsa de dinheiro, pela qual vende a consciência. Quase sempre o êrro dimana, não de profundos e trabalhosos estudos, mas daquelas três cabeças de hidra de que fala S. João, e que êle chama: *Concupiscentia carnis, concupiscentia oculorum superbia vitae.* Por êste caminho se chega a todos os êrros; por aqui

se chega ao Liberalismo. Vejamos esses caminhos em suas formas mais usuais.

1.º Torna-se o homem liberal pelo desejo natural de independência e vida livre.

O Liberalismo há de ser por necessidade simpático à natureza depravada do homem, assim como o Catolicismo lhe há de ser repulsivo por sua própria essência. O Liberalismo é emancipação: o Catolicismo é coerção. O homem caído ama, pois, por uma certa tendência muito natural um sistema que legitima e canoniza o orgulho da sua razão e o desenfreamento dos seus apetites. Donde, assim como a alma é naturalmente cristã em suas nobres aspirações, como disse Tertuliano, assim pode igualmente dizer-se que o homem pela viciação da sua origem nasce naturalmente liberal. É, pois, lógico que assim se declare formalmente, logo que comece a compreender que por esta forma lhe são garantidas todas as suas aspirações e desenfreamentos.

2.º Pelo desejo de figurar. O Liberalismo é presentemente a idéia dominante. Reina em tôda a parte e especialmente na esfera oficial. É pois recomendação segura para abrir carreira. Sai o jovem do lar doméstico, e olhando para os diferentes caminhos por onde se chega à fortuna, à nomeada e à glória, vê que em todos é condição necessária ser homem do seu século, ser liberal. Não o ser é criar a si próprio a maior de tôdas as dificuldades. É, pois, preciso o heroismo para resistir ao tentador, que como a Cristo no deserto, lhe diz mostrando-lhe risonho futuro: *Haec omnia tibi dabo, si cadens adoraveris me*: "Tudo te darei se prostrado me adorares". E os heróis são poucos. É pois natural que a maior parte da juventude comece a sua carreira filiando-se ao Liberalismo. Isto proporciona elogio nos periódicos, recomendação de poderosos patronos, fama de ilustrado e onisciente. O pobre ultramontano precisa

de mérito cem vezes maior para dar-se a conhecer e criar nome. E na juventude é-se regularmente pouco escrupuloso. Além disto, o Liberalismo é esssencialmente favorável à vida pública que a juventude tanto ama. Tem em perspectiva deputações, comissões, redações, etc., que constituem o organismo da sua máquina oficial. É, pois, maravilha de Deus e da sua graça encontrar-se um jovem que deteste tão insidioso corruptor.

3.º Pela cobiça. A desamortização foi e continua sendo a fonte principal de prosélitos para o Liberalismo. Decretou-se esta iniqua expoliação tanto para privar a Igreja dêstes recursos de humana influência, como para adquirir com êles adeptos fervorosos à causa liberal. Assim o confessaram seus próprios corifeus, quando os acusaram de haver dado quase de graça aos amigos as pingues rendas da Igreja. E ai do que uma vez comeu desta fruta da fazenda alheia! Um campo, uma herdade, umas casas, que foram do convento ou da paróquia, e estão hoje em poder de uma familia, encadeiam para sempre esta família no êrro liberal. Na maior parte dos casos não há provável esperança de que deixem de ser liberais nem ainda os descendentes dela. O demônio revolucionário soube pôr entre êles e a verdade essa insuperável barreira. Temos visto poderosas casas de lavradores do campo, católicos puros e fervorosos até 1835, e de então para cá liberais decididos e contumazes. Quereis a explicação? Vêde aquêles regadios ou terras de pão, ou matas que foram do mosteiro. Com elas arredondou aquêle lavrador a sua herdade, com elas vendeu a sua alma e a sua família à revolução. É moralmente impossível a conversão de tais injustos possuidores. Na dureza da sua alma, entrincheirada em suas aquisições sacrílegas, tropeçam todos os argumentos dos amigos, tôdas as invectivas dos missionários, todos os

remorsos da consciência. A desamortização fez e está fazendo o Liberalismo. Esta é a verdade.

Tais são as causas ordinárias de perversão liberal, e a elas podem reduzir-se tôdas as mais. Quem tiver medíocre experiência do mundo e do coração humano, dificilmente poderá indicar outras.

XXXII

CAUSAS PERMANENTES DO LIBERALISMO NA SOCIEDADE ATUAL

Além dêstes caminhos por onde se chega ao Liberalismo, há o que poderíamos chamar causas permanentes dêle na sociedade atual; e nestas havendo de procurar os motivos por que se torna tão difícil a sua extirpação.

São em primeiro lugar causas permanentes do Liberalismo as mesmas que indicamos como caminhos ou resvaladios que conduzem a êle. Diz a filosofia: *Per quae res gignitur, per eadem et servatur et augetur:* "As coisas comumente se conservam e aumentam pelas mesmas causas por que nasceram." Porém, além daquelas podemos indicar algumas outras que oferecem caráter especial.

1.ª — Pela corrupção dos costumes. A maçonaria o decretou, e cumpre-se à letra o seu programa infernal. Espetáculos, livros, quadros, costumes públicos e privados, tudo se procura saturar de obscenidade e lascívia; o resultado é infalível: de uma geração imunda sairá por necessidade uma geração revolucionária. Assim se nota o empenho que tem o Liberalismo em dar rédea sôlta a todo o excesso de imoralidade. Êle sabe bem

quanto esta o serve. É seu natural apóstolo e propagandista.

2.ª — O jornalismo. É incalculável a influência que exercem sem cessar tantas publicações periódicas que o Liberalismo espalha cada dia por tôda a parte. Elas fazem (parece mentira!) com que o cidadão, quer queira quer não, tenha de viver hoje dentro de uma atmosfera liberal. O comércio, as artes, a literatura, a ciência, a política, as notícias nacionais e estrangeiras, tudo gira quase por vias liberais; tudo conseguintemente toma por necessidade a côr ou feição liberal. E encontra-se quem, sem adverti-lo, pensa, fala e obra à liberal; tal é a maléfica influência dêste envenenado ambiente que se respira. O pobre povo respira-o com mais facilidade do que ninguém, por sua natural boa fé. Recebe-o em prosa, em verso, em gravuras e caricaturas, na praça, na oficina, no campo, em tôda a parte. Êste magistério liberal se apoderou dêle e não o larga um instante. E torna-se mais funesta a sua ação pela especial condição do discípulo, como vamos ver.

3.ª — A ignorância quase geral em matéria de religião. O Liberalismo, ao rodear por tôdas as partes o povo de mestres embusteiros, teve todo o cuidado em torná-lo incomunicável com o único mestre que lhe podia fazer notar o embuste. E êsse é a Igreja.

Todo o empenho dêle, de há cem anos a esta parte, é paralisar a ação da Igreja, — que ela emudeça, — que não tenha quando muito senão caráter oficial, — que não esteja em contacto com o povo. A isto obedeceu (confessado pelos liberais) a destruição dos conventos e mosteiros; as peias lançadas ao ensinamento católico, o tenaz empenho em desprestigiar e ridicularizar o clero. A Igreja vê-se rodeada de laços artificiosamente armados, a fim de que em nada sofra a marcha avassaladora do Liberalismo. As concordatas,

quais se cumprem hoje em quase tôdas as nações, são outras tantas argolas a apertar-lhe a garganta, a entorpecer os seus movimentos. Entre o clero e o povo abriu-se e continua-se abrindo um abismo, de ódios, preocupações e calúnias. De modo que uma parte do nosso povo, cristão pelo batismo, sabe tanto da sua religião, como da de Mahomet, ou de Confúcio. Procura-se além disto evitar tôda a aproximação com a paróquia, dando-lhe registro civil, matrimônio civil, sepultura civil, etc., a fim de acabar de romper tôda a ligação com a Igreja. É um programa separatista completo, em cuja unidade de princípios, meios e fins, se vê bem clara a mão de Satanás.

Poder-se-iam apontar ainda outras causas, porém, nem a extensão dêste trabalho o permite, nem tôdas se poderiam dizer aqui.

XXXIII

QUAIS OS REMÉDIOS MAIS EFICAZES E OPORTUNOS QUE INCUMBE APLICAR AOS POVOS DOMINADOS PELO LIBERALISMO

Indicaremos alguns:

1.º — A organização de todos os bons católicos. Sejam poucos ou muitos os católicos numa localidade, conheçam-se, tratem, juntem-se. Hoje não deve haver cidade ou vila católica sem um núcleo de gente de ação. Isto atrai os indecisos, dá valor aos vacilantes, contrabalança a influência do *que dirão?*, faz forte a cada um com a fôrça de todos.

Ainda que não sejais mais do que uma dezena de corações firmes, fundai uma academia de Juventude católica, uma Conferência, uma Confraria, sequer; pon-

de-vos logo em contacto com a sociedade análoga do povo vizinho ou da Capital; apoiai-vos desta sorte em tôda a Comarca, Associações com Associações, formando como que a famosa *testudo*, que formavam os legionários romanos juntando os seus escudos, e isto vos tornará invencíveis.

Assim unidos, por poucos que sejais, levantai bem alto a bandeira de uma doutrina sã, pura, intransigente, sem rebuço nem fraqueza, sem pacto nem convenção alguma com os inimigos. A firme intransigência tem o seu aspecto nobre, simpático, cavalheiresco. É grato ver um homem açoitado como um penhasco por tôdas as ondas e por todos os ventos, e que permance fixo, imóvel, sem retroceder.

Bom exemplo, sobretudo e êste constante. Prégai com tôda a vossa conduta, e pregai com ela em tôda a parte. Logo vereis como vos é fácil, primeiro impor respeito, logo admiração, depois simpatia. Não vos faltarão prosélitos.

Ó! se todos os católicos sãos compreendessem o brilhante apostolado secular que desta maneira podem exercer em suas respectivas povoações! Unidos ao pároco, aderindo como a hera ao muro paroquial, firmes como o seu velho campanário, podem desafiar tôda a tempestade e fazer frente a tôda procela.

2.º — Os bons periódicos. Escolhei entre os jornais bons, o melhor e que mais se adapte às necessidades e inteligência dos que vos rodeiam. Lêde-o; porém não vos contenteis com isso, dai-o a ler, explicai-o e comentai-o, fazei dêle vossa base de operações. Fazei-vos correspondentes da sua administração, cuidai de fazer as subscrições e pedidos, facilitai aos pobres ar-

tistas e camponeses esta operação, a mais custosa de tôdas. Dai-o aos jovens que começam os seus estudos, inculcai-os pela beleza das suas formas literárias, pelo seu estilo acadêmico, pelo seu gracejo e donaire. Começarão por gostar da salsa e acabarão por comer o que com ela vem guisado.

Assim faz a impiedade, assim havemos de fazer também nós. Um jornal puro é de necessidade no século presente. Diga-se o que se quiser dos seus defeitos, nunca igualarão suas vantagens e benefícios. Convém além disso favorecer a circulação de qualquer outro impresso de carater semelhante, o folheto de ocasião, o discurso notável, a enérgica Pastoral, etc., etc.

3.º — As escolas católicas. Onde o mestre oficial fôr bom católico e de confiança, apoie-se com tôdas as fôrças; onde o não fôr, procure-se falar claro para desautorizá-lo. Neste caso é a maior praga da localidade. Convém que tôda a gente conheça, como demônio, o que na verdade o é, a fim de que lhe não seja imprudentemente entregue o principal, que é a educação. Quando assim aconteça, excogite-se meio de levantar escola contra escola, bandeira contra bandeira; se há possibilidade, entregue-se aos religiosos; se não, coloque-se à frente desta boa obra qualquer íntegro secular. Dê-se escola gratuita e a horas convenientes para todos, de manhã, de tarde, de noite; nos dias festivos atraiam-se os meninos, amimando-os e acariciando-os. Diga-se-lhes francamente que a outra escola do mestre mau é escola de Satanás. Um revolucionário célebre, Danton, gritava sem cessar: "Audácia! Audácia!" O nosso grito de sempre há de ser: "Franqueza! Franqueza! Luz! Luz!" Nada há como isto para afugentar essas corujas do inferno, que só podem seduzir favorecidas pela obscuridade.

XXXIV

SINAL CLARÍSSIMO POR ONDE SE CONHECERÁ FACILMENTE O QUE PROCEDE DE ESPÍRITO PURAMENTE CATÓLICO, E O QUE PROCEDE DE ESPÍRITO SIMPLESMENTE AFETADO, OU RADICALMENTE LIBERAL

Vejamos agora outra coisa, a propósito da última palavra que acabamos de escrever. A obscuridade é o grande auxiliar da maldade. *Qui male agit, odit lucem*, disse o Senhor.

Daqui o empenho constante da heresia em envolver-se entre nebulosidade. Não há grande dificuldade em descobrir o inimigo que se apresenta de viseira levantada, nem em reconhecer por liberais os que começam logo a princípio a declarar que o são.

Mas esta franqueza não convém ordinàriamente à seita. Assim, pois, tem que adivinhar-se o inimigo, que se coloca atrás dos disfarces; e êste é muitas vezes hábil e sobremaneira cauteloso. Acrescente-se que, além disso, não é de lince o mais das vezes o olho que o há de reconhecer; torna-se preciso, pois, um *critério* fácil, acomodado, popular, para distinguir a cada momento o que é obra católica do que é infernal estratégia do Liberalismo.

Sucede frequentemente anunciar-se um projeto, inaugurar-se uma emprêsa, fundar-se uma instituição, e o fiel católico não consegue distinguir de pronto a que tendências obedece aquêle movimento, e se por conseguinte convém associar-se a êle ou opor-se-lhe com tôdas as fôrças, principalmente quando o inferno astuciosamente procura tomar muitas vezes alguma das côres

mais atrativas da nossa bandeira, e empregar até na ocasião a nossa linguagem usual. Em tais casos, quantos fazem o jôgo a Satanáz, julgando aplicar-se na melhor boa fé a uma obra católica!

Porém dir-se-á: "Todos têm a voz da Igreja, que pode dar a cada um perfeita segurança". Está bem; mas a autoridade da Igreja não pode consultar-se a cada momento nem para cada caso particular.

A Igreja costuma deixar sàbiamente estabelecidos os princípios e regras gerais de proceder; a aplicação aos mil casos concretos de cada dia, deixa-a ao critério prudente de cada fiel. E os casos desta natureza apresentam-se cada dia, e têm de resolver-se instantaneamente sôbre o terreno que se pisa.

O jornal que aparece, a associação que se funda, a festa pública a que se convida, a subscrição para que se pede, tudo isto pode ser de Deus e pode ser do diabo, e o que é pior, pode ser do diabo apresentando-se, como temos dito, com tôda mística gravidade e compostura das coisas de Deus.

Como guiar-se, pois, a gente em tais labirintos?

Vamos dar duas regras de carater muito prático, que nos parece podem servir a todo o cristão para que em tão delicada matéria possa assentar bem o pé.

1.º — Observar cuidadosamente que classe de pessoas promovem a coisa. É a primeira regra de prudência e de senso comum. Funda-se naquela máxima do Salvador: *Não pode a árvore que é má produzir frutos bons.*

É evidente que pessoas liberais hão de produzir escritos, obras, emprêsas e trabalhos liberais, ou informados do espírito liberal, ou pelo menos lamentàvelmente afetados dêle. Veja-se, pois, quais são os antecedentes daquela, ou daquelas pessoas que organizam ou promovem a obra de que se trata. Se são tais que vos não

mereçam completa confiança suas doutrinas, olhai de prevenção tôdas as suas emprêsas. Não as reproveis imediatamente, pois há um axioma de teologia que diz que nem tôdas as obras dos infiéis são pecados, e o mesmo pode dizer-se das dos liberais. Porém, não as deis imediatamente como boas. Desconfiai delas, olhai-as de prevenção, sujeitai-as a mais detido exame, aguardai os resultados.

2.º — Examinar que classe de pessoas a louvam. É regra mais segura que a anterior. Há no mundo atual duas correntes públicas e perfeitamente discriminadas: a corrente católica e a corrente maçônica ou liberal.

Formam a primeira, ou antes refletem-na, os jornais católicos. Refletem a segunda e formam-na materialmente cada dia os jornais revolucionários.

A primeira vai buscar em Roma a sua inspiração. A segunda inspira-a a maçonaria.

Anuncia-se um livro? Publicam-se as bases de um projeto? Vêde se o aprova e recomenda e toma à sua conta a corrente liberal. Neste caso tal obra ou projeto estão julgados; são coisa sua, porque é evidente que o Liberalismo ou o diabo que o inspira, reconhecem imediatamente o que é que os pode prejudicar ou favorecer, e não hão de ser tão néscios que auxiliem o que lhes é contrário e se oponham ao que os favorece.

Têm os partidos e seitas um instinto ou intuição particular (*olfactus mentis*, como disse um filosofo) que lhes revela *à priori* o que hão de considerar como seu e o que como inimigo. Desconfiai, pois, de tudo o que louvam e admiram os liberais. É claro que viram na coisa, ou origem, ou meios, ou fins favoráveis ao Liberalismo. Não costuma enganar-se nisto o claro instinto da seita. Mais fácil é que se engane um periódico católico, louvando ou recomendando como boa uma

coisa que em si o não seja talvez muito, do que um periódico-liberal, louvando como sua uma obra das várias sôbre que se levante discussão. Mais confiamos, em verdade, no olfato dos nossos inimigos, que no de nossos próprios irmãos.

Ao homem bom, cegam-no às vezes certos escrúpulos de caridade e de natural costume de pensar bem, até ao ponto de ver, pelo menos, intenções retas onde por desgraça as não há. Não assim os maus. Êstes disparam desde logo grossa artilharia contra o que não concorda com o seu modo de pensar, e tocam incansáveis a trombeta de todos os reclames em favor do que, por um lado ou por outro, favorece a sua maléfica propaganda. Desconfiai, pois, de quantos vos impinjam por bom os vossos inimigos.

Aproveitámos de um periódico os seguintes versinhos, que se literàriamente poderiam ser melhores, não podem em compensação, ser mais verdadeiros.

Dizem assim, falando do Liberalismo:

Diz que sim? Pois é mentira.
Diz que não? Pois é verdade.
O que êle chama iniquidade,
Tu como virtude o mira;
Quem êle persegue com ira
Tem tu por homem honrado;
Mas evita com cuidado
Quem êle por bom queira dar-te.
Fazendo assim da tua parte,
Tem-no de pronto estudado.

Afigura-se-nos que estas duas regras de sentido comum, que melhor poderiamos chamar de bom senso cristão, são bastantes, se não para dar uma resolução decisiva a tôda a questão, ao menos para não tropeçar

fàcilmente nas escabrosidades dêsse tão acidentado terreno, em que andamos e lutamos os católicos de hoje.

Não se esqueça sobretudo o católico do nosso século que a terra que pisa está minada de todos os lados pelas seitas secretas, que são as que dão voga e tom à polêmica anticatólica, e às quais servem inconscientemente muitas vezes ainda os mesmos que mais detestam o seu infernal trabalho.

A luta de hoje é, principalmente, subterrânea e contra um inimigo invisível, que raras vezes se apresenta com a sua verdadeira divisa. Há, pois, que cheirá-lo, mais do que vê-lo; há que adivinhá-lo com o instinto, mais do que apontá-lo com o dedo.

Bom olfato, pois, e senso prático é que se necessita, mas do que sutis cavilações e laboriosas teorias. O critério que recomendamos a nossos amigos, nunca nos enganou a nós.

XXXV

QUAIS SÃO OS PERIÓDICOS BONS E QUAIS OS MAUS, E O QUE SE HÁ DE JULGAR DO BEM QUE PORVENTURA FAÇA UM PERIÓDICO MAU, E AO CONTRÁRIO DO MAL EM QUE PODE INCORRER UM PERIÓDICO BOM

Supondo que a corrente, boa ou má, que aplaude ou condena uma coisa, há de servir ao católico sincero, de comum e familiar critério de verdade para viver ao menos receioso e prevenido; e supondo que os periódicos constumam ser o meio em que mais e melhor transparece esta corrente, e aos quais portanto se torna necessário recorrer mais de uma vez, pode perguntar-se aqui: Quais hão de ser para um católico de hoje os

periódicos que lhe inspirem verdadeira confiança? Ou melhor: Quais devem inspirar-lhe muito pouca, e quais nenhuma?

Primeiramente, é claro (*per si patet*) que nenhuma confiança devem inspirar-nos em matéria de Liberalismo os periódicos que se honram (ou se deshonram) de chamar-se a si próprios e portar-se como liberais.

Como fiar-nos dêles, se êles são precisamente os inimigos contra quem temos de prevenir-nos a tôdas as horas e a quem temos de andar hostilizando constantemente?

Fica, pois, fora de tôda a discussão esta parte da consulta. O que hoje em dia se chama liberal, certamente o é; e, sendo-o, é nosso formal inimigo e da Igreja de Deus. Não se tenha, pois, em conta a sua recomendação ou aplauso mais do que para olhar como suspeito tudo o que em matéria de Religião êle recomenda e aplaude.

Há uma classe porém de periódicos, menos descarada e pronunciada, que gosta de viver na ambiguidade de indefinidas côres, e indecisas tintas; que se chama a tôdas as horas católica e a momentos abomina e detesta o Liberalismo, quanto à palavra pelo menos É a comumente conhecida pelo nome de *Católico-liberal*.

Desta há ainda menos que confiar, nem nos deixemos surpreender por suas hipocrisias e pietismos.

É certo que, apurado o caso, predominará nela a tendência liberal sôbre a católica, ainda que se proponha viver fraternalmente entre ambas. Assim se viu sempre e assim deve lògicamente suceder.

A corrente liberal é mais fácil de seguir, em prosélitos mais numerosa, e ao amor próprio mais simpática. A católica é mais áspera na aparência, tem menos

sequazes e amigos, exige navegar sempre contra o natural corrompido impulso das idéias e paixões. Em um coração ambíguo e vacilante como são os tais é, pois, regular que esta sucumba e aquela prevaleça.

Não há, pois, que fiar em casos difíceis da imprensa católico-liberal. Mais ainda; tem o inconveniente de que o seu veredicto não nos serve tanto como o da outra para formularmos prova contraditória, pela simples razão de que êste seu veredicto não é absoluto e radical em coisa alguma, mas sim regularmente acomodatício.

A imprensa boa é a integralmente boa, quer dizer, a que defende o bem em seus princípios bons e em suas aplicações boas; a mais oposta à reconhecidamente má, *opposita per diametrum*, como diz Santo Inácio no livro de ouro dos seus *Exercícios;* a que está do lado oposto das fronteiras do êrro; a que olha sempre frente a frente o inimigo; e não a que a momentos bivaqueia com êle ou apenas se opõe a determinadas evoluções suas; a que é inimiga do mal, *no todo*, já que o mau é mau em tudo, ainda naquele bem que por casualidade possa produzir alguma vez.

Vamos fazer uma observação para explicar esta nossa última frase, que a muitos parecerá atrevida.

Costumam às vezes periódicos maus ter alguma coisa de bom. Que se há de pensar dêste bem que alguma vez produzam os periódicos dos maus? — Há de pensar-se que isto não os faz deixar de ser maus, se é má a sua intrínseca natureza ou doutrina. Antes êste bem pode e costuma ser atrativo satânico para tornar recomendado, ou pelo menos dissimular, o mal essencial que trazem consigo.

A um ser mau não o eximem de sua natural maldade certas qualidades acidentalmente boas. Não é bom um ladrão ou assassino por mais que reze cada dia a

Ave Maria, ou dê esmola a um pobre. É mau, não obstante estas boas obras, porque é mau o conjunto essencial de seus atos, e má a tendência ordinária dêles. E se do bem que faz se serve para mais autorizar a sua maldade, vem a tornar-se mau por seu fim ainda aquilo mesmo que, em si, seria ordinàriamente bom.

Ao contrário sucede que periódicos bons incorrem algumas vezes em tal ou qual êrro de doutrina, ou em algum extravio de paixão, e fazem efetivamente algo que não se lhes pode aprovar. Hão de chamar-se por isso maus? — Não, por análoga ainda que inversa razão. O mau neles é acidental. O bom é substancial e ordinário. Um pecado ou alguns não fazem mau a um homem, sobretudo se protesta com o arrependimento, ou a emenda, não querê-los. Não é mau senão o que de ciência certa e habitualmente o é, e protesta querer sê-lo.

Não são anjos os jornalistas católicos, nem muito menos: são homens frágeis e miseráveis e pecadores. Querer, pois, condená-los *por um* ou outro êrro, uma ou outra indiscrição ou imprudência, é fazer do bom e do virtuoso um conceito farisaico, e jansenista, reprovado por todos os princípios da sã moral. A julgar desta sorte, que instituição haverá boa e digna de estima na Igreja de Deus?

Em resumo: há periódicos bons e periódicos maus. Com estes últimos devem somar-se os ambíguos ou indefinidos. Ao que é mau não o fazem bom algumas coisas boas que tenha, nem ao bom fazem mau alguns defeitos ou ainda pecados em que incorra. Se sôbre êstes princípios julga e fala lealmente o bom católico, raras vezes se enganará.

XXXVI

SE ALGUMAS VÊZES É RECOMENDÁVEL A UNIÃO ENTRE CATÓLICOS E LIBERAIS PARA UM FIM COMUM E EM QUE CONDIÇÕES

Outra questão se agitou muito em nossos dias, e é relativa à união entre católicos e liberais menos avançados, para o fim comum de conter a revolução mais radical e desencadeada; sonho dourado ou cândida ilusão de alguns, de outros porém pérfida cilada, com que só pretenderam (e conseguiram-no em parte) desunir-nos e paralisar-nos.

Que havemos de pensar, pois, de tais pretensões unionistas, nós, que colocamos acima de todo o interêsse o da nossa santa Religião?

Em tese geral havemos de pensar que não são boas, nem recomendáveis tais uniões. Deduz-se retamente dos princípios até aqui estabelecidos.

O Liberalismo, por moderado e fagueiro que se apresente na forma, é, em sua essência, oposição direta e radical ao Catolicismo. Os liberais são, pois, inimigos natos dos católicos, e só em algum conceito acidental podem ter interêsses *verdadeiramente* comuns.

Podem, não obstante, dar-se alguns raríssimos casos. Pode, com efeito, suceder que contra uma das frações mais avançadas do Liberalismo seja útil em certos casos a união de fôrças integralmente católicas com as de outro grupo mais moderado do próprio campo liberal.

Quando realmente assim convenha, devem ter-se em conta as seguintes bases para a união:

1.ª — Não partir do princípio de uma neutralidade ou conciliação entre interêsses essencialmente opostos,

quais são os católicos e os liberais. Esta neutralidade ou conciliação está condenada no *Syllabus*, e é por conseguinte uma base falsa; tal união é traição, é abandono do campo católico por parte dos encarregados de defendê-lo.

Não se diga, pois: "Prescindamos de diferenças de doutrina e de apreciação". Nunca se faça esta vil abdicação de princípios. Diga-se antes de tudo: "Apesar da radical e essencial oposição de princípios e apreciações; etc." Fale-se e obre-se assim, para evitar confusão de conceitos, escândalo aos incautos e alardes do inimigo.

2.ª — Muito menos se conceda ao grupo liberal a honra de capitanear-nos com sua bandeira. Não; conserve cada um a sua própria divisa, ou sujeite-se naquelas ocasiões à nossa quem conosco queira lutar contra um inimigo comum. Mais claro: unam-se êles a nós; nunca nós a êles. A êles muticolôres sempre em sua bandeira, não lhes será tão difícil aceitar a nossa; a nós, que queremos tudo puro e sem mescla, há de ser-nos mais custosa tal mistura de divisas.

3.ª — Nunca se julgue deixar com isto estabelecidas as bases para uma ação constante e normal. Não podem sê-lo senão para uma ação fortúita e passageira. Uma ação constante e normal não pode estabelecer-se senão com elementos homogêneos e que possam engrenar entre si como rodas perfeitamente combinadas. Para se combinarem durante muito tempo pessoas radicalmente opostas em sua convicção, seriam necessários contínuos atos de heróica virtude, por parte de todos. E o heroismo não é qualidade comum, nem de todos os dias.

É expor, pois, uma obra a lamentável desastre o edificá-la sôbre base de desencontradas opiniões, por mais que em algum ponto acidental concordem entre si. Para

um ato transitório de defesa comum ou de comum ataque, pode muito bem intentar-se esta coligação de fôrças e pode ser louvável e de verdadeiros resultados, sempre que não se deixem no esquecimento estas condições ou regras que temos assentado como de imprescindível necessidade.

A não ser com estas condições, não só não julgamos favorável a união de católicos com liberais para qualquer emprêsa, mas a temos por altamente prejudicial. Em vez de multiplicar as fôrças, como sucede com a soma de quantidades homogêneas, paralisará e anulará o vigor daquelas mesmas, que isoladas poderiam fazer alguma coisa em defesa da verdade. É certo o provérbio que diz: "Ai do que vai só". Mas a experiência tem também ensinado êste outro, em nada oposto àquele: "Antes só que mal acompanhado". Julgamos que é São Tomás que diz, não nos lembramos onde: *Bona est unio, sed potior est unitas.* "Muito boa é a união, mas melhor ainda a unidade".

Se sè deve, pois, sacrificar a verdadeira unidade nos altares de uma fictícia e forçada união, muito mais se perde do que se ganha na troca, em nossa humilde opinião.

Além destas considerações que se poderiam tomar por meras divagações teóricas, a experiência patenteou já de sobra o que resulta regularmente de tais empreendimentos de união. O resultado costuma ser sempre maior exacerbação de lutas e rancores. Não há exemplo de uma coligação desta natureza, que tenha servido para edificar ou consolidar.

E não obstante é êste, como temos dito, o sonho dourado, a eterna ilusão de muitos de nossos irmãos. Julgam êstes que o que principalmente importa à verdade é que sejam muitos os seus defensores e amigos. Medem a fôrça pelo número; para êles somar, ainda

que sejam quantidades heterogêneas, é sempre multiplicar a ação, assim como diminuir é enfraquecê-la.

Vamos esclarecer um pouco êste ponto e emitir algumas últimas observações sôbre esta já esgotada matéria.

A verdadeira fôrça e poder de tôdas as coisas, tanto na ordem física como na moral, está mais na intensidade do que na extensão. Maior volume de matéria intensa homogênea é claro que dá maior fôrça, não pelo aumento de volume, mas pelo aumento ou maior soma de intensidades. É, pois, regra de boa mecânica procurar aumento na extensão e número das fôrças, mas com a condição de que aumentem verdadeiramente as intensidades. Contentar-se com o aumento, sem procurar examinar o valor do aumentado, é não sòmente acumular fôrças imaginárias, mas ainda expôr-se, como temos mostrado, a ver paralisadas em sua ação ainda as verdadeiras, acaso existam.

É o que se dá no caso presente, como fàcilmente demonstraremos.

A verdade tem uma fôrça própria, sua, que comunica a seus amigos e defensores. Não são êstes que lha dão a ela; é ela que lha subministra, mas com a condição de ser ela realmente a defendida. Tôdas as vezes que o defensor, instrumento apenas de melhor defesa da verdade, começa por mutilá-la, reduzí-la, ou atenuá-la a seu talante, não é já a verdade o que êle defende, mas uma invenção sua, criatura humana de melhor ou pior aparência, porém que nenhuma semelhança tem com aquela outra filha do céu.

Isto sucede atualmente a muitos irmãos nossos, vítimas (inconscientes alguns) da maldita influência liberal. Julgam com certa boa fé defender e propagar o Catolicismo; porém, à fôrça de acomodá-lo à sua estreiteza de vistas e pequenez de ânimo, para torná-lo,

dizem, mais aceitável ao inimigo a quem desejam convencer, não reparam que não defendem já o Catolicismo, mas uma certa coisa particular, sua, a que dão aquêle nome como poderiam dar-lhe outro.

Pobres iludidos que, ao começar o combate, para melhor ganhar o inimigo, principiaram por molhar a pólvora, e tirar o fio e a ponta à espada, sem advertir que espada sem ponta e sem fio não é espada, é ferro velho, e que pólvora molhada não lançará o projétil! Seus periódicos, livros e discursos, envernizados de catolicismo, porém sem espírito e vida dêle, são no combate da propaganda o mesmo que a espada de Bernardo e a carabina de Ambrósio, que a versão popular por aí tornou tão famosas para representar tôda a classe de armas que não ferem, nem cortam.

Ah! não, não, meus amigos; a um exército dêsses é preferível uma só companhia, um só pelotão de bem armados soldados que saibam bem o que defendem, contra quem e com que verdadeiras armas.

Dê-nos Deus dêsses que são os que têm feito sempre e hão de fazer para o futuro alguma coisa pela glória do Seu nome, e fique-se o diabo com os outros que, de boamente, como verdadeiro refugo, lhos concedemos.

Sobe isto de ponto se se considera que não só é inutil para o bom combate cristão tal escória de falsos auxiliares, senão que é embaraçosa e quase sempre favorável ao inimigo.

Associação católica que leve consigo semelhante lastro, tem o suficiente para não poder fazer com liberdade movimento algum. Matarão afinal com sua inércia tôda a viril energia, farão afrouxar os mais magnânimos e enfraquecer os mais vigorosos; trarão em sobressalto o coração fiel, temeroso sempre, e com razão, de tais hóspedes, que são sôbre certos respeitos amigos dos seus inimigos.

E não será triste que em vez de ter tal associação um só inimigo franco e bem definido a combater, tenha de gastar parte do seu próprio cabedal de fôrças em combater, ou pelo menos em conter dentro dos limites a inimigos intestinos que destroçam ou perturbam pelo menos seu próprio seio? Bem o disse a *Civiltà Cattolica* em uns famosos artigos.

"Sem essa precaução, diz, corriam perigo certíssimo, não só de converter-se tais associações (as católicas) em campo de escandalosas discórdias, mas também de degenerarem em breve dos sãos princípios, com grave ruína própria e gravíssimo dano da Religião."

Pelo que, concluiremos êste capítulo transcrevendo para aqui aqueloutras tão terminantes e decisivas palavras do mesmo jornal, que para todo o espírito católico devem ser de grandíssima, para não dizer, de inapelável autoridade. São as seguintes:

"Com sábio acêrto em nenhuma coisa andaram tão solícitas as associações católicas como em excluir de seu seio não só todo aquêle que professasse abertamente as máximas do Liberalismo, mas também aquêles que imaginando a ilusão de poder conciliar o Liberalismo com o Catolicismo, são conhecidos pelo nome de *Católicos liberais*."

XXXVII

SE É OU NÃO INDISPENSÁVEL EM CADA CASO PARTICULAR RECORRER AO VEREDICTO CONCRETO DA IGREJA E DE SEUS PASTORES PARA SABER SE UM ESCRITO OU PESSOA DEVEM REPUDIAR-SE E COMBATER-SE COMO LIBERAIS

Tudo o que acabais de expôr, dirá alguém ao chegar a êste ponto, encontra na prática uma dificuldade

gravíssima. Tendes falado de pessoas e escritos liberais, recomendando com todo o empenho que fujamos, como da peste, dêles e até dos seus mais remotos laivos de Liberalismo.

Mas, quem se atreverá, por si só, a qualificar de liberal tal pessoa ou escrito sem medeiar o veredicto decisivo da Igreja docente, que os declare tais?

Eis aqui um escrúpulo, ou antes uma tolice, muito em voga de alguns anos para cá, por parte dos liberais e dos mais ou menos influenciados de Liberalismo; teoria nova na Igreja de Deus, e que temos visto com assombro perfilhada por quem nunca imagináramos pudesse cair em tais aberrações; teoria além disso tão cômoda para o diabo e seus sequazes que apenas um bom católico os ataca ou desmascara, imediatamente os vemos acudir por ela e refugiar-se em suas trincheiras, perguntando com ares de magistral autoridade: "E quem sois vós para qualificar-me de liberal, a mim e ao meu jornal? Quem vos constituiu mestres em Israel para declarar quem é bom católico e quem não o é? É a vós que se há de pedir *patente de Catolicismo?*"

Esta última frase sobretudo fêz fortuna, como se diz, e não há católico com laivos de liberal que a não aproveite nos casos graves e difíceis, como seu último recurso.

Vejamos, pois, o que há a tal respeito, e se é sã a teologia que expõem os católicos liberais sôbre êste ponto. Ponhamos a questão em tôda a sua limpidez e clareza. É a seguinte:

Para qualificar uma pessoa ou um escrito de liberal, deve aguardar-se sempre o veredicto concreto, da Igreja docente sôbre tal pessoa ou escrito?

Respondemos categòricamente que de modo nenhum.

A ser certo êste paradoxo liberal, fôra indubitàvelmente o meio mais eficaz para que na prática ficassem sem efeito tôdas as condenações da Igreja, com respeito assim a pessoas como a escritos.

A Igreja é a única que possui o supremo magistério doutrinal de direito e de fato, *juris et facti*, sendo a sua suprema autoridade, personificada no Papa, a única que definitivamente e sem apelação pode qualificar doutrinas em abstrato, e declarar que tais doutrinas as contém ou ensina em concreto o livro de tal ou tal pessoa; — infalibilidade não por ficção legal, como a que se atribui a todos os tribunais supremos da terra, mas real e efetiva, como emanada da contínua assistência do Espírito Santo, e garantida pela promessa solene do Salvador; — infalibilidade que se exerce sôbre o dogma e sôbre o fato dogmático, e que tem portanto tôda a extensão necessária para deixar perfeitamente resolvida, em última instância, qualquer questão.

Pois bem. Tudo isto se refere ao veredicto último e decisivo, ao veredicto solene e autorizado, ao veredicto irreformável e inapelável, ao veredicto que temos chamado *de última instância*. Mas não exclui para luz e guia dos fiéis outras decisões menos autorizadas, porém, também muito respeitáveis, que não podem desprezar-se, e que podem até obrigar em consciência o fiel cristão. São as seguintes, e suplicamos ao leitor que fixe bem a sua gradação:

1.ª — A dos Bispos em suas dioceses. Cada Bispo é juiz em sua diocese para o exame das doutrinas e qualificação delas e declaração de quais livros as contém e quais não. O seu veredicto não é infalível, porém é respeitabilíssimo e obriga em consciência, quando não está em evidente contradição com outra doutrina prèviamente definida ou quando não o desautoriza outro veredicto superior.

2.ª — A dos Párocos em suas freguezias. Este magistério está subordinado ao anterior, porém goza, em sua mais reduzida esfera, das mesmas atribuições. O Pároco é pastor e pode e deve, como tal, discriminar os pastos salutares dos venenosos. Não é infalível a sua declaração, porém, deve ter-se por digna de respeito, segundo as condições ditas no número anterior.

3.ª — A dos diretores de consciências. Apoiados em suas luzes e conhecimentos podem e devem os confessores dizer a seus dirigidos o que lhes pareça a respeito de tal doutrina ou livro, sôbre que sejam consultados, apreciar segundo as regras da moral e da filosofia se tal leitura ou companhia pode ser perigosa ou nociva ao seu confessado, e até podem com verdadeira autoridade intimar-lhe que se retire delas. Tem, pois, também o confessor um certo voto sôbre doutrinas e pessoas.

4.ª — A dos simples teólogos consultados pelo fiel secular. *Peritis in arte credendum*, diz a filosofia, "deve dar-se crédito a cada um no que pertence à sua profissão ou carreira". Não se entende que tenham verdadeira infalibilidade, mas sim uma certa competência especial para resolver os assuntos relacionados com essa sua profissão. Ao teólogo graduado dá a Igreja um certo direito oficial para explicar aos fiéis a ciência sagrada e suas aplicações. No uso dêste direito escrevem os autores sôbre teologia, e classificam e falam segundo o seu leal saber e entender. É, pois, certo que gozam de uma certa autoridade científica para falar em assuntos de doutrina e para declarar que livros a contêm ou que pessoas a professam. Assim, os simples teólogos censuram e classificam, por mandado do Prelado, os livros que se dão à estampa, e garantem com a sua firma a ortodoxia dêles. Não são infalíveis, porém, servem ao fiel de norma primária nos casos quotidianos, e devem

os fiéis confiar-se na sua decisão até que a não anule outra superior.

5.ª — A da simples razão humana devidamente ilustrada. Sim, senhor, até isto é *lugar teológico*, como se diz em teologia, quer dizer é critério científico em matéria de religião. A fé domina a razão; esta deve estar-lhe em tudo subordinada. Porém é falso que a razão nada possa por si só; é falso que a luz inferior acendida por Deus no entendimento humano não alumie nada, ainda que não alumie tanto como a luz superior. Permite-se, pois, e até se prescreve ao fiel discorrer sôbre o que faz objeto da sua crença, tirar daí consequências, fazer aplicações, e deduzir paralelos e analogias. Assim pode o simples fiel desconfiar logo à primeira vista de uma doutrina nova que se lhe apresente, segundo o maior ou menor desacordo em que a veja com outra definida. E pode, se esta desarmonia é evidente, combatê-la como má, e chamar mau ao livro que a sustenta. O que não pode é defini-la *ex cathedra*; porém, tê-la para si como perversa e como tal denunciá-la aos outros para seu govêrno, dar a voz de alarme e disparar os primeiros tiros, isso pode fazê-lo o fiel secular; assim se tem feito e o aplaudiu sempre a Igreja. E isto não é fazer-se pastor do rebanho, nem sequer humilde zagal; é simplesmente servir-lhe como o cão para dar aviso com seus latidos. *Oportet adlatrare canes*, recordou a propósito disto muito oportunamente um grande Bispo espanhol, digno dos melhores séculos da nossa história.

Porventura não o entendem assim os mais zelosos Prelados, quando em repetidas ocasiões exortam os fiéis a abster-se dos maus jornais, sem indicar-lhes quais sejam, persuadidos, como estão, de que lhes bastará seu natural critério ilustrado pela fé para distingui-los aplicando as doutrinas já conhecidos sôbre a matéria? E

o mesmo *Index* contém acaso os títulos de todos os livros proibidos? Não figuram à frente dêle com o caráter de *Regras gerais do Index* certos princípios a que deve ater-se um bom católico para considerar como maus muitos impressos que o *Index* não designa, porém que sôbre as regras dadas quer que julgue e fale por si próprio cada um dos leitores?

Subamos, porém, a uma consideração mais geral. De que serviria a regra de fé e costumes, se a cada caso particular não pudesse fazer imediata aplicação dela o simples fiel, mas devesse andar de contínuo a consultar o Papa e o Pastor diocesano?

Assim como a regra geral de costumes é a lei, e não obstante tem cada um dentro de si uma consciência (*dictamen practicum*) em virtude da qual faz as aplicações concretas da dita regra geral, sem prejuizo de ser corrigido, se se extravia na sua apreciação; assim na regra geral do que se há de crer, que é a autoridade infalível da Igreja, consente esta, e há de consentir, que faça cada um, com o seu critério particular, as aplicações concretas, sem prejuizo de corrigi-lo e obriga-lo à retratação, se porventura erra.

É frustrar a regra superior da fé, é fazê-la absurda e impossível, exigir a sua concreta e imediata aplicação pela autoridade primária em cada caso de cada hora e de cada minuto.

Há aqui um certo jansenismo feroz e satânico, como o que havia nos discípulos do malfadado Bispo de Iprés ao exigir para a recepção dos Santos Sacramentos disposições tais que os tornavam absolutamente impossíveis para os homens a cujo proveito foram destinados.

O rigorismo ordenancista que aqui se invoca é tão absurdo como o rigorismo ascético que se pregava em

Port-Royal e seria ainda de piores e mais desastrosas consequências. E se não, observe-se um fenômeno.

Os mais rigoristas a êste respeito são os mais endurecidos sectários da escola liberal. Como se explica esta aparente contradição? Explica-se muito claramente, recordando que nada conviria tanto ao Liberalismo como essa mordaça legal posta na bôca e na pena de seus mais destemidos adversários. Seria na verdade um grande triunfo para êle chegar a conseguir que sob pretexto de que ninguém pode falar com voz autorizada na Igreja senão o Papa e os Bispos, emudecessem de repente os De *Maistre*, os Valdegamas, os Veuillot, os Villoslada, os Aparisi, os Tejado, os Orti y Lara, os Nocedal, de que sempre por divina misericórdia houve e haverá gloriosos exemplares na sociedade cristã.

Isso quereria o Liberalismo, e que fôsse a mesma Igreja que lhe fizesse o grande serviço de desarmar os seus mais ilustres campeões.

XXXVIII

E QUE DIZER DA *HORRÍVEL SEITA* DO "*LAICISMO*" QUE DESDE HÁ POUCO, NO DIZER DE ALGUNS, CAUSA TÃO GRAVES ESTRAGOS NO NOSSO PAÍS?

É ocasião de falar aqui do *Laicismo*, dessa *espantosa seita*, como lhe têm chamado, que teve o singular privilégio de excitar a atenção pública nestes últimos tempos, em que nenhuma outra questão teológica mereceu esta honra.

Grande monstro deverá ter sido o de que aqui se trata, visto como com tão geral rebate entenderam investir contra êle ainda os menos afeiçoados à polê-

mica religiosa e até os menos inclinados a velar pela honra da Igreja.

O *Laicismo* foi uma heresia singular destes últimos tempos, que teve contra si a sanha de todos os que aborrecem a Jesus Cristo. Haverá caso raro como êste? E o que é mais, ter-se levantado alguem, secular ou eclesiástico, contra o *Laicismo*, foi imediatamente um título de glória e motivo de ruidosos apláusos e bater de palmas no campo franc-mação. Eis um fato que ninguém póde desmentir, porque se passou à vista de todos. Não podia isto ser já um dado suficiente para deixar completamente resolvido, à primeira vista, êste pavoroso problema?

Mas o que é o *Laicismo?*

Seus ferozes contraditores julgaram melhor anatematizá-lo do alto de suas respectivas cátedras, mais ou menos autorizadas, do que defini-lo. Nós, que há anos andamos em relações públicas e particulares com êle, procuraremos livrá-los dêste apuro e dar-lhes uma definição, a fim de que tenham alguma base em suas invectivas.

Sob três aspectos se tem considerado o *Laicismo.*

1.º — A pretendida exageração da iniciativa secular na apreciação de pessoas e doutrinas.

2.º — A pretendida exageração da iniciativa secular na direção e organização de obras católicas.

3.º — A pretendida falta de submissão de certos seculares à autoridade episcopal.

Eis os três pontos do acintoso processo que contra os laiscistas se formulou vai para dois ou três anos.

Excusado é dizer que êstes três pontos que aqui damos claramente definidos pela primeira vez, nunca os discriminou em suas fogosas perorações o altivo fiscal que levantou principalmente a voz contra nós. Isso de con-

cretizar atos e precisar conceitos, não deve entrar nas leis da sua polêmica extremamente original. Limitam-se a muito vociferar em altos gritos: "Cisma! cisma! seita! seita! rebeldia! rebeldia!"; a muito ponderar os fóros e prerrogativas da autoridade episcopal; a provar com autoridades e cânones verdades que ninguém nega sôbre esta autoridade: porém, nada de aproximar-se (nem de longe) do verdadeiro ponto do debate; nada de provar gravíssimas acusações, esquecendo que acusação que não se prova deixa de ser acusação e passa a ser desvergonhada calúnia. Ó! que luxo de erudição, que profundeza de teologia, que subtileza de direito canônico, que ênfase de retórica escolar se há malbaratado em provar que eram os piores inimigos da causa católica os seus mais firmes defensores; que eram os autores e fautores do *Laiscismo* precisamente os de contínuo apostrofados de *Clericalismo;* que tendiam a emancipar-se do santo magistério episcopal os que foram em todos os tempos os mais aditos e dóceis ao cajado de seus Pastores no que pertence à sua jurisdição!

Esta última frase — no que pertence à sua jurisdição — têm-na em lamentável e talvez calculado esquecimento os ferozes impugnadores do mal apelidado *Laicismo*, e, ao vê-los dar tantas voltas à Encíclica *Cum multa*, dir-se-ia que ainda não acertaram ver nela êsse parêntesis, que dá a devida e natural explicação do mais substancioso dela.

Com efeito, tôdas as acusações de rebeldia dirigidas contra certas associações e jornais estariam muito em seu lugar sempre que se provasse (como efetivamente nunca se provou nem provará) que tais associações e jornais, ao resistir com varonil firmeza a fazer parte da malfadada *união* católico-liberal, que se lhes quís canonicamente impor, resistiram a seu natural chefe religioso *em alguma coisa que era da sua jurisdição.*

O colossal talento dos descobridores e impugnadores do *Laicismo* podia bem ocupar-se disso, que seria tarefa digna de sua laboriosidade e que por certo tarde veriam concluida. Mas que fazer? Aos antilaicistas não foi dado ver, nem deve haver para eles no seu Manualzinho de Logica aquele vicio chamado *mutatio elenchi*, que é o que de continuo lhes faz cantar *extra chorum*, para não empregar outro idiotismo, mais gráfico, mas menos decente, que conta entre os seus o enérgico idioma catalão.

É, sem mais rodeios, um *Laicismo* singular êste que em Espanha, e na Catalunha principalmente, anda à frente de tôdas as obras católicas vulgarmente chamadas ultramontanas; que à voz do Papa promove peregrinações; que para secundar o Papa cobre adesões com milhares de assinaturas; que para socorrer o Papa manda continuamente para Roma esmolas e mais esmolas; que está sempre ao lado de seus Prelados em tudo o que ordenem para combater a impiedade; que funda, paga e sustenta escolas católicas contra as chamadas leigas ou protestantes; que forma, numa palavra, na academia, no templo, na imprensa, o grupo mais ardentemente batalhador em defesa dos direitos da fé e da Santa Sé.

É um *Laicismo* raro e fenomenal êste, de que são amigos e inspiradores os sacerdotes mais exemplares, e fóco as casas religiosas mais observantes; que recebeu em poucos anos, êle só, mais bençãos expressas de Sua Santidade do que qualquer outro grupo em meio século; que tem sôbre si o certificado mais autêntico de ser coisa de Cristo na animadversão e raiva com que o olham e tratam todos os inimigos mais declarados do nome cristão. Não é verdade que é êste um *Laicismo* que em tudo se parece com o mais puro catolicismo?

Em resumo, não há tal *Laicismo* nem coisa que se lhe pareça. Há, sim, um punhado de católicos seculares que valem por um exército e que incomodam devéras a seita católico-liberal, que tem por êsse motivo muito legítima e justificada razão para odiá-los.

E acresce:

1.º — Que o católico secular pôde sempre e pode e deve com mais justo motivo hoje, nas circunstâncias presentes, tomar parte muito ativa na controvérsia religiosa, expondo doutrinas, apreciando livros e pessoas, desmascarando figuras de suspeita catadura, atirando direito ao alvo que de antemão lhe indicou a Igreja. E o alvo de preferência em nossos dias deve ser o êrro contemporâneo do Liberalismo, e seu filhinho, cúmplice e capa — o *catolicismo liberal* — contra os quais cem vezes tem dito o Papa que era mui recomendável que todos os bons católicos, ainda os seculares, combatessem incessantemente.

2.º — Que o fiel secular pôde em todos os tempos e pode hoje empreender, organizar, dirigir e levar a cabo tôda a espécie de obras católicas segundo os trâmites que para isso prescreve o Direito Canônico, e sem outra limitação além da que êste marca. Disto nos dão exemplo grandes santos que, sendo simples seculares, criaram na Igreja de Deus magníficas instituições de todo o gênero e até verdadeiras Ordens Religiosas, como foi S. Francisco de Assis, que, pasmem os antilaicistas! nunca chegou a ser sacerdote, nem era subdiácono, mas um pobre secular, quando lançou os fundamentos da sua Ordem. Com muita razão se pode, pois, fundar um periódico, uma academia, um círculo, ou um cassino de propaganda sem atender mais do que às regras gerais que para isso estabelece, não o critério de um homem, quem quer que seja, mas a sábia legislação canônica,

de que todos são súditos, e a que todos devem ser obedientes, desde o Príncipe mais elevado da Igreja, até ao mais obscuro secular.

3.º — Que tratando-se de questões livres não há rebeldia, nem desobediência em cada jornal, associação ou indivíduo pretender resolvê-las segundo o seu critério particular; sendo muito para notar, ainda que em nada estranho, que neste ponto tenhamos nós, os católicos, que dar aos liberais lições de quais sejam os fóros da verdadeira liberdade cristã, e de quão distinta é a nobre submissão da fé do baixo e rasteiro servilismo. As opiniões *livres*, nem o confessor pode impô-las ao seu confessado, ainda que as julgue mais proveitosas ou seguras, nem o Páraco aos seus fregueses, nem o Prelado a seus diocesanos, e muito conveniente seria que sôbre isto dessem os nossos ilustrados contraditores uma lição a Bouix, ou pelo menos ao Padre Larraga. Igualmente não há crime, nem pecado, nem sequer falta venial (e muito menos heresia, cisma ou qualquer outra tolice) em certas resistências. São resistências que a Igreja autoriza e que portanto ninguém pode condenar. E isto sem querer saber ainda se tais resistências são algumas vezes não só lícitas, mas recomendáveis; e não só recomendáveis, mas obrigatórias em consciência, como seria se de boa ou má fé, com retas ou não retas intenções se pretendesse obrigar um súdito a que subscrevesse fórmulas, ou adotasse atitudes, ou aceitasse conveniências abertamente favoráveis ao êrro, desejadas, urdidas e aplaudidas pelos inimigos de Jesus Cristo. Em tal caso o dever do bom católico é a resistência a todo o transe e antes morrer do que condescender.

Eis o que há a dizer sôbre a tão debatida questão do Laicismo, que vista a boa luz e com medíocre conhecimento da matéria, nem sequer chega a ser questão. A ser certa a teologia, que sôbre êste ponto têm assen-

tado os chefes mais graves do catolicismo-liberal, pouco ficaria que fazer ao diabo para ser senhor do campo, porque em rigor tudo lhe daríamos já feito por nossas próprias mãos.

Para tornar impossível na prática todo o movimento católico-secular, não há melhor recurso do que exigir condições tais, que o tornem moralmente impraticável.

Numa palavra, tudo isto não passa de jansenismo puro a que por fortuna caiu já o disfarce.

XXXIX

SE É MAIS CONVENIENTE DEFENDER EM ABSTRATO AS DOUTRINAS CATÓLICAS CONTRA O LIBERALISMO, OU DEFENDÊ-LAS POR MEIO DE UMA AGRUPAÇÃO OU PARTIDO QUE AS PERSONIFIQUE

É mais conveniente defender em abstrato as doutrinas católicas contra o Liberalismo, ou defendê-las formando um partido que as personifique?

Esta questão tem sido mil vezes proposta, ainda que nunca com a franqueza com que nos atrevemos a propô-la aqui.

Da confusão de idéias sôbre esta matéria, ainda entre muitos que são indubitàvelmente verdadeiros católicos, nasceram tantas projetadas e sempre frustradas fórmulas de *união* dos católicos, feita ou não abstração da questão política, fórmulas em alguns, sem dúvida bem intencionadas, ainda que noutros tenham sido máscaras de astutas e pérfidas manobras.

Voltemos, pois, a perguntar com tôda a sinceridade e lhaneza: convém mais defender as idéias anti-

liberais *em abstrato*, ou defendê-las *em concreto;* quer dizer, personificadas em um partido franca e desassombradamente antiliberal?

Uma boa parte de nossos irmãos, os que pretendem (ainda que o não conseguem) aparentar de neutrais em política, dizem que sim, que convém. Nós sustentamos decididamente que não. Isto é, julgamos que é melhor, e que é o único meio prático, viável e eficaz atacar o Liberalismo, defender e opôr-lhe as idéias antiliberais, não em abstrato, mas em concreto, a saber, não sòmente pela palavra falada ou escrita, mas por meio de um partido de ação, perfeitamente antiliberal.

Vamos prová-lo.

De que se trata aqui? Trata-se de defender idéias práticas, e da sua aplicação prática à vida pública e social e às relações entre os modernos Estados e a Igreja de Deus. Pois bem. Tratando-se de procurar antes de mais nada resultados imediatamente práticos, os procedimentos mais práticos são os mais conducentes a êste fim. E o mais prático aqui é, não a defesa simplesmente abstrata e teórica das doutrinas, mas ajudar e favorecer os que no terreno prático procuram implantá-las, e combater, desautorizar e aniquilar, se é possível, os que no mesmo terreno se opõem à sua realização.

Estamos cansados de idealismos místicos e poéticos que só conduzem a uma vaga admiração da verdade, se a tanto chegam. A verdade, como a Deus, há de servir-se *in spiritu et veritate*, "em espírito e verdade"; *cogitatione, verbo et opere*, "com pensamentos, palavras e obras". O problema atual, em que se resolve o mundo, é *brutalmente* prático em tôda a propriedade do advérbio sublinhado. Mais, pois, do que com razões, há de resolver-se com obras, porque obras são amores e não boas razões, diz o rifão.

Não foi principalmente a tagarelice liberal que transtornou o mundo, mas o trabalho eficaz e prático dos sectários do Liberalismo. Com o braço mais do que com a língua se destronou Deus e o Evangelho da sua soberania social de dezoito séculos; com o braço mais do que com a língua, se há de restabelecê-los sôbre o trono.

As idéias, como dissemos acima, não se sustentam no ar, nem caminham, nem produzem, por si sós, geral conflagração no mundo. A sua pólvora não se inflama se não há quem, aplicando-lhe a mecha, a ponha em combustão.

As heresias puramente teóricas e doutrinais pouco têm dado que fazer à Igreja de Deus; mais tem servido ao êrro o braço que brande a espada, do que a pena que escreve falsos silogismos. Nada haveria sido o Arianismo sem o apôio dos imperadores arianos; nada o Protestantismo sem o favor dos Príncipes alemães, desejosos de sacudir o jugo de Carlos V; nada o Anglicanismo sem o dos lordes inglêses, engodados por Henrique VIII com os bens dos cabidos e mosteiros.

Urge, pois opôr a pena à pena a língua à língua; porém, principalmente, o trabalho ao trabalho, a ação à ação, o partido ao partido, a política à política, a espada (em dadas ocasiões) à espada.

Assim se fizeram sempre as coisas no mundo, e assim se farão até ao fim. Não costuma Deus obrar prodígios em defesa da fé, senão nos princípios dela. Arraigada esta num povo, quer êle que seja defendida humanamente e ao modo humano a que ao mundo e ao modo humano baixou a viver.

O que se chama, pois, um partido católico, qualquer que seja outro apelido que se lhe dê, é presentemente uma necessidade. Significa o mesmo que feixe de fôrças católicas, núcleo de bons católicos, união de

trabalhos católicos, para obrar no terreno humano em favor da Igreja, ali onde a Igreja hierárquica não pode muitas vezes descer. Procure-se uma política católica, uma legislação católica, um govêrno católico, por meios dignos e católicos. Quem o pode reprovar? Não benzeu a Igreja, na Idade Média, a Espada dos Cruzados e na moderna civilização a baioneta dos Zuavos pontifícios? Não lhe deu a sua bandeira? Não foi ela que lhes suspendeu ao peito a divisa? Se S. Bernardo se não contentou de escrever sôbre isto patéticas homilias, mas recrutou soldados que lançou às praias de Palestina, que inconveniente haverá em que um partido católico se lance hoje na cruzada que as circunstâncias permitem: a dos jornais, a dos círculos, a das eleições, a das manifestações públicas, entretanto aguarda a hora histórica em que Deus disponha enviar em favor do seu povo cativo a espada de um novo Constantino ou de um segundo Carlos Magno?

Será de estranhar que estas verdades não pareçam blasfêmias à seita liberal. Pois, por isso mesmo, nos deverão parecer a nós as máximas mais sólidas e as mais oportunas nos tempos atuais.

XL

SE É EXAGÊRO NÃO RECONHECER COMO PARTIDO PERFEITAMENTE CATÓLICO SENÃO UM PARTIDO RADICALMENTE ANTI-LIBERAL

Convence-nos o que acabais de dizer, exclamará algum dos nossos, sim, dos nossos porém apreensivo e em demasia medroso a respeito de tudo o que diga respeito a política e a partido; mas qual há de ser o partido em que se filie o bom católico para defender, como

dizeis, concreta e pràticamente a sua fé contra a opressão do Liberalismo? O espírito de partido pode aqui alucinar-vos a fazer que, ainda a vosso pesar, vos inflame mais o desejo de favorecer por meio da religião uma determinada causa política, que o de favorecer por meio da política a religião.

Parece-nos, amigo leitor, que apresentamos aqui a dificuldade em tôda a sua fôrça e como a ouvimos propôr a grande número de pessoas. Felizmente muito pouco nos custará resolvê-la, por mais que nela se encontrem embaraçados muitos de nossos irmãos.

Afirmamos, pois, sem receio de que ninguém possa lògicamente contradizer-nos, que para combater o Liberalismo, o mais procedente e lógico é trabalhar em unanimidade de vistas e esforços com o partido mais radicalmente antiliberal.

— Homem! Que grande novidade essa!

— É verdade. E quem tem a culpa, se a certa gente é preciso apresentar as mais sólidas verdades da filosofia em forma de vulgares e sabidas proposições? Não, não é espírito de partido, mas espírito de verdade, afirmar que não pode eficazmente opôr-se ao Liberalismo senão um partido verdadeiramente católico, e afirmar em seguida que não é partido radicalmente católico senão um partido radicalmente antiliberal.

Não agrada isto naturalmente a certos paladares estragados por saladas mestiças, porém é incontestável.

O Catolicismo e o Liberalismo são sistemas de doutrinas e de procedimentos essencialmente opostos, como julgamos haver demonstrado nestes artigos. É forçoso, pois, reconhecer, ainda que custe e amargue, que não se é integralmente católico, senão enquanto se é integralmente antiliberal. Estas idéias dão uma equação rigorosamente matemática.

Os homens e os partidos (salvo o êrro de boa fé) são católicos por suas doutrinas, enquanto não professam alguma idéia anticatólica; e é claríssimo que professarão doutrina anticatólica sempre que conscientemente no todo ou em parte professem alguma doutrina liberal. Dizer pois: tal partido liberal, ou tal pessoa conscientemente liberal não são católicos, é fórmula tão exata, como dizer — tal coisa branca não é preta, ou tal outra avermelhada não é azul. É simplesmente enunciar de alguém o que lògicamente resulta de aplicar-lhe o princípio de contradição: *Nequit idem simul esse et non esse.* "Uma coisa não pode ser e não ser ao mesmo tempo." Venha, pois, o mais pintado liberal e diga-nos se há no mundo teorema de matemática que conclua melhor do que êste: Não há partido mais perfeitamente católico do que um partido que seja radicalmente antiliberal.

Não é, pois, partido católico, repetimos, nem aceitável em boa tese católica, senão o que professe, sustente e pratique idéias resolutamente antiliberais. Qualquer outro, por mais respeitável que seja, por mais conservador que se apresente, por mais ordem material que proporcione ao país, por mais benefícios e vantagens que *acidentalmente* ofereça à mesma religião, não é partido católico desde o momento em que se apresente baseado em princípios liberais ou organizado com espírito liberal, ou dirigido a fins liberais. E dizemos assim, referindo-nos ao que mais acima indicamos, isto é, que há liberais, que do Liberalismo aceitam os princípios tão sòmente sem querer as aplicações; ao passo que há outros que aceitam as aplicações sem querer admitir (ao menos descaradamente) os princípios.

Repetimos, pois, que um partido liberal não é católico, quer seja liberal quanto aos princípios, quer quanto às aplicações, assim como o branco não é pre-

to, o quadrado não é circular, vale não é montanha e a obscuridade não é luz.

O jornalismo revolucionário que trouxe ao mundo para confusão dêle uma filosofia e uma literatura especialmente suas, inventou também um modo de discorrer especialmente seu. E vem a ser, não discorrer como antigamente se fazia, derivando dos princípios as consequências, mas discorrer como se usa nas praças e ajuntamentos de comadres, movendo-se por impressões, vociferando à direita e à esquerda pomposos palavreados (*sesquipedalia verba*), aturdindo e desnorteando o entendimento próprio e alheio com desatado turbilhão de prosa vulcânica em vez de alumiá-lo e dirigi-lo com a clara e serena luz da bem deduzida argumentação. É igualmente certo que se escandalizará de que neguemos o título de católicos a tantos partidos representados na vida pública por homens, que, de círio na mão, concorrem às nossas procissões, e representados na imprensa por tantos órgãos que entôam endechas pela Semana Santa ao Martir do Gólgota, (puro estilo progressista), ou canções em noite de Natal ao Menino de Belém, e que por isto só se julgam tão representantes de uma política católica, como poderiam sê-lo o grande Cisneros ou a nossa ínclita primeira Isabel. E não obstante, escandalizem-se ou não, dir-lhes-emos que êles são tão católicos como o foram os Luteranos ou Franc-maçoes. Cada coisa é o que é e nada mais. Tôdas as aparências boas não fazem que seja bom o que é mau em sua natureza essencial. E, quer fale como católico, quer faça tudo com a aparência de católico, o liberal será sempre liberal e não católico. Tudo o mais será liberal sem vergonha, que dos católicos anda macaqueando a linguagem, o trajo, as formas e boas aparências.

XLI

DÁ-SE DE PASSAGEM UMA EXPLICAÇÃO MUITO CLARA E SIMPLES DE UM LEMA, POR MUITOS MAL COMPREENDIDO, DA "REVISTA POPULAR"

Como deixais, pois, dirá alguém, em tão crítica situação o lema para muitos tão dogmático e por aí tão apregoado: "Nada, nem um só pensamento à política. — Tudo, até ao último alento à religião?"

Êsse tal lema, meus amigos, fica muito em seu lugar e caracteriza perfeitamente, sem menosprezo das doutrinas até aqui expostas, a publicação de Propaganda Popular, que o escreve tôdas as semanas na frente de suas colunas.

A explicação é óbvia, e nasce do próprio caráter da Propaganda Popular e do sentido meramente popular que nela têm certas e determinadas expressões. Vamos vê-lo ràpidamente.

Política e Religião, no sentido mais elevado e metafísico, não são idéias distintas; ao contrário, a primeira contém-se na segunda como a parte no todo, ou a rama na árvore, para nos servirmos de uma comparação vulgar. A política ou a arte de governar os povos, na sua parte moral (única de que aqui se trata), não é mais do que aplicação dos grandes princípios da Religião à direção da sociedade pelos devidos meios ao seu fim próprio.

Neste conceito a política é Religião ou parte dela, como o é a arte de reger um mosteiro, ou a lei que preside à vida conjugal, ou o mútuo dever entre pais e filhos; e por isso seria absurdo dizer: "Nada quero com a política, porque quero tudo para a Religião", já que a

política é precisamente uma parte muito importante da Religião, porque é ou deve ser simplesmente uma aplicação em grande escala dos princípios e das regras que para as coisas humanas dita a Religião, que em sua imensa esfera as abrange a tôdas.

Mas o povo não é metafísico; nem nos escritos de Propaganda Popular se dá às palavras a acepção rígida que têm nas escolas.

Falando como metafísico não seria entendido o propagandista nos círculos e lugares, onde procura o seu público especial. Tem pois, necessidade de dar a certas palavras o sentido que lhes dá o povo simples, com quem tem de tratar.

— E que entende o povo por política? — Entende por política o Rei tal ou qual, ou o Presidente da república, cuja efígie vê nas moedas e no papel selado; o ministério de tal ou tal feição, que caiu ou que acaba de subir; os deputados que andam em contenda formando a maioria ou a minoria; o governador civil e o alcáide que tomam parte nas lutas eleitorais; as contribuições que tem a pagar; os soldados e empregados que tem de manter, etc. Para o povo é isto a política e tôda a política, e não há para êle esfera mais elevada e transcendental.

Dizer, pois, ao povo: "Não vamos falar-te de política", é dizer-lhe que pelo jornal que se lhe oferece não saberá se há república ou monarquia: se êste ou aquele príncipe de vulgar estirpe ou dinastia real tem o cetro e a corôa mais ou menos democratizados; se manda ou faz a cobrança ou contrata fulano ou sicrano em nome do ministério avançado ou do conservador; se nomearam alcaide a Peres em lugar de Fernandes, ou se fizeram estanqueiro o vizinho da frente em vez do da esquina. E com isto sabe o povo que o tal jornal lhe

não falará de política (que para êle não há outra além desta), mas sòmente de Religião.

Diz, pois, bem e continua dizendo bem, na nossa humilde opinião, a publicação que escreveu pela primeira vez e continua escrevendo como programa seu aquela divisa: *Nada, nem um só pensamento à política*, etc. E entendem-no assim todos os que compreenderem o espírito da publicação desde o primeiro momento, e não necessitarão para entendê-lo de argúcias ou subtilezas.

E a mesma publicação se encarregou de declará-lo, se bem nos lembra, em seu primeiro artigo, onde depois de justificar-se acêrca deste lema para expô-lo no mesmo sentido em que hoje o expusemos, dizia: "Nada com as *passageiras* divisões que perturbam hoje os filhos da nossa pátria. Mande Rei ou mande Roque; entronize-se, se quiserem, a república unitária ou a federal, em tudo que não contrarie os nossos direitos católicos ou não lese as nossas crenças, prometemos-lho à fé de honrados, não lhe faremos oposição. O imutável (atenda-se bem), o eterno, o superior, às *miseráveis intrigas de partido*, eis o que defendemos, e ao que temos consagrado tôda a nossa existência". E em seguida, para melhor se explicar e deixar bem definido ainda para os mais obtusos o verdadeiro sentido da sua frase: "Nada para a política" etc., continuava assim: "Livre-nos Deus, não obstante, de intentar a mais leve censura contra os periódicos sãos, que defendendo a mesma sagrada causa que nós, aspiram à realização de um ideal político talvez mais favorável à sorte do atribulado catolicismo, em nossa pátria e na Europa. Deus sabe quanto os amamos, admiramos e aplaudimos. Merecem bem da Religião e dos bons costumes; são os mestres da nossa inexperiente juventude; à sua sombra benéfica se formou uma geração católica decidida e bri-

lhantemente batalhadora, que está compensando nossas aflições com abundantes consolações. *São nossos modelos, e ainda que de mui longe seguiremos suas pisadas benditas e o rasto de luz que vão deixando em nossa história contemporânea.*" Assim escrevia a *Revista Popular*, de 1 de janeiro de 1871. Tranquilizem-se, pois, os escrupulosos. Nem o nosso lema de hoje contradiz aquêle, nem aquêle deve modificar-se de modo algum para pôr-se em harmonia com êste. Ambas as propagandas vibram de modo uníssono. A que diz ali — *Nada para a política* — e a que aconselha aqui a defesa prática da religião contra o Liberalismo no terreno político, e por meio de um partido político, não são mais que duas vozes irmãs; tão irmãs que podiam chamar-se gêmeas; tão gêmeas, como nascidas de uma só alma e de um só coração.

XLII

UMA OBSERVAÇÃO MUITO PRÁTICA E MUITO DIGNA DE TOMAR-SE EM CONTA SÔBRE O CARÁTER APARENTEMENTE DISTINTO QUE OFERECE O LIBERALISMO EM DISTINTOS PAÍSES E EM DIFERENTES PERÍODOS HISTÓRICOS DE UM MESMO PAÍS

O Liberalismo é, como temos dito, heresia prática tanto como doutrinal, aquêle seu principal caráter explica muitíssimos fenômenos que oferece êste maldito êrro em seu atual desenvolvimento na sociedade moderna. Dentre êstes, o primeiro é a aparente variedade com que se apresenta em cada uma das nações por êle infestadas, o que (a muitos de boa fé, a outros com danado intento) autoriza, segundo parece, a for-

mar a falsa idéia de que não há só um, mas muitos Liberalismos.

Toma com efeito o Liberalismo, em virtude daquêle seu caráter prático, uma certa forma distinta em cada região, e apesar de ser um só o seu conceito intrínseco e essencial (que é a emancipação social da lei cristã, isto é, o naturalismo político) são variadíssimos os aspectos que oferece ao estudo do observador. Compreende-se perfeitamente a razão disto. Uma proposição herética é a mesma, sôa e significa o mesmo em Madri ou em Londres, em Roma, em Paris ou S. Petersburgo. Mas uma doutrina que procurou sempre traduzir-se melhor em fatos e instituições, do que em teses francamente formuladas, há de por fôrça ressentir-se muito do clima regional, do temperamento fisiológico, dos antecedentes históricos, dos interêsses da atualidade, do estado das idéias e de outras mil concomitâncias e circunstâncias. Há de por fôrça, repetimos, ressentir-se de tudo isso, tomando diferentes feições e caracteres exteriores que a façam parecer múltipla, quando na realidade é uma e simplicíssima.

Assim, por exemplo, a quem não houvesse estudado senão o Liberalismo francês, descarado, ébrio de voltairianos rancores contra tudo o que de longe tivesse sabor cristão, haveria de ser difícil nos princípios dêste século compreender o Liberalismo espanhol hipócrita, semimístico, acalentado e quase batisado em sua malfadada nascença em Cadiz com a invocação da Santíssima Trindade, Padre, Filho e Espírito Santo.

Era muito fácil, pois, ao observador superficial ocorrer-lhe então a idéia de que o manso Liberalismo espanhol nada tinha que ver com o furibundo e francamente satânico, que professavam na mesma época os nossos vizinhos.

E não obstante, olhos perspicazes viam já então o que agora tem ensinado, ainda aos mais míopes, a experiência de meio século; que o Liberalismo de círio na mão e cruz ao peito, o Liberalismo que na primeira época constitucional teve por pais e padrinhos a sisudos magistrados, graves sacerdotes e ainda elevadas dignidades eclesiásticas, o Liberalismo que mandava ler os artigos da sua constituição no púlpito de nossas paróquias, e celebrava com repiques de sinos e solenes *Te-Deum* as infernais vitórias do maçonismo sôbre a fé da antiga Espanha, era igualmente tão perverso e satânico, como o que colocava sôbre os altares de Paris a deusa da Razão, e ordenava por decreto oficial a abolição do culto católico em tôda a França.

É que o Liberalismo apresentava-se simplesmente em França, como descaradamente podia fazê-lo ali, em vista do estado social da nação francesa; ao mesmo tempo que se introduzia manhosamente e prosperava em Espanha, como ùnicamente aqui podia crecer e prosperar, em vista do nosso estado social, isto é, disfarçado com máscara de católico, desculpado, ou melhor, protegido e quase trazido pela mão e autorizado com o sêlo oficial por muitos dos mesmos católicos.

Êsse contraste não pode já apresentar-se tão frisante hoje, tais e tão contínuos têm sido os desenganos a cuja claríssima luz se tem estudado a questão, e tal é a que principalmente têm derramado sôbre ela as repetidas declarações da Igreja. Não obstante, não é raro ouvir dizer a muitos alguma coisa disto, julgando ou aparentando crer que se pode ser liberal aqui em certo modo, e que se não pode sê-lo, por exemplo, em França ou em Itália, onde o problema se apresenta colocado em termos distintos; achaque próprio de quem olha mais aos acidentes do assunto que ao seu verdadeiro fundo substâncial.

Tudo isto convinha distinguir, e assim procurámos fazê-lo nestes artigos, porque o diabo entrincheira-se e escuda-se atrás desses *distingos* e confusões, que é um primor. Isto nos obriga além disso a indicar aqui alguns pontos, por onde se verá bem claro o que em certas ocasiões se oferece muito escuro e duvidoso a muita gente.

1.º — O Liberalismo é uno, como é una a raça humana; apesar do que, diversifica nas diferentes nações e climas, assim como a raça humana oferece tipos diferentes em cada região geográfica. E assim como de Adão procedem o negro, o branco e o amarelo, e de uma mesma estirpe e raiz o fogoso francês, o fleugmático alemão, o positivista inglês, e o espanhol e o italiano sonhadores e idealistas; assim de um mesmo tronco e de igual madeira é o liberal que nuns pontos ruge e blasfema como um demônio, e noutros reza e bate no peito como um anacoreta; o que escreve no *Amigo do Povo*, as diatribes venenosas de Marat, como o que com formas urbanas e cortezes seculariza a sociedade ou defende e abona os seus secularizadores, como — *A Época* — ou — *O Imparcial*.

2.º — O Liberalismo, além da forma especial que apresenta em cada nação, em vista da idiossincrasia (esta palavra vale um peru) da mesma, apresenta formas especiais segundo o seu maior ou menor gráu de desenvolvimento em cada país. É uma como tísica maligna que tem diferentes períodos, com sintomas especiais em cada um dêles.

Uma nação, como a França, acha-se no último gráu desta tísica, corrompida já pela putrefação ainda as vísceras mais interiores; outra, como a Espanha, tem ainda intacta uma boa parte, uma grandíssima parte do seu organismo.

Convém, pois, não julgar inteiramente são um indivíduo só porque está relativamente menos enfermo

que o seu vizinho; nem deixar de chamar peste e infecção o que realmente o é, ainda que todavia não apareça com as asquerosas exalações da decomposição e da gangrena. Tão tísica é uma como outra, e esta virá a ser finalmente gangrena como aquela, se não se estirpa com oportunos cautérios. Nem se iluda o pobre tísico de que está bom só porque não vai já apodrecendo em vida como outros mais adiantados na enfermidade, nem acredite em falsos doutores que lhe dizem não ser de temer a moléstia, e que tudo são exagerações e alarmes de pessimistas intransigentes.

3.º — Diferente grau de enfermidade exige diferente tratamento. Isto é evidente *per se*, e não necessita que nos demoremos em demonstrá-lo. Contudo, o esquecimento disto dá lugar na propaganda católica a frequentes embaraços.

Sucede muito a miúdo que regras muito sábias e muito discretas, indicadas por grandes escritores católicos num país contra o Liberalismo, se invocam e aduzem noutro como poderosos argumentos em favor do próprio Liberalismo e contra o proceder que seguem neste último os mais autorizados propagandistas e defensores da boa causa. Ainda há pouco vimos aduzida, como condenatória da linha de proceder dos mais firmes católicos espanhóis, uma citação do famoso Cardeal Manning, lustre da Igreja católica em Inglaterra e que em nada sonha menos do que em ser liberal ou amigo de liberais ingleses ou espanhóis. Que há, pois, aqui? — Simplesmente o que acabamos de fazer notar. *Distingue têmpora*, diz um aforismo jurídico, *et concordabis jura*. Em lugar disto diga-se: *Distingue loca*, e aplique-se ao caso. Vejamos um exemplo: A prescrição do facultativo ditada para um enfermo de tísica em terceiro grau, prejudicará talvez a um de tísica no primeiro; e a receita ordenada para êste, produzirá talvez a morte

instantânea àquele. Assim, remédios muito oportunamente prescritos contra o Liberalismo em uma nação serão contraproducentes aplicados ao estado de outra. Mais claro e sem alegorias: soluções que em Inglaterra aceitaram, pediram e bendisseram aqueles católicos como de imensa vantagem, devem ser combatidas a todo o transe em Espanha como desastrosa calamidade; convenções que fez a Santa Sé com certos Governos e que foram para ela verdadeiras vitórias, podem ser aqui vergonhosas derrotas para a fé; palavras, por conseguinte, com que numa parte combateu muito bem o Liberalismo um grande jornalista ou um sábio Prelado, podem ser noutra armas espantosas com que o Liberalismo faça frente aos esforços dos mais decididos campeões do Catolicismo. E ocorre-nos agora uma observação que temos todos à vista. Os mais decididos fautores do Catolicismo liberal em nossa pátria, não tendes visto como quase sempre, até há pouco tempo, têm recolhido principalmente os seus testemunhos e autoridades da imprensa e do Episcopado belga ou francês?

4.º — Os antecedentes históricos e o estado social presente de cada nação, é que principalmente devem determinar o caráter da propaganda antiliberal nela, como determinam o caráter especial do Liberalismo. Assim, a propaganda antiliberal em Espanha deve ser antes de tudo e sobretudo espanhola, e não francesa, nem belga, alemã, italiana ou inglesa. Em nossas próprias tradições, em nossos próprios hábitos, em nossos próprios escritores, em nosso próprio gênio nacional, há de ir procurar-se o ponto de partida para a própria restauração e as armas para empreendê-la ou acelerá-la.

O bom médico o que primeiro procura é harmonizar os remédios com o temperamento hereditário do seu

enfêrmo. Aqui, como temos sido sempre belicosos, é muito natural que seja sempre alguma coisa belicosa a nossa atitude; aqui, acalentados nas recordações de uma luta popular de sete séculos em defesa da fé, não deve nunca lançar-se em rosto ao povo católico o enorme pecado de haver-se alguma vez levantado em armas para defender a sua religião vilipendiada; aqui, em *Espanha, país da eterna cruzada*, como disse com uma acentuação de nobre inveja o ilustre Padre Faber, a espada do que defende em boa lide o seu Deus, e a pena do que prega com o livro, foram sempre irmãs, nunca inimigas. Aqui, desde Santo Hermenegildo até à guerra da Independência e mais para cá, a defesa armada da fé católica é um fato pouco menos que canonizado. O mesmo dizemos do estilo algum tanto forte, empregado nas polêmicas; o mesmo da pouca consideração concedida ao adversário; o mesmo da santa intransigência que não admite do êrro nem sequer as mais remotas afinidades.

É ao modo espanhol, como nossos pais e avós, como nossos Santos e Mártires; é assim que desejamos que o povo continue defendendo a Santa Religião, e não como talvez aconselha e exige o estado menos varonil de outras nacionalidades.

XLIII

O QUE HÁ SÔBRE A "TESE" E A "HIPÓTESE" NA QUESTÃO DO LIBERALISMO, DE QUE TANTO SE TEM FALADO NESTES ÚLTIMOS TEMPOS?

É êste o lugar mais oportuno para esclarecer algum tanto a questão da *tese* e da *hipótese* que tanto barulho tem feito nestes últimos tempos, e que é um cer-

to reduto ou trincheira em que se tem querido parapeitar ùltimamente o moribundo catolicismo liberal.

Mas êste opúsculo vai-se tornando demasiado extenso, e por isso vemo-nos precisados a dizer sôbre êle poucas, muito poucas palavras.

O que é a *tese?* É o simples e absoluto dever em que está tôda a sociedade ou Estado de se conformar com a lei de Deus, segundo a revelação de seu Filho Jesus Cristo, confiada ao magistério da sua Igreja.

O que é a *hipótese?* É o caso hipotético de uma nação ou Estado, onde por certas razões de impossibilidade moral ou material não pode implantar-se francamente a *tese* ou o reinado exclusivo de Deus, sendo preciso que então se contentem os católicos com o que aquela situação hipotética possa dar de si, tendo-se por muito ditosos se logram sequer evitar a perseguição material ou viver em igualdade de condições com os inimigos da sua fé, ou obter sôbre êles a mais insignificante soma de privilégios civis.

A *tese* refere-se, pois, ao caráter absoluto da verdade: a *hipótese* refere-se às condições mais ou menos duras a que a mesma verdade tem de sujeitar-se algumas vezes na prática, dadas as condições *hipotéticas* de cada nação.

A questão agora é a seguinte: Está a Espanha (o mesmo se pode dizer de alguns outros países) em tais condições hipotéticas que tornem aceitáveis *como mal necessário* a dura opressão em que vive entre nós a verdade católica, e o abominável direito de cidade que se concede ao êrro?

A tantas vezes intentada secularização do matrimônio e dos cemitérios; a horrível licença de corrupção e de blasfêmia, concedida à imprensa; o racionalismo científico imposto à juventude por meio do ensino oficial; estas e outras liberdades de perdição, que cons-

tituem o corpo e alma do Liberalismo, serão de tal modo *exigidas* pelo nosso estado social que já seja de todo o ponto impossível aos governantes prescindir delas? O Liberalismo é aqui um *mal menor* que nós os católicos tenhamos de sofrer como remédio para evitar maiores males; ou é, pelo contrário, um gravíssimo mal, que nos não tem livrado de nenhum, e que ameaça, em troca, trazer-nos muito mais pavoroso e desditosíssimo futuro?

Percorram-se uma por uma tôdas as reformas (falamos da Religião) que de há 60 anos a esta parte tem ido transformando a organização católica da nossa pátria em organização atéia. Qual destas reformas tem sido imperiosamente pedida por uma verdadeira necessidade social? Qual delas não foi introduzida violentamente como uma cunha no coração católico do nosso povo, para que nele fôsse penetrando pouco a pouco, à fôrça de martelar sôbre ela com decretos e mais decretos, a massa feroz do Liberalismo?

Criação oficial têm sido aqui tôdas as chamadas exigências da época; oficialmente se tem implantado aqui a Revolução; oficialmente e da mesa do orçamento se tem sustentado; acampada como um exército invasor, vive sôbre nosso solo, e à custa dele, a sua burocracia, que é a única que explora seus benefícios.

Aqui, menos do que em qualquer outro país, tem brotado espontaneamente a árvore revolucionária; aqui, menos que noutro povo, há logrado sequer lançar raízes. Depois de mais de meio século de imposições oficiais, é aqui postiço ainda tudo quanto é liberal; um levantamento revolucionário o trouxe, outro o podia varrer, sem que em nada se alterasse o fundo da nossa nacionalidade.

Não há evolução alguma do Liberalismo que não tenha sido executada por alguma insurreição militar,

muito mais do que pelo povo; as mesmas eleições que se apregoam como o ato mais sagrado e inviolável dos povos *livres*, não é segrêdo para ninguém, que no-las dá, sempre, feitas à sua imagem e semelhança, o Ministro do Reino.

Que mais? O próprio critério liberal por excelência — o das maiorias — se lealmente se escutasse o seu voto, resolveria a questão em favor da organização católica do país e contra a sua organização liberal ou racionalista.

Com efeito, a última estatística da população dá o seguinte quadro das seitas heterodoxas em nossa pátria. Note-se que os dados não são suspeitos, porque são de origem oficial. Há na Espanha, segundo o último recenseamento:

Judeus	402
Protestantes de várias seitas	6.654
Livres pensadores declarados	452
Indiferentes	358
Espiritistas	258
Racionalistas	236
Deístas	147
Ateus	104
Sectários da moral universal	19
Idem da moral natural	16
Idem da consciência	3
Idem da especulativa	1
Positivistas	9
Materialistas	3
Maometanos	271
Budistas	208
Pagãos (!)	16
Sectários de Confúcio	4
Sem profissão determinada	7.982

Digam-nos agora: Para contentar êstes grupos e grupozinhos de sectários, alguns dos quais teriam bastante trabalho em precisar e definir o símbolo de sua extravagante seita, será razoável que se sacrifique o modo de ser religioso e social de dezoito milhões de espanhóis, que por serem católicos têm direito a viver càtòlicamente e a que càtòlicamente os trate o Estado, a quem servem com o seu sangue e com o seu dinheiro?

Não haverá aqui a mais irritante opressão da maioria por uma minoria audaz e de todo o ponto indigna de influir tão decisivamente nos destinos da pátria?

Que razões de *hipótese* se podem pois invocar aqui para a implantação do Liberalismo, isto é, do ateismo legal em nossa sociedade?

Resumamos:

A tese católica é o direito que têm Deus e o Evangelho de reinar exclusivamente na esfera social, e o dever que têm tôdas as ordens da esfera social de estarem sujeitas a Deus e ao Evangelho.

A *tese* revolucionária é o falso direito que pretende ter a sociedade a viver por si só e sem sujeição alguma a Deus e a sua fé, e em completa emancipação de todo o poder que não proceda dela mesma.

E a *hipótese* que entre estas duas teses nos andam prégando os católicos liberais não é mais do que uma mutilação daqueles absolutos direitos de Deus, sacrificados nas aras de uma falsa concórdia entre êle e o seu inimigo. Para isto (veja-se quão arteira é a Revolução!) procura-se por todos os modos dar a entender e fazer persuadir que a nação espanhola se encontra já em condições tais, que não é permitido buscar para suas rupturas outro gênero de remendos e compostura além dessa espécie de conciliação ou transação entre os pretendidos direitos do Estado rebelde e os verdadeiros direitos de Deus, seu único Rei e Se-

nhor. E entretanto se prégа que a Espanha se encontra já nesta infeliz *hipótese*, o que é falso e não passa de um mau desejo, o que se procura por todos os meios é que esta *hipótese* desejada passe a ser efetiva realidade, e que um ou outro dia chegue a ser verdadeiramente impossível a *tese* católica, tornando-se a *tese* francamente revolucionária inevitável abismo, onde ao mesmo tempo naufraguem a nossa nacionalidade e a nossa fé.

Grande responsabilidade contrairá perante Deus e perante a pátria quem por palavras ou ações, por direta comissão ou simples omissão, se haja feito cumplice desta horrível cilada: pela qual com falsas desculpas de *mal menor* e de *hipotéticas* circunstâncias, se não consegue mais que anular os esforços dos que sustentam ser ainda possível para a Espanha a íntegra soberania social de Deus, e auxiliar os que pretendem que nela chegue a ser um dia absoluta a soberania social do demônio!

EPÍLOGO E CONCLUSÃO

Basta já. Estas simples reflexões não as ditou a paixão de partido, nem as inspirou algum móbil de humano rancor.

Fazemos diante de Deus êste protesto, como o faríamos à hora da morte, na ante-sala já do seu tremendo tribunal.

Procuramos ser mais lógicos do que eloquentes. Se bem se considera, ver-se-á que temos tirado umas das outras as nossas deduções, ainda as mais duras, e tôdas de um sólido princípio comum, não com as tortuosidades do sofisma, senão com o leal raciocínio em linha reta, que nem à direita nem à es-

querda se torce por amor ou por temor. O que nos ensinaram como certo e seguro em face da Igreja, nos livros de Teologia dogmática e moral, eis o que simplesmente procuramos apresentar a nossos leitores.

Lançamos aos quatro ventos estas humildes páginas; leve-as onde quiser o sôpro de Deus. Se algum bem podem fazer, façam-no por sua conta; e sirva isso de descargo de seus muitos pecados ao bem intencionado autor.

Mais uma palavra, é a última e quiçá a mais importante. Com argumentos e réplicas obriga-se talvez o adversário a emudecer, e não é isto pouco em algumas ocasiões. Porém só com isto não se alcança muitas vêzes a sua conversão. Para isto costumam valer tanto ou mais as fervorosas orações do que os mais bem deduzidos raciocínios.

Mais vitórias logrou para a Igreja de Deus o gemido do coração de seus filhos, do que a pena de seus controversistas e a espada de seus capitães.

Seja pois aquela a arma principal de nossos combates, sem desprezar as outras. Pela oração caíram os muros de Jericó, mais do que ao embate das máquinas de guerra; nem Josué teria vencido o feroz Amalech, se Moisés de mãos erguidas não estivera em ardente oração durante a batalha.

Orem, pois, todos os bons, e orem sem descanso. E seja conseguintemente o verdadeiro epílogo dêstes artigos o que vem a resumir todo o objeto dêles: *Ecclesiae tuae, quaesumus Domine, preces placatus admitte, ut, destructis adversitatibus et erroribus universis, secura Tibi serviat libertate.*

FIM